



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

KAUANA SCABORI DOS SANTOS

**RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO EM ALGUMAS
LOCALIDADES PARANAENSES:
DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

KAUANA SCABORI DOS SANTOS

**RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO EM ALGUMAS
LOCALIDADES PARANAENSES:
DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL.

Scabori dos Santos, Kauana.

RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO EM ALGUMAS LOCALIDADES PARANAENSES: DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL / Kauana Scabori dos Santos. - Londrina, 2020.
185 f. : il.

Orientador: Dircel Aparecida Kailer.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Geolinguística - Tese. 2. Sociolinguística Variacionista Quantitativa - Tese.
3. Fonética Articulatória - Tese. 4. Róticos em ataque no Paraná - Tese. I. Aparecida Kailer, Dircel . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
III. Título.

CDU 8

KAUANA SCABORI DOS SANTOS

**RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO EM ALGUMAS
LOCALIDADES PARANAENSES:
DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
UNIOESTE

Londrina, 13 de abril de 2020.

*Dedico esta dissertação à minha família,
aos informantes e aos membros que
compõem a equipe do ALiB.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dircel Aparecida Kailer, pela confiança e por todas as orientações dedicadas no decorrer desses dois anos de trabalho.

À Fabiane Cristina Altino, Sanimar Busse, Vanderci de Andrade Aguilera e demais professores do PPGEL, pelas sábias e valiosas contribuições.

Ao Geógrafo Marcelo Gonçalves, pela paciência e suporte na confecção dos mapas.

Ao meu amigo Ed Carlos Pagani, pelas horas de estudo dedicadas ao Programa R.

À Romina Leonor Toranzos por todo o companheirismo, auxílio com o espanhol e por proporcionar tantas experiências culturais as quais eu jamais pensara ter um dia.

Ao grupo de amigos do Departamento de Física da Universidade Estadual de Londrina (Daina Arenas, Daniel Sanchez Lopez, Vitor e Alamzeb Khan) por toda ajuda com explicações sobre os programas estatísticos e pelas rodas de conversas em inglês/espanhol.

Aos colegas da Pós-graduação, em especial à Édina de Fatima de Almeida, Flávia Pereira Serra, Natália Cristina Martins de Sá, Nayara Maiara, Patrícia Medeiros Galvão, Marilíce Zavagli Marson e ao João Carlos Domingues Rodrigues.

À Ariadne Suzuki de Lima, por todas as horas de conversas dedicadas a mim. Às companheiras Marjorie Cristina Coloma, Francine Spinetti e Carlota Verônica.

À minha família, pela paciência e compreensão diante dos meus momentos de ausência.

Em especial, agradeço aos meus avós (Rubens Scabori e Luzia Grolinha Brasilino Scabori) que diziam, aos finais das visitas na chácara, “Estudar bastante!”.

À associação SSVP (Sociedade São Vicente de Paulo) de Londrina por entender meu afastamento das reuniões.

Ao Programa de Pós-Graduação do CLCH, pela equipe atenciosa e prestativa da secretaria do PPGEL.

À Universidade Estadual de Londrina (UEL) por disponibilizar a sala do laboratório do Projeto ALiB para o recorte dos áudios e por conceder materiais de qualidade para a pesquisa.

Por último, agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa em nível de mestrado.

*(In memoriam) Suzana Alice Marcelino da
Silva Cardoso (2002, p. 190): “O falante é
visto como um ser geograficamente
situado, mas socialmente comprometido e
em múltiplas direções”.*

SCABORI-SANTOS, K. **Róticos em ataque silábico em algumas localidades paranaenses**: dados do Atlas Linguístico do Brasil. 2020. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

A variação fonética, comumente chamada de *sotaque* de acordo com a região, é perceptível aos falantes em geral, porque permite reconhecer o modo de falar característico do indivíduo ou da comunidade. É nessa perspectiva que se insere esta dissertação que, à luz dos aportes teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]) e da Geolinguística (THUN, 2005), objetiva identificar as variantes róticas em posição de ataque silábico simples (consoante e vogal) na fala de 36 informantes distribuídos por nove localidades paranaenses. Os dados, coletados e disponibilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), registram a fala dos informantes estratificados de acordo com as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos), sexo (homem e mulher), e escolaridade. Norteiam esta dissertação os seguintes objetivos específicos: (i) analisar se os contextos linguísticos (classe morfológica, vogal da sílaba alvo, extensão silábica e posição do /R/ na palavra) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, localidade, estilo de produção de fala) atuam no predomínio de uma ou de outra variante rótica nos falares dos informantes paranaenses das localidades de Londrina, Umuarama, Tomazina, Piraí do Sul, Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão; (ii) investigar a mudança em progresso da variante fricativa glotal (posterior) nas localidades supracitadas do Estado do Paraná; (iii) constatar por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), dos Discursos Semidirigidos (relato pessoal) e da Leitura se o grau de monitoramento aponta para estigma das variantes róticas anteriores ([r] e [r]) e prestígio dos róticos posteriores ([h] e [x]) em ataque silábico; (iv) verificar, no falar dos informantes paranaenses, se a posteriorização do /R/ é governada pelos mesmos fatores (espaço geográfico, histórico de contato linguístico e faixa etária) apontados por Ribas (2003), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), Aguilera e Biolada (2015), Carlos (2015), Costa e Cotovicz (2015) e Justina (2018); e (v) comparar as variantes róticas no ataque inicial e medial por meio de duas cartas fonéticas, sendo uma elaborada com parte dos dados do ALiB (2001) e outra contemplada no Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2007). Os resultados apontaram para maior predomínio das variantes róticas posteriores (fricativa glotal, fricativa velar, retroflexa) e baixa ocorrência das variantes anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar) na posição inicial, e aumento considerável da variante tepe na posição medial em algumas localidades. Esse resultado, possivelmente, encontra motivação no desenvolvimento sócio-histórico do Estado do Paraná, devido à miscigenação e ao contato linguístico no período da colonização.

Palavras-chave: Geolinguística. Sociolinguística Variacionista Quantitativa. Fonética Articulatória. Róticos em ataque no Paraná.

SCABORI-SANTOS, K. **Rhotics in syllabic onset in some localities in Paraná**: data from the Linguistic Atlas of Brazil. 2020. 184 p. Dissertation (Master in Language Studies) - State University of Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

The Phonetic variation, commonly called as *accent* according to the region, is noticeable to speakers in general, because it allows them to recognize the characteristic way of speaking of an individual or community. It is in this perspective that this dissertation is inserted, which, in the light of the theoretical-methodological contributions of Quantitative Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), and Geolinguistics (THUN, 2005), aims to identify the rhotic variants in a position of simple syllabic onsets (consonant and vowel) in the speech of 36 informants spread over nine localities in Paraná. The data, collected and made available by the Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Linguistic Atlas of Brazil Project), record the speech of the informants stratified according to the age groups I (18 to 30 years) and II (50 to 65 years), gender (man and woman), and schooling. The following specific objectives guide this dissertation: (i) to analyze whether linguistic contexts (morphological class, target syllabic vowel, syllabic division, and /R/ word position) and extralinguistic contexts (gender, age group, locality, production speech style) act in the predominance of one or another rotating variant in the informants speeches of Londrina, Umuarama, Tomazina, Piraí do Sul, Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa and Barracão; (ii) to investigate the ongoing change in the glottic fricative variant (posterior) in some locations of Paraná; (iii) to describe through the Phonetic-Phonological Questionnaire, Semi-Directed Speeches – personal report – and Reading if the degree of monitoring points to the stigma of the variants ([r] and [r̥]) and the prestige of the rhotics ([h] and [x]) in the syllabic onset; (iv) to verify, in the speech of the Paraná informants, if the posteriorization of /R/ is headed by the same factors (geographic space, history of linguistic contact and age group) pointed out by Ribas (2003), Brescancini and Monaretto (2008), Busse (2010), Aguilera and Biolada (2015), Carlos (2015), Costa and Cotovicz (2015), and Justina (2018); in addition (v) to compare the rhotics variants in the initial and medial onset using two phonetic maps, one with part of the data from ALiB (2001) and the other one published in the Linguistic Atlas of Paraná II (ALTINO, 2007). The results pointed to a greater predominance of posterior rhotics variants (glottic fricative, velar fricative, retroflex) and low occurrence of anterior variants (vibrant multiple and alveolar tepe) in the initial position. In addition, it showed considerable increase in the medial tepe variant in some locations. This result is possibly motivated by the socio-historical development of the State of Paraná, due to miscegenation and linguistic contact in the colonization period.

Keywords: Geolinguistics. Quantitative Variationist Sociolinguistics. Articulatory Phonetics. Rhotic onset in Paraná.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– A formação da perspectiva Pluridimensional	25
Figura 2	– Revisão crítica para os Atlas Estaduais	31
Figura 3	– Rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB	44
Figura 4	– Estrutura para o fonema /R/ em ataque silábico	56
Figura 5	– Representação acústica do /R/ vibrante no ponto alveolar	60
Figura 6	– Representação acústica do /R/ tepe no ponto alveolar	61
Figura 7	– Representação acústica do /R/ fricativo no ponto glotal e velar	62
Figura 8	– Localização do Estado do Paraná.....	75
Figura 9	– A ocupação de imigrantes no Paraná entre 1900/1920	78
Figura 10	– (208) Londrina.....	83
Figura 11	– (210) Umuarama	85
Figura 12	– (211) Tomazina	86
Figura 13	– (214) Piraí do Sul	88
Figura 14	– (215) Toledo.....	90
Figura 15	– (219) Guarapuava	92
Figura 16	– (221) Morretes.....	94
Figura 17	– (222) Lapa.....	96
Figura 18	– (223) Barracão	98
Figura 19	– Programa estatístico e a inserção dos comandos.....	113
Figura 20	– Distribuição diatópica das variantes róticas em posição inicial no Estado do Paraná	135
Figura 21	– Carta fonética para a lexia /RatO/ contemplada no ALPR II (ALTINO, 2007).....	137
Figura 22	– Distribuição diatópica das variantes róticas em posição medial no Estado do Paraná.....	156
Figura 23	– Carta fonética para a lexia /ESpiRO/ contemplada no ALPR II....	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Variantes róticas em ataque silábico no início de palavra.....	116
Gráfico 2	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a classe morfológica	119
Gráfico 3	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a vogal da sílaba alvo	121
Gráfico 4	– Variantes róticas em ataque silábico de acordo com a extensão silábica	123
Gráfico 5	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a faixa etária.....	125
Gráfico 6	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com o sexo	126
Gráfico 7	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a localidade.....	129
Gráfico 8	– Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com o estilo de produção de fala	132
Gráfico 9	– Estilo de fala e a produtividade do /R/ no início de palavra.....	134
Gráfico 10	– Variantes róticas em ataque silábico no meio de palavra	139
Gráfico 11	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a classe morfológica	141
Gráfico 12	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a vogal da sílaba alvo	142
Gráfico 13	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a extensão silábica.....	144
Gráfico 14	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a faixa etária.....	146
Gráfico 15	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com o sexo	148
Gráfico 16	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a localidade.....	150
Gráfico 17	– Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com o estilo de produção de fala	153
Gráfico 18	– Estilo de fala e a produtividade do /R/ no início de palavra.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Taxa populacional paranaense de 1940 até o ano 2000.....	80
Tabela 2	– Taxa de ocupação de homens e mulheres de 1992 até o ano 2001	81
Tabela 3	– Ocorrência das variantes em ataque silábico inicial e medial	115
Tabela 4	– Profissão e a variável sexo (homem e mulher)	127
Tabela 5	– Resultado da carta fonética nº 327 do ALPR II	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões para a variação linguística contempladas nos Atlas Linguísticos Pluridimensionais	26
Quadro 2 – Revisão crítica dos trabalhos concluídos e em andamento no Paraná.....	35
Quadro 3 – Atlas linguísticos estaduais e regionais do Paraná	40
Quadro 4 – Variantes róticas no PB e no PE	54
Quadro 5 – Ocorrência do /R/ nos trabalhos geolinguísticos e sociolinguísticos nacionais	65
Quadro 6 – Seleção da rede de pontos no Estado do Paraná e a estratificação dos informantes.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALAP	Atlas Linguístico do Amapá
ALEAL	Atlas Linguístico-Etnográfico de Alagoas
ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALEMIG	Atlas Linguístico do Estado de Minas Gerais
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALES	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALESP	Atlas Linguístico de São Paulo
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiMAT	Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso
ALINGO	Atlas Linguístico de Goiás
ALiPE	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALiRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiRO	Atlas Linguístico de Rondônia
ALIPA	Atlas Linguístico do Pará
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALiSon-Rio	Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro
ALITTETO	Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado Tocantins
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPR II	Atlas Linguístico do Paraná II
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
CNTP	Companhia de Terras do Norte do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PB	Português falado no Brasil
PE	Português falado em Portugal

LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS DO *INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET* – IPA

Realizamos as transcrições fonéticas (modo e ponto de articulação), seguindo os símbolos descritos pelo IPA (2005), como descrito abaixo:

Consoantes

[p]	oclusiva bilabial desvozeada
[b]	oclusiva bilabial vozeada
[t]	oclusiva alveolar desvozeada
[d]	oclusiva alveolar desvozeada
[k]	oclusiva velar desvozeada
[g]	oclusiva velar vozeada
[m]	nasal bilabial vozeada
[n]	nasal alveolar vozeada
[ɲ]	nasal palatal vozeada
[f]	fricativa labiodental desvozeada
[v]	fricativa labiodental vozeada
[s]	fricativa alveolar desvozeada
[z]	fricativa alveolar vozeada
[ʃ]	fricativa alveopalatal desvozeada
[ʒ]	fricativa alveopalatal vozeada
[tʃ]	africada alveopalatal desvozeada
[dʒ]	africada alveopalatal vozeada
[l]	aproximante lateral alveolar vozeada
[ʎ]	aproximante lateral palatal vozeada

Consoantes róticas¹

[x]	fricativa velar desvozeada
[χ]	fricativa velar vozeada
[h]	fricativa glotal desvozeada
[ɦ]	fricativa glotal vozeada

¹Para análise das cartas fonéticas do ALPR, seguimos a atualização das variantes róticas de Altino (2007).

- [r] vibrante alveolar vozeada
- [r] tepe alveolar vozeado
- [ɾ] aproximante retroflexa vozeada

Vogais

- [i] vogal alta anterior não arredondada
- [u] vogal alta posterior arredondada
- [e] vogal média alta anterior não arredondada
- [o] vogal média alta posterior arredondada
- [ɛ] vogal média baixa anterior não arredondada
- [ɔ] vogal média baixa posterior arredondada
- [a] vogal central baixa aberta

Diacrítico

- [~] nasalizado

Suprasssegmentos

- [ˈ] acento primário
- [ˌ] acento secundário

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	19
1	CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA	23
1.1	O PERCURSO DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL NA EUROPA E NO BRASIL	23
1.2	O PARANÁ NO CENÁRIO DIALETOLÓGICO, GEOLINGUÍSTICO E SOCIOLINGUÍSTICO: A CONTRIBUIÇÃO DE AGUILERA (1994)	32
1.3	NAS TRILHAS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB): O PROJETO ALMEJADO POR NASCENTES (1953).....	41
1.4	A SOCIOLINGUÍSTICA DE WILLIAM LABOV: A PERSPECTIVA VARIACIONISTA QUANTITATIVA	45
2	CAPÍTULO 2 – A VARIAÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS E EM OUTRAS LÍNGUAS	52
2.1	HISTÓRIA DA LÍNGUA: AS CORRENTES E O PERCURSO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL (PB)	52
2.2	O CONTATO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO NA LÍNGUA FALADA	53
2.3	CONSOANTE E VOGAL (CV): CONFIGURAÇÕES DO ATAQUE SILÁBICO.....	55
2.4	DESCRIÇÃO ARTICULATÓRIA: AS VARIANTES RÓTICAS	58
3	CAPÍTULO 3 – ESTADO DA ARTE: AS VARIANTES RÓTICAS EM ATAQUE NOS TRABALHOS GEOLINGUÍSTICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS	64
3.1	/R/ EM ATAQUE CONTEMPLADO EM TRABALHOS GEOLINGUÍSTICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS	64
4	CAPÍTULO 4 – REDE DE PONTOS DA REGIÃO EM ESTUDO: UM PANORAMA DO PARANÁ	73
4.1	A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO PARANÁ.....	73
4.2	O CAMINHO DO PARANÁ NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	76
4.3.	ASPECTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS MUNICÍPIOS.....	82

5	CAPÍTULO 5 – ASPECTOS METODOLÓGICOS: SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	100
5.1	Os CRITÉRIOS METODOLÓGICOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL – ALIB.....	100
5.2	DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	101
5.3	QUESTIONÁRIO ALIB: AS LEXIAS RECORTADAS.....	102
5.4	TRATAMENTO ACÚSTICO APLICADO AOS DADOS E O PROCESSO DE CODIFICAÇÃO DAS AMOSTRAS.....	103
5.5	FATORES LINGÜÍSTICOS.....	104
5.5.1	Classe Morfológica	105
5.5.2	Posição do /R/ na Palavra	106
5.5.3	Vogal da Sílabla Alvo	106
5.5.4	Número de Sílabas	107
5.6	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS	107
5.6.1	Sexo	108
5.6.2	Faixa Etária	109
5.6.3	Localidade	110
5.6.4	Estilo de Produção de Fala.....	110
5.7	PROGRAMA ESTATÍSTICO – PLATAFORMA R	112
6	CAPÍTULO 6 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O QUE OS DADOS DO ALIB NAS LOCALIDADES PARANAENSES INDICAM PARA OS RÓTICOS EM ATAQUE?	115
6.1.	DESCRIÇÕES DOS DADOS: NÚMERO ABSOLUTO	115
6.2.	ANÁLISES DOS DADOS – ATAQUE SILÁBICO EM POSIÇÃO INICIAL.....	116
6.3.	CONFRONTANDO OS DADOS EM ATAQUE INICIAL.....	138
6.4.	ANÁLISES DOS DADOS – ATAQUE SILÁBICO EM POSIÇÃO MEDIAL.....	139
6.5.	CONFRONTANDO OS DADOS EM ATAQUE MEDIAL.....	159
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE NOSSOS RESULTADOS	163
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166

APÊNDICE	181
APÊNDICE A – Segmentação dos dados estratificados no programa Excel.....	182
ANEXO	183
ANEXO A – Carta de aceite referente à autorização dos dados	184

INTRODUÇÃO

A variação na língua falada, principalmente referente à pronúncia do /R/ nos falares do Brasil, é percebida de oitiva pelos indivíduos de modo geral, sendo uma das consoantes que mais apresenta variação no Português falado no Brasil, tanto em posição inicial da sílaba ([^hrɔzɐ], [^hrɔzɐ], [^hɔzɐ], [^hxɔzɐ] e [^Rɔzɐ]), quanto no interior da palavra ([^hvaheɾ], [^hvareɾ], [^hvaReh] e [^hvaxeh])².

Segundo Callou e Leite (1995), o /R/ pode ocorrer no ponto e modo de articulação como: fricativa glotal, fricativa velar, vibrante uvular, vibrante múltipla (/r/ forte), tepe alveolar (/r/ brando), tepe fricativizado, retroflexo, retroflexo fricativizado, aproximante alveolar, aproximante retroflexa, entre outras, assim denominadas de variantes róticas (conjunto de uma variável representada nesta dissertação pelo arquifonema /R/).

À luz da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]) e da Geolinguística (THUN, 2005), esta dissertação propõe-se a investigar a produtividade do /R/ na posição de ataque silábico em nove localidades paranaenses (Londrina, Umuarama, Tomazina, Piraí do Sul, Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão).

As pesquisas referentes à variação do /R/ em ataque silábico tem se mostrado mais presentes, como demonstra os trabalhos publicados de: Callou (1987), Ribas (2003), Rigatti (2003), Costa (2006), Fraga (2006), Rodrigues (2007), Vegini (2007), Brescancini e Monaretto (2008), Deus (2009), Busse (2010), Campos, Brod e Seara (2013), Lima (2013), Scherer (2013), Aguilera e Biolada (2015), Carlos (2015), Costa e Cotovicz (2015), Rennieke (2016), Toha (2016), Pereira, Hagemeyer e Freitas (2018), e Justina (2018). Por isso, consideramos válida a contribuição da presente dissertação na descrição das variantes róticas em ataque silábico no falar paranaense, ainda carente de investigação sistemática nos pontos de inquérito do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Assim, esta dissertação busca responder as seguintes perguntas: (i) Os dados do ALiB apontam para variação significativa do /R/ em ataque silábico inicial e medial no Paraná (PR)? (ii) O fator socio-histórico e sócio-linguístico favorecem a

²Os seguintes símbolos: [r], [r̥], [h], [x], [ʀ] e [R] serão utilizados no decorrer desta dissertação para fazer referência aos róticos, cuja descrição referente ao modo e ao ponto de articulação aparecem descritos na tabela IPA (2005).

compreensão do motivo que leva as variantes anteriores (['roze] e ['roze]) fazerem-se mais produtivas em algumas localidades do Estado? (iii) A segunda faixa etária (50 a 65 anos) é a responsável por manter a produção da variante vibrante múltipla [r] no falar paranaense? (iv) A monitoração exercida pelos informantes durante a leitura pode indicar o motivo do processo de posteriorização das variantes róticas em ataque? (v) Podemos afirmar que existe um processo de posteriorização já consolidado nas localidades paranaenses, como sugerem Brescancini e Monaretto (2008)?

A fim de responder aos questionamentos, estabelecemos as seguintes hipóteses: (1) acreditamos que a variação do /R/ é motivada pelos fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, localidade e estilo de fala); (2) a produtividade de róticos anteriores no falar paranaense é governada pelo desenvolvimento socio-histórico e por meio do contato linguístico que existiu durante o processo imigratório; (3) os informantes da segunda faixa etária favorecem mais a realização das variantes anteriores, principalmente da variante tepe em início e no meio de palavra, (4) a partir do discurso mais ou menos monitorado, é possível tentar inferir o prestígio que os informantes atribuem aos róticos posteriores, justificando o processo de posteriorização; (5) a posteriorização é motivada pelos mesmos fatores identificados por Callou (1987), Brescancini e Monaretto (2008) e Justina (2018); e (6) é possível prever a mudança em curso do /R/ a partir da comparação dos dados do ALPR II (2007) com os dados do ALiB (2001).

O objetivo geral desta dissertação é averiguar, examinar, deduzir e constatar as variantes róticas em ataque silábico no falar paranaense, mais detidamente, em algumas localidades das seguintes regiões do Estado do Paraná: Norte Central (Londrina), Noroeste (Umuarama), Norte Pioneiro (Tomazina), Centro-Oriental (Piraí do Sul), Oeste (Toledo), Centro-Sul (Guarapuava), Região Metropolitana de Curitiba (Lapa), Litoral (Morretes) e Sudoeste (Barracão).

Norteiam esta dissertação os seguintes objetivos específicos:

- Analisar se os contextos linguísticos (classe morfológica, vogal da sílaba alvo, extensão silábica e posição do /R/ na palavra) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, localidade, estilo de produção de fala) atuam no predomínio de uma ou de outra variante rótica nos falares paranaenses;
- Investigar a mudança em progresso da variante fricativa glotal (posterior) nas localidades do Estado do Paraná;

- Constatar, por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), dos Discursos Semidirigidos (DSM) e da Leitura, se o grau de monitoramento aponta para estigma das variantes róticas anteriores ([r] e [r]) e prestígio dos róticos posteriores ([h], [x] e [R]) em ataque silábico;
- Verificar, no falar dos informantes paranaenses, se a posteriorização do /R/ é governada pelos mesmos fatores (espaço geográfico, histórico de contato linguístico e faixa etária) apontados por Ribas (2003), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), Aguilera; Biolada (2015), Carlos (2015), Costa; Cotovicz (2015) e Justina (2018);
- Comparar as variantes róticas no ataque inicial e medial por meio de duas cartas fonéticas, sendo uma elaborada com parte dos dados do ALiB (2001) e outra contemplada no Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2007).

Para atender aos objetivos pontuados, optamos pelo critério científico metodológico descritivo quantitativo, com intuito de estratificar e analisar as variantes róticas em trinta e seis entrevistas gravadas (totalizando 82 horas de duração) junto a informantes da primeira e da segunda faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), nas localidades mapeadas linguisticamente por membros do Projeto ALiB.

A presente dissertação está estruturada em seis capítulos, de modo cronológico e considerando a perspectiva do assunto mais amplo para o mais específico no que tange nosso objeto de estudo (/R/ em ataque). Assim, no capítulo 1, explanamos acerca do percurso da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998), do Paraná como berço das pesquisas descritivas em torno da língua falada no PB, da contribuição da Geolinguística para a base metodológica do Projeto ALiB, e das concepções da Sociolinguística Quantitativa Variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

No capítulo 2, discorremos sobre as correntes da História da Língua no PB, tratamos da mudança das variantes róticas na língua falada, descrevemos as configurações para o ataque silábico e apresentamos algumas das articulações possíveis do ponto de vista da fonética articulatória para o /R/.

No capítulo 3, apresentamos o estado da arte que expõe alguns dos trabalhos geolinguísticos e sociolinguísticos que investigaram a variação do /R/ na posição de ataque silábico simples (consoante e vogal – CV) tanto no início quanto no meio da palavra.

No capítulo 4, contemplamos a rede de pontos, onde trilhamos a constituição histórica, econômica e social do Estado do Paraná e das localidades selecionadas, as quais compõem parte dos dados extraídos do *corpus* ALiB.

No capítulo 5, descrevemos os pressupostos teórico-metodológicos do Projeto ALiB, a constituição do *corpus*, os procedimentos para a obtenção, geração e análise das amostras, além detalhar os fatores linguísticos e extralinguísticos utilizados na estratificação dos dados. Em seguida, discorreremos sobre como foram feitas as rodadas por meio da Plataforma R (*RStudio*).

No capítulo 6, apresentamos os gráficos referentes às realizações das variantes róticas em ataque silábico em posição inicial e medial, separando os resultados por contextos linguísticos e por contextos extralinguísticos.

Ao final, expomos as considerações finais para os resultados alcançados, a retomada das hipóteses e dos objetivos específicos, e ressaltamos as possíveis contribuições da presente investigação do /R/ em ataque para os pesquisadores da área de estudos da linguagem voltados às investigações do multifacetado /R/.

1 CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, descrevemos os conceitos da Dialetoлогия monodimensional até a perspectiva da pluridimensionalidade, explanamos sobre as dimensões consideradas pelo método da Geografia Linguística (THUN, 1998), abordamos a Dialetoлогия no PB e, por fim, seguimos para a Sociolinguística Quantitativa Variacionista de Labov (2008 [1972]).

1.1. O PERCURSO DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL NA EUROPA E NO BRASIL

Buscamos em Trudgill e Hernández Campoy (2007, p. 104, tradução da autora) a definição sobre o termo dialeto, uma vez que, de acordo com os autores, trata-se de “uma variedade regional ou social de uma língua que se diferencia de outras por traços específicos de gramática, fonologia e léxico, e que pode ser associada com um sotaque geográfico ou social distinto”³. Partindo dessa consideração, entendemos que a Dialetoлогия analisa as variedades dialetais e regionais, cujos contextos sociais (histórico, geográfico, entre outros) condicionam as variantes linguísticas nos diferentes níveis da linguagem.

Coseriu (1987 [1953]), em seus estudos publicados no capítulo *La Geografía Lingüística*, já chamava a atenção para as investigações em torno da mudança linguística, enfatizando a significância do plano diatópico como um dos pontos de partida às análises dos fenômenos da linguagem. O estudioso da área também aclarou a necessidade das dimensões do ponto de vista diageracional, diafásico, diamésico, diassexual, entre outros, no mapeamento mais preciso para o falar dos indivíduos em diferentes espaços geográficos.

Para Rossi (1967), a Dialetoлогия estabelece princípios teóricos pautados em métodos maleáveis e em prol de investigações no âmbito da linguagem, dessa forma, o teórico enfatiza o alcance e a dimensão do método da geolinguístico para a ciência da linguagem. Nas palavras do autor,

[...] todos reconhecem sem contestação que o método geográfico-lingüístico tem contribuído [...] para o progresso da ciência da linguagem, quer nos seus

³“una variedad regional o social de una lengua que se diferencia de otras por rasgos específicos de gramática, fonología y léxico, y que puede ser asociada con un acento geográfico o social distintivo” (TRUDGILL; HERNÁNDEZ CAMPOY, 2007, p. 104).

aspectos históricos, sócio-culturais, quer nos seus aspectos estruturais (ROSSI, 1967, p. 89).

Segundo Rossi (1967), os Atlas linguísticos apresentam-se como o trabalho mais importante do século XX, devido à preocupação dos dialetólogos em descrever a realidade linguística de uma nação. O pesquisador menciona o Atlas Linguístico da França – ALF, que foi desenvolvido por Gilliéron e Edmont (1902-1910), como o primeiro atlas monodimensional responsável por motivar os demais dialetólogos.

Ainda de acordo com Rossi (1967, p. 93), a partir da publicação do ALF ocorreu uma falta de atenção quanto à análise mais profunda dos espaços geográficos, com pesquisas mais delimitadas nas regiões menores. Desse modo, a partir da alusão aos atlas regionais e à metodologia a ser utilizada nas investigações dos fenômenos linguísticos, o autor enfatiza e reconhece: “destaque não apenas às isoglossas "horizontais", mas também às isoglossas "verticais" [...] já então partindo não de pressupostos extra-lingüísticos, mas de dados de lingüística interna [...]”.

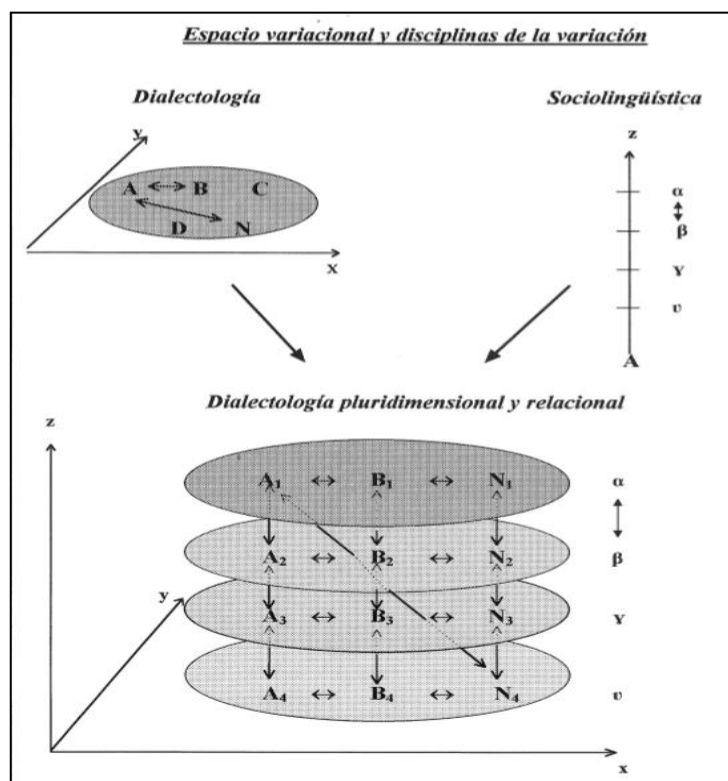
Nesse sentido, Thun (1998, p. 367) discorre a respeito do espaço que a perspectiva pluridimensional passou a ganhar nas pesquisas com metodologia geolinguística. Dessa forma, argumentando que não somente Gilliéron foi responsável por desenvolver um atlas com vasta rede de pontos, como também na Alemanha já existiam trabalhos ou fascículos direcionados para essa linha de pesquisa.

A colocação feita pelo dialetólogo é justificada por meio do Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central (WENKER, 1881), que contempla uma rede de 30.000 pontos com seis mapas fonéticos. Nas palavras de Thun (1998, p. 703, tradução da autora), “não só a Dialetologia Alemã, mas também a europeia estabelecida, tem uma tarefa na exploração da estratificação dialética vertical”⁴. Dessa forma, apresentando a perspectiva que contempla o eixo horizontal e vertical, com objetivo de expor a metodologia da Dialetologia Pluridimensional.

Neste sentido, Thun (2005, p. 67) organizou um esquema para incluir na vertente da Dialetologia Tradicional os níveis propostos pela Sociolinguística Quantitativa Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Essa nova perspectiva está ilustrada na Figura 1:

⁴“Nicht nur auf die deutsche, sondern auf die gesamte europäische Dialektologie wartet in der Erforschung der vertikalen Mundarschichtung eine Aufgabe” (THUN, 1998, p. 703).

Figura 1 – A formação da perspectiva Pluridimensional



Fonte: Thun (2005, p. 67).

De acordo com Thun (2005), na horizontal, os pontos (x) e (y) (primeira camada) dizem respeito à delimitação territorial e aos grupos de indivíduos, e, na vertical, os níveis (A) e (z) fazem referência às camadas verticais do estrato social, isto é, o perfil dos informantes (sexo, idade, escolaridade, entre outros).

Para Thun (2005), a pluridimensionalidade teve início a partir de três trabalhos geolinguísticos desenvolvidos na Península Ibérica, especificados a seguir:

(a) na monografia de O. Winkelmann (1989) [...] (b) na tese de doutorado de meu colaborador F. Boller (1995) [...] (c) no projeto do Atlas Lingüístico y Etnográfico de Castilla-La Mancha, de F. Moreno Fernández e P. García Mouton [...]” (THUN, 2005, p. 64, tradução da autora).

Os parâmetros pluridimensionais definidos pelo dialetólogo têm como base o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), o *Atlas lingüístico Guaraní-Románico* (ALGR) e o *Atlas Lingüístico de las Colonias Menonitas* (ALCM), os quais serviram de modelo a outros trabalhos geolinguísticos. Ainda de acordo com

⁵⁴“(a) na monografia de O. Winkelmann (1989) [...] (b) na tese doutoral de meu colaborador F. Boller (1995) [...] (c) no projetado Atlas Lingüístico y Etnográfico de Castilla-La Mancha, de F. Moreno Fernández e P. García Mouton [...]” (THUN, 2005, p. 64).

Thun (2005), esses atlas pluridimensionais relacionam a variação linguística ao espaço geográfico, como no caso do ALCM por considerar os fenômenos linguísticos nas línguas faladas por descendentes da parte baixa da Alemanha. Assim como pode ser verificado no Quadro 1 que contempla a definição atribuída para cada dimensão social:

Quadro 1 – Dimensões para a variação linguística contempladas nos Atlas Linguísticos Pluridimensionais

Dimensões	Parâmetros
1- Dialingual	Fator motivado pelo contato linguístico, por exemplo, as localidades em região de fronteira.
2- Diatópica	Refere-se ao espaço geográfico, diz respeito à dimensão territorial.
3- Diatópica-cinética	Informantes com perfil topestático (grupos estáveis) e topodinâmico (grupos móveis).
4- Diastrática	Refere-se às classes sociais dos informantes nos níveis: classe alta ou baixa.
5- Diageracional	A dimensão diageracional é investigada pelos atlas por meio da faixa etária, resultando na investigação de mais de uma geração, por exemplo, primeira e segunda faixa etária.
6- Diassexual	Entendido como fator estritamente biológico, resultando na classificação homem e mulher.
7- Diafásica	Essa dimensão é a monitoração exercida pelo informante, que pode ser verificada a partir das partes do questionário, por exemplo, questões, relato pessoal e leitura.
8- Diarreferencial	Atitudes linguísticas: fala objetiva e fala metalinguística.

Fonte: Adaptado de Thun (2005, p. 71).

Frente a proposta da Dialetologia Pluridimensional, exibida no Quadro 1, encontramos em Altenhofen (2017, p. 4) a seguinte constatação: “A dialetologia pluridimensional de Thun parece, na verdade, não encontrar limites para sua “curiosidade científica”. Ela reflete, ademais, a busca por completude [...]”. Ainda na visão do autor, essa totalidade dos trabalhos desenvolvidos pelo dialetólogo aproxima-se das ideias de Humboldt, uma vez que os atlas pluridimensionais vão além dos limites geográficos e políticos de um país. Ademais, esses trabalhos geolinguísticos registram não apenas as ocorrências de uma possível mudança na língua, como também representam uma nação por meio das descrições da variação linguística, que se encontram imersas nos fenômenos de ordens sociais (ALTENHOFEN, 2017).

Isquierdo e Romano (2012) também comentam sobre o método da Dialetologia Pluridimensional e salientam a importância dessa perspectiva para os estudos contemporâneos, devido à sua adaptação com o passar do tempo. Esse é um método que, de acordo com os pesquisadores, resultou em diversas críticas até sua abordagem final, mas que, em contrapartida, disseminou-se através das pesquisas descritivas e analíticas sobre as variedades dialetais, preservando o foco da Dialetologia (dimensão diatópica).

Em resumo, frente a essas adequações metodológicas, a Dialetologia posicionou-se de maneira adequada quanto ao acréscimo das variáveis sociais, isso sem renegar a importância da perspectiva diatópica. Assim, a Dialetologia Pluridimensional, a partir da escolha precisa de seus informantes, buscou registrar a língua falada, verificar as motivações da dimensão social de acordo com os fenômenos linguísticos e investigar as diferenças dialetais na perspectiva diatópica.

No Português falado no Brasil, o marco inicial da Dialetologia ocorre com publicação dos estudos dialetais de Borges de Barros e Visconde de Pedra Branca, este último foi responsável por descrever, no século XIX, as diferenças entre a língua portuguesa do Brasil com relação ao português de Portugal. Tais investigações culminaram na publicação da obra *Atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi em 1826 (CARDOSO, 2003).

Para Cardoso (2003, p. 185), o estudo de Visconde de Pedra Branca apresenta as investigações de ordem lexical com direcionamento para as mudanças linguísticas, estabelecendo essa relação “[...] seja pela presença de formas registradas no Brasil e não existentes além-mar, seja pelos novos valores semânticos que assumiu na terra conquistada”.

Ainda segundo Cardoso (2003), existem as pesquisas monográficas – com foco em áreas mais delimitadas pelo pesquisador – que constituem obras inovadoras devido às pesquisas de campo, resultado alcançado graças à publicação da obra de Amadeu Amaral (1920), que olhou para o falar interiorano das específicas⁶ regiões brasileiras.

No Brasil, o desenvolvimento desses estudos dialetológicos resulta em propostas temporais, que consistem na delimitação de fases para cada momento das pesquisas descritivas sobre a linguagem. Essa divisão ocorre porque surgem os trabalhos de natureza lexicográfica, monográfica e, por último, de natureza geolinguística, seguindo uma ordem de acordo com a pesquisa dialetológica para cada período (CARDOSO; MOTA, 2013).

A primeira proposta de organização da Dialetologia no PB é indicada por Nascentes (1953), com a delimitação do primeiro momento da Dialetologia no período que compreende 1826 a 1920, a partir da publicação de alguns trabalhos no Atlas de Adrien Balbi (1826). Já o segundo momento, de 1920 até a década de 70, é publicado “O Dialeto Caipira”, de Amadeu Amaral (1920), resultando, nesta fase (mais precisamente até 1952), em trabalhos de caráter monográficos.

A segunda proposta é elaborada por Cardoso e Ferreira (1994), que mantêm a data da primeira proposta de Nascentes (1953), que vai de 1826 até 1920, e ainda, para essa 1ª fase, acrescentam a obra “O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil”, de José Jorge Paranhos da Silva (1879). A diferença na divisão cronológica das obras dialetológicas encontra-se na segunda fase, porque as pesquisadoras dividem esse período em duas partes, propondo para o segundo momento o período de 1920 até 1952. Esse período tem início com a publicação da obra “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral (1920), os estudos de Nascentes (1922), de Marroquim (1934), “O português do Brasil”, de Renato Mendonça, “O problema da língua brasileira”, de Sílvio Elia (1940), “A língua do Brasil”, de Gladstone Chaves de Melo (1946), “O falar mineiro” (1938) e “Estudos de Dialectologia portuguesa: a linguagem de Goiás” (1944), de José Aparecido Teixeira, “A linguagem popular da Bahia”, de Édison Carneiro (1951), “O elemento afro-negro na língua portuguesa”, de

⁶Sobre o falar de São Paulo, Amadeu Amaral (1920, p. 2) discorre: “[...] o que pretendemos neste desprezioso trabalho (de que pedimos escusa aos componentes) é - caracterizar esse dialeto "caipira", ou, se acham melhor, esse aspecto da dialeção portuguesa em S. Paulo. Não levaremos, por isso, em conta todos os paulistismos que se nos têm deparado, mas apenas aqueles que se filiam nessa velha corrente popular”.

Jacques Raimundo (1933), e “A influência africana no português do Brasil”, de Renato Mendonça (1933)⁷.

Para Cardoso e Ferreira (1994), a segunda fase proposta por Nascentes (1953) pode ser dividida ainda em um terceiro período, cujo início ocorreu em 1952, por meio de um decreto firmado no Governo Getúlio Vargas. Nessa terceira fase, surgem os estudos de caráter geolinguísticos, como a proposta de um atlas linguístico nacional.

Cardoso e Mota (2006) revisitam os estudos dialetológicos com objetivo de propor uma nova ordem cronológica às pesquisas brasileiras, que resulta na subdivisão do terceiro momento da Dialetologia no PB em uma quarta fase. As autoras organizam as fases de acordo com o método de pesquisa dos trabalhos, sendo: lexicográficos, monográficos, geolinguísticos, e por último, de caráter sociolinguísticos. Assim, Cardoso e Mota (2006) delimitam como a primeira fase o período de 1826 até 1920, o segundo momento de 1921 até 1952, a terceira fase de 1953 até 1996 com início do Projeto do ALiB, e a quarta fase de 1996 até os dias atuais.

De acordo com a última divisão dos estudos dialetológicos no PB proposta por Cardoso e Mota (2006), a Geolinguística – ou a Geo-sociolinguística (RAZKY, 1998) – surge no terceiro momento da Dialetologia no Brasil, iniciada em 1963, com a publicação do *Atlas Prévio dos falares Bahianos – APFB* (ROSSI et al., 1963). Em seguida, com outras manifestações de estudos geolinguísticos por meio da publicação de atlas estaduais, como o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS* (FERREIRA et. al, 1987), o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (AGUILERA, 1994), o *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS-II* (CARDOSO, 2002), o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (ALTENHOFEN; KOCH; KLASSMAN, 2002), e o *Atlas Linguístico do Ceará – ALCE* (BESSA, et al., 2010)⁸.

Para Cardoso e Mota (2006, p. 19-20), essa primeira fase de publicação dos atlas estaduais geossociolinguísticos compreende uma “[...] mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto [...]”, ainda no ano de 1957, e

⁷ Essas duas últimas obras estão direcionadas ao trabalho sobre as línguas africanas no PB, e as demais publicações mencionadas referem-se aos estudos de léxicos, glossários, trabalhos com abordagem mais geral e outras específicas, isto é, com enfoques regionais.

⁸ Segundo Romano (2013), a publicação do ALCE ocorreu apenas em 2010, mas pode-se considerar o início desse atlas em 1978, na primeira fase da Geolinguística no Brasil.

estende-se para o século XX e XXI, de modo a ampliar os estudos nessa área. Nas palavras das pesquisadoras:

O período final do século XX, em que se dão os primeiros passos para a estruturação do Projeto ALiB [...] vai coincidir, nas universidades brasileiras, com a implementação de pesquisas na área da Geolinguística, refletida em publicações, comunicações a congressos, trabalhos de pós-graduação e, principalmente, em projetos de atlas lingüísticos regionais (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 19-20).

Segundo Mota (2012), esses atlas regionais e os trabalhos anteriores contribuíram para fortalecer a metodologia da Geolinguística, porque foi necessário repensar as técnicas utilizadas na pesquisa *in loco*. Assim, a segunda fase da Geolinguística é marcada pela inclusão de uma nova forma de tratar os dados, por meio do rigor mais tecnológico e o acréscimo de outras variáveis para a perspectiva diatópica, que compreende o período de 1996 até os dias atuais.

Para Cardoso (2016, p. 28) interesses semelhantes pela área da Geolinguística levaram a um aumento na demanda de trabalhos da Pós-Graduação, que se somaram ao apreço por contribuir com o ALiB, objetivando a descrição da língua portuguesa de acordo com a realidade do território brasileiro.

Romano (2013, p. 219-220) também faz um balanço para a Geolinguística e apresenta dois momentos para a área no Brasil, desse modo, dividindo a primeira fase em atlas estaduais publicados, interrompidos e não publicados. Para o pesquisador, “o traço marcante do Segundo Momento é a pluridimensionalidade e o incremento prodigioso da elaboração de atlas de pequeno domínio [...] publicados, não publicados, em andamento, projetados [...]”.

O autor elabora um mapa sobre a situação dos atlas lingüísticos federativos no segundo momento da Geolinguística no Brasil, o qual é atualizado por nós no presente estudo. O panorama dos trabalhos geolinguísticos está ilustrado na Figura 2:

Fazem parte do levantamento de atlas concluídos o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ-CARDOSO, 2004), Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALITTETO (SILVA, 2018), Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013) e o Atlas Linguístico-Etnográfico de Alagoas – ALEAL (BARBOSA-DOIRON, 2013).

Ainda de acordo com a Figura 2, os atlas em andamento são: Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO, que se encontra em fase de elaboração na Universidade Federal de Rondônia, o Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA), Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALIRN), Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso (ALIMAT), Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES) e o Atlas Linguístico de São Paulo (ALESP), cujo trabalho segue em andamento (ROMANO, 2013).

No Estado do Acre consta a proposta do atlas linguístico iniciado (ALAC), porém sem finalização até o presente momento, e o Atlas Linguístico de Goiás – ALINGO encontra-se na mesma situação, o que está publicado é a obra *Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético* (MILANI et al., 2015).

Os atlas: Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), coordenado por Razky, e o Atlas Linguístico do Pará (ALIPA), de metodologia Geossociolinguística, estão parcialmente concluídos. No Rio de Janeiro, o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio) segue coordenado por Cunha, mas também não foi concluído até o momento, e Piauí e Roraima são os únicos Estados federativos que ainda não possuem atlas linguístico. Embora, conste no estudo de Aurélio (2012) a realização de uma proposta inicial do ALIP (Atlas Linguístico do Piauí).

1.2. O PARANÁ NO CENÁRIO DIALETOLÓGICO, GEOLINGUÍSTICO E SOCIOLINGUÍSTICO: A CONTRIBUIÇÃO DE AGUILERA (1994)

No Paraná, os percursos dos trabalhos de natureza dialetológica, geolinguística e sociolinguística foram refeitos por Aguilera (1987/1999/2000) e Altino (2007/2009), com intuito de elucidar os avanços das pesquisas diante dessas abordagens metodológicas. Podemos considerar, ainda, que Romano e Silva (2016) também acrescentaram delimitações temporais para os trabalhos dialetológicos no Paraná, visto que os autores apresentam os quatro momentos das pesquisas em torno dos estudos da linguagem e sugerem a quinta fase para os trabalhos nessa área.

Aguilera (1999) faz o percurso dos atlas linguísticos, destacando as primeiras publicações no âmbito da Dialectologia no Paraná, como o trabalho de Amaral (1952),

Filipak (1976), Alvar e Alvar (1979), Mercer (1979) e Toniolo (1981). De acordo com a autora, esses trabalhos, como a *Antologia do Vale do Iguaçu* (FILIPAK, 1976) e o *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981), focalizaram a linguagem do campo, isto é, proveniente no falar rural paranaense, motivando o debate de trabalhos dialetológicos em torno da elaboração de um atlas estadual.

Dessa fase cabe destacar o trabalho de Alvar e Alvar (1979), cujos autores investigaram o dialeto de Guaraqueçaba, resultando na publicação da obra *Guaraqueçaba: Mar e Mato*, com mais de 1.300 lexias as quais abordaram questões ligadas à flora, ferramentas de trabalho no campo, nome de animais, entre outras. Os autores no período da década de 70 já pretendiam fazer um mapa (trabalho dialetológico) do Paraná, enfatizando a necessidade de um atlas linguístico do Estado.

Seguindo para a próxima proposta de divisão dialetal, Aguilera (2000 apud ROMANO; SILVA, 2016) propõe quatro fases para os trabalhos dialetológicos no Paraná. A primeira tem início entre os anos de 1816-1822 com o trabalho de August de Saint-Hilaire, que buscou tratar da linguagem paranaense durante sua vinda à província do Paraná, e estende-se até 1938, com a publicação da obra “Algumas Vozes Regionais do Paraná”, esta última apresentada por Andrade Muricy, responsável pelo levantamento de alguns vocabulários observados no Paraná daquela época.

A segunda fase dos estudos dialetológicos na região tem início no século XX e vai até o século XXI, mais precisamente até o ano de 1960. Nesse período, encontram-se os trabalhos de Amaral (1956), Wouk (1981), Toniolo (1967), Andretta (1969), direcionados para o falar na Região Sul do Paraná. Na terceira fase ocorre entre as décadas de 70 e 80, a publicação dos trabalhos de cunho dialetológico de Filipak (1976), Mercer (1979), Alvar e Alvar (1979) e Toniolo (1981). Por último, apresenta a quarta fase para as pesquisas dialetológicas no Paraná. Algumas pesquisas foram iniciadas na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e desenvolvidas na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nesse quarto período foram publicados os seguintes trabalhos: *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina* (EALLO), de Aguilera (1987); a obra lexicográfica, de Leão (1988), o *Atlas Linguístico do Paraná*, de Aguilera (1994), o trabalho sobre a linguagem do apicultor voltado para o campo lexical e fonético, de Sozim (1991), e o glossário elaborado por Fonseca (1996) sobre a linguagem dos Oleiros de Campo Mourão (ROMANO; SILVA, 2016).

Altino (2007) também descreve a cronologia dos estudos dialetológicos no PR e mantém a proposta de Aguilera (1987/1999), cuja primeira fase teria iniciado no final do século XIX até século XX (mais precisamente 1940) e o segundo momento, de 1950 até os dias atuais. Embora, a autora tenha optado por não refazer a divisão das pesquisas dialetológicas no Paraná, possivelmente por encontrarem-se em fase de desenvolvimento, a autora realizou a análise de algumas cartas do EALLO (AGUILERA, 1987) e destacou a importância de pesquisas que abriram caminho para outros trabalhos voltados para a Dialetologia no Paraná, como, por exemplo, o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, de Aguilera (1994), o trabalho sobre a fala de Cândido de Abreu – PR, de Lino (2000), o Glossário elaborado por Rodrigues (2000), e o estudo do léxico de Adrianópolis, de Altino (2001).

Altino (2009) retoma os trabalhos dialetológicos e geolinguísticos apresentados por Altino (2007) e completa a lista de estudos com notas sobre a futura publicação do *Atlas Linguístico do Paraná* volume II, de Altino (2007), e o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO, de Busse (2010).

Romano e Silva (2016) levantam os trabalhos publicados e em andamento no Paraná, desde o ALPR, de Aguilera (1994) até o ano de 2016, propondo uma quinta fase para os estudos dialetais no Paraná. Segundo os estudiosos da área, a justificativa para essa proposta deve-se à quantidade de trabalhos elaborados no âmbito da Dialetologia, Geolinguística e Geossociolinguística com a publicação do primeiro Atlas Linguístico do Paraná, de Aguilera (1994), porque “[...] da quarta fase dos estudos dialetais proposta por Aguilera (2000), contava-se com pouco mais de meia dúzia de trabalhos que se multiplicaram [...] ultrapassando a soma de sessenta estudos [...]” (ROMANO; SILVA, 2016, p. 354).

Dos mais de sessenta trabalhos citados por Romano e Silva (2016), confirmamos, por meio do Quadro 2, que as pesquisas (monografias, dissertações de mestrado ou teses de doutorado) com aporte da Dialetologia, Geolinguística, Geossociolinguística e Sociolinguística cresceram rapidamente, assim, fortalecendo o Paraná no cenário das investigações sobre as descrições das análises linguísticas (ROMANO; SILVA, 2016).

De acordo com os autores, esses estudos analisaram os fenômenos linguísticos em um dos níveis gramaticais, isto é, fonético-fonológico, lexical, morfossintático, sintático e semântico-discursivo. A seguir, o Quadro 2 exibe os resultados do resgate das produções acadêmicas:

Quadro 2 – Revisão crítica dos trabalhos concluídos e em andamento no Paraná

Autor(a)	Data	Título da pesquisa	Classificação do trabalho	Natureza	Situação	IES
PIZOLATO	1997	<i>Esboço de um atlas lingüístico de Centenário do Sul</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
FABRIS	1997	<i>Esboço de um atlas lingüístico de Tamarana</i>	Monografia	Dialetológica	Concluído	UEL
SOUZA	1997	<i>A linguagem do bancário: alguns problemas de uso na interação com cidadãos comuns</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
REMENCHE	1997	<i>Gíria: a linguagem no sistema penitenciário</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
LEITE	1998	<i>O léxico usado pelo trabalhador em curtume</i>	Monografia	Geolinguística	Concluído	UEL
ALTINO	1998	<i>Aspectos fonético-fonológicos da fala adrianopolitense: Delineação de um atlas</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
ALVARENGA	1996	<i>A concordância verbal no discurso rural paranaense,</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
DUTRA	1999	<i>Dois gerações da Colônia Bratislava: um estudo lingüístico</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
LANG	2000	<i>Problemas de comunicação interdialetoal nas entrevistas do Atlas Lingüístico do Paraná</i>	Monografia	Dialetológica	Concluído	UEL
RIBEIRO	2001	<i>Estudo de iotização no falar rural paranaense</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL

CAMILO	2001	<i>A redução das proparoxítonas no falar rural do Paraná</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
GUSMÃO	2001	<i>Realizações do /R/ na variedade lingüística falada em Cândido de Abreu</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
AMÂNCIO	2004	<i>Atitudes e identidade lingüísticas na tríplice fronteira</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
VASCONCELOS	2004	<i>Variação lexical nos eixos sincrônico e diacrônico: nas veredas do atlas</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
PASTORELLI	2009	<i>Atitude lingüística de falantes da cidade de Londrina – PR</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
SILVA, H.	2010	<i>Crenças e atitudes lingüísticas de falantes das regiões Norte e Central do Paraná: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
SANTOS, A. C.	2010	<i>Terra de todas as gentes: um estudo léxico-semântico no Paraná entre os anos de 1994 e 2008</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
SILVA, L.	2014	<i>A alternância no uso de pronomes-sujeitos nós e a gente? na fala paranaense</i>	Monografia	Sociolinguística	Concluído	UEL
FREGONEZI	1997	<i>Aspectos lingüísticos de três gerações: um estudo diageracional e diassexual</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
RODRIGUES	2000	<i>Glossário da fala rural paranaense</i>	Dissertação	Dialetológica	Concluído	UEL

LINO	2000	Aspectos lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico	Dissertação	Geossociolingüística	Concluído	UEL
ALTINO	2001	<i>Pelos caminhos da Geolingüística paranaense</i>	Dissertação	Geolingüística	Concluído	UEL
CASTRO	2001	<i>O vocabulário da cultura do café</i>	Dissertação	Dialetológica	Concluído	UEL
TONIOLO	2002	<i>Do presente ao passado: um olhar sobre o vocabulário de Tibagi</i>	Dissertação	Dialetológica	Concluído	UEL
LAMBACH	2002	<i>O léxico da cachaça em Morretes: resgate e memória</i>	Dissertação	Geolingüística	Concluído	UEL
REMENCHE	2003	<i>As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná</i>	Dissertação	Sociolingüística	Concluído	UEL
GUSMÃO	2004	<i>As realizações da vibrante na variedade lingüística rural do Paraná</i>	Dissertação	Sociolingüística	Concluído	UEL
KAILER	2004	<i>O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense</i>	Dissertação	Sociolingüística	Concluído	UEL
SOUZA	2005	<i>Medicina caseira paranaense: um estudo geolingüístico</i>	Dissertação	Geolingüística	Concluído	UEL
NAVARRO	2005	<i>A variação na concordância de gênero na variedade lingüística do Paraná Tradicional rural</i>	Dissertação	Sociolingüística	Concluído	UEL
GARCIA	2008	<i>Estudo lingüístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos</i>	Dissertação	Sociolingüística	Concluído	UEL

CORRÊA	2008	<i>Gíria: o universo lingüístico de adolescentes infratores do Paraná</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
PASTORELLI	2011	<i>Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
SILVA-PORELI	2011	<i>Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo da relação do português com línguas em contato</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
YIDA	2011	<i>O campo semântico da alimentação e cozinha no atlas linguístico do Brasil - ALIB: um estudo lexical nas capitais</i>	Dissertação	Geolinguística	Concluído	UEL
ROMANO	2012	<i>Geossociolinguístico de Londrina</i>	Dissertação	Geossociolinguística	Concluído	UEL
REIS	2012	<i>A concordância de número nos predicativos em Curitiba: estudo variacionista</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UFPR
BENÇAL	2014	<i>O alçamento de médias altas e o abaixamento de altas na pauta pretônica nos manuscritos castrenses do século XIX</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
SILVA, W.	2014	<i>Gírias do sistema prisional paranaense: a linguagem dos presídios ultrapassando seus muros</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
SIQUEIRA	2015	<i>Atlas linguístico de Curiúva – PR</i>	Dissertação	Dialetológica	Concluído	UEL

LOURENÇO	2015	<i>Crenças e atitudes linguísticas: tendências de reação de falantes curitibanos e londrinenses</i>	Dissertação	Sociolinguística	Concluído	UEL
RODRIGUES	2007	<i>Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
ALTINO	2007	<i>Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
BUSSE	2010	<i>Um estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
BOTASSINI	2013	<i>Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná</i>	Tese	Sociolinguística	Concluído	UEL
CARLOS	2015	<i>O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
ROMANO	2015	<i>Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
SIQUEIRA	2015	<i>Atlas Linguístico de Curiúva – PR: aspectos lexicais</i>	Tese	Geolinguística	Concluído	UEL
GALLI	2019	<i>Atlas de Foz do Iguaçu</i>	Tese	Geolinguística	Em andamento	UEL
RIBEIRO	2019	<i>Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALNPR</i>	Tese	Geolinguística	Em andamento	UEL
TORANZOS	2019	<i>Atlas Lingüístico de Tierra del Fuego – ALTdF</i>	Tese	Geolinguística	Em andamento	UEL

Fonte: Adaptado de Romano e Silva (2016).

Esse cenário dialetológico, geolinguístico e sociodialetológico no Paraná descrito por Silva e Romano (2016) encontra resposta na afirmação de Altino (2009, p. 59) que já mencionava o início promissor dos trabalhos dessa natureza. Assim, nas palavras da estudiosa: “pesquisas diversas estão, neste momento, tomando forma nas mãos de futuros dialetólogos que buscam em seus estudos [...] registrar e posteriormente analisar o falar paranaense”.

O Estado do Paraná, no decorrer de seu percurso da Dialetoologia Tradicional até as reflexões metodológicas da Geossociolinguística, mostrou-se rico em diversidade cultural e linguística, resultando na investigação sistemática dos falares paranaenses e na publicação dos atlas linguísticos regionais dos quais destacamos as seguintes produções:

Quadro 3 – Atlas linguísticos estaduais e regionais do Paraná

Autor(a)	Ano	Atlas	Situação
AGUILERA	1978	<i>Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina – EALLO</i>	Concluído
AGUILERA	1994	<i>Atlas Linguístico do Paraná – ALPR</i>	Publicado
ALTINO	2007	<i>Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II</i>	Concluído
BUSSE	2010	<i>Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste – ALERO</i>	Concluído
ROMANO	2012	<i>Atlas Geossociolinguístico de Londrina: tempo real e tempo aparente</i>	Concluído
SIQUEIRA	2015	<i>Atlas Linguístico de Curiúva – PR: aspectos lexicais</i>	Concluído
GALLI	-----	<i>Atlas de Foz do Iguaçu</i>	Em andamento
RIBEIRO	-----	<i>Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALNPR</i>	Em andamento

Fonte: Elaborado pela autora.

Salientamos que o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) foi um trabalho pioneiro elaborado por Aguilera ainda da década de 80, fase em que os dados foram coletados. A publicação do ALPR ocorreu apenas em 1994 e contou com uma rede de 65 pontos (localidades), resultando em “191 cartas linguísticas, as quais contemplam itens lexicais e aspectos fonéticos, acompanhadas de notas explicativas das variantes registradas, além de cartas de possíveis linhas de isoglossas [...]” (ALTINO, 2016, p. 163).

Esse trabalho concluído por Aguilera (1994) forneceu dados para outras pesquisas, como o segundo volume do Atlas Linguístico do Paraná elaborado por Altino (2007), que conta com mais de 175 cartas inéditas das quais 125 são cartas lexicais e 50 pertencem ao campo fonético.

Como exposto anteriormente, essas pesquisas foram desenvolvidas na Universidade Estadual de Londrina (UEL), que proporcionou as bases para impulsionar os estudos dialetais e geossociolinguísticos na região do Paraná, sendo responsável por abrir caminho para a pesquisa de Aguilera (1994) iniciada na Universidade Estadual Paulista – UNESP. Desta forma, a UEL passou a ser uma das referências nessa linha de pesquisa, contribuindo também na coleta de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ROMANO; SILVA, 2016).

Em síntese, verificamos que o ALPR fortaleceu a área da Dialetologia no Paraná, pois, a partir dessa pesquisa, vários outros trabalhos começaram a ganhar espaço no meio acadêmico. Assim, frente às novas pesquisas dialetológicas mencionadas na presente dissertação, compreendemos a importância da divisão proposta por Romano e Silva (2016) para os estudos descritivos no Paraná.

1.3. NAS TRILHAS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB): O PROJETO ALMEJADO POR NASCENTES (1953)

Segundo Cardoso (2003), o ALiB surgiu a partir de um sonho almejado por Nascentes (1953) ainda no início de suas investigações dialetológicas sobre a elaboração de um atlas nacional, e, concomitante com a nova fase dos estudos dialetais no Brasil, que resultaram no início da Geolinguística ou Geografia Linguística.

Para Mota (2012, p. 509), a proposta de um atlas linguístico nacional tem como marco principal o Decreto “nº 30.643, de 20 de março de 1952, que fixa como um dos principais objetivos da Comissão de Filologia da então criada Casa de Rui

Barbosa a elaboração de um atlas linguístico do Brasil”. Segundo a autora, essa lei modificou o cenário dos estudos dialetológicos brasileiros, pois provocou entre os dialetólogos formas para se alcançar um atlas linguístico do Brasil, primeiramente, sendo iniciados os atlas regionais e, em seguida, a elaboração de um projeto para a consecução do ALiB.

Sobre o Projeto ALiB, Mota e Cardoso (2006, p. 29) abordaram as preocupações metodológicas referentes à conformidade entre os atlas estaduais, que também foram o ponto de partida para a consolidação de um atlas de abrangência nacional, visto que a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil promoveu a reflexão metodológica de atlas de pequeno domínio. De acordo com as estudiosas da área, o Atlas Linguístico do Brasil nasceu na década de 90, a partir do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, como resultado de estudos anteriores, e, ainda, do anseio de filólogos e linguistas, em traçar “do Oiapoque ao Chuí” as características da língua brasileira.

O ALiB foi desenvolvido por uma equipe de pesquisadores em oito universidades de cada Região do país, como a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com um objetivo em comum que era descrever a realidade e a diversidade linguística do país, resultando nos seguintes objetivos específicos do projeto do Comitê Nacional – ALiB (2001, p. *online*)⁹:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.

⁹Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acesso em: 17 ago. 2018.

4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Nas palavras de Aguilera (2006, p. 203-231), “[...] trata-se de um atlas nacional, que busca descrever a língua portuguesa falada em mais de oito milhões de km²”. Assim, o Atlas Linguístico do Brasil parte dos parâmetros da Geolinguística tradicional, que é a dimensão diatópica, e agrega alguns métodos da Sociolinguística, resultando em um Atlas Geolinguístico Pluridimensional. Ainda segundo a autora, a abordagem da pesquisa dialetológica pluridimensional trabalha com um número reduzido de informantes por localidade e, por meio da aplicação do questionário, consegue explorar uma vasta ocorrência de fenômenos linguísticos.

Aguilera (2006) enfatiza que a Sociolinguística contribuiu com o método das variáveis sociais, isto é, a análise dos fenômenos linguísticos a partir do sexo, idade, escolaridade, entre outros, possibilitando ao ALiB o aporte metodológico para investigar as seguintes dimensões: diatópica, diageracional, diassexual, diastrática, diafásica e diarreferencial.

Os 1.100 informantes do ALiB foram selecionados de acordo com o fator biológico (homem e mulher), a faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos), o nível de escolarização (Ensino Fundamental e Ensino Superior para as capitais dos estados brasileiros), e a localidade (com 24 pontos na Região Norte, 78 pontos na Região Nordeste, 80 pontos na Região Sudeste, 24 pontos na Região Centro-Oeste, e 44 pontos na Região Sul), totalizando 250 pontos. A figura 3 ilustra os pontos de inquérito do Projeto ALiB (2001), disponível em Cardoso et al. (2014):

Figura 3 – Rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB



Fonte: Cardoso et al. (2014).

Nesses 26 estados federativos foi aplicado um questionário com quatro informantes de Ensino Fundamental nas localidades interioranas e mais quatro informantes de Ensino Superior nas capitais, sendo dois informantes (um homem e uma mulher) para a primeira faixa etária e mais dois para a segunda.

O questionário do ALiB possui no total 435 questões organizadas em: QFF – Questionário Fonético-Fonológico (159 perguntas), Semântico-Lexical (202 perguntas), Morfossintático (49 perguntas), Questões pragmáticas (quatro perguntas), Discursos Semidirigidos (quatro temas), e Leitura (uma parábola). Como resultado desse questionário, o projeto ALiB organizou o banco de dados com as entrevistas que totalizam 3.500 horas de gravação coletadas nos 257.851 quilômetros percorridos por todo o Brasil (CARDOSO; MOTA; PAIM, 2013).

Em suma, verificamos que os estudos de Cardoso (2003) e Mota e Cardoso (2006) concordam com o momento bipartido da Geolinguística no Brasil (1º e 2º fase) e com o fato do ano de 1996 ser marco inicial para implementação dos trabalhos pluridimensionais no PB, devido aos princípios metodológicos adotados pelo Projeto ALiB. Nesse tópico dissertamos também sobre a inclusão das variáveis sociais na perspectiva diatópica resultado dos atlas Geolinguísticos, e, no tópico seguinte, abordamos os fatores extralinguísticos na visão teórica da Sociolinguística Variacionista laboviana.

1.4. A SOCIOLINGUÍSTICA DE WILLIAM LABOV: A PERSPECTIVA VARIACIONISTA QUANTITATIVA

A partir do evento realizado na *University of California (UCLA)* em 1964, Bright (1966) publica a obra *Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*, cujo resultado foi uma síntese das discussões teóricas em torno dos fatores sociais para as estruturas linguísticas propostas por William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, Charles Ferguson, Elinar Haugen, José Pedro Rona, John Fisher, Henry M. Hoenigswald, Reven I. McDavid, Paul Friedrich e William Samarin (SALOMÃO, 2011).

De acordo com Silva-Corvalán (1989), a disciplina de Sociolinguística está voltada para o eixo linguístico e se diferencia da Dialetoлогия Pluridimensional por priorizar o estudo da variação linguística a partir dos fenômenos sociais (faixa etária, localidade, entre outros), preservando a elevada ocorrência de dados coletados dentro da comunidade de fala. Ainda segundo a autora, a Sociolinguística possui uma

metodologia independente de outras disciplinas, pois “estuda a língua em seu contexto social e preocupa-se essencialmente em explicar a variação linguística, sua relação com fatores sociais e o papel que essa variabilidade desempenha nos processos [...] linguísticos”¹⁰ (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1, tradução da autora).

Monteiro (2000, p. 21), em sua obra *Para compreender Labov*, disserta sobre os dois pontos de vista da Sociolinguística e menciona que:

[...] fenômenos de ordem diversa ou analisados sob diferentes perspectivas passaram a ser classificados como sociolinguísticos, o que levou a uma compreensão de duas áreas de estudo, identificadas então como a macro-sociolinguísticas e a micro-sociolinguística.

A perspectiva macro contempla grande parte das relações sociais, isto é, da comunidade ligada às políticas públicas que de algum modo interferem na linguagem. Na visão do autor, a perspectiva micro “analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos” (MONTEIRO, 2000, p. 26).

Weinreich, Labov e Herzog (2006) fundamentam teoricamente os princípios da mudança linguística de modo que, para eles, as variáveis – conjunto de variantes – realizam-se no interior da estrutura heterogênea. Assim, de acordo com os autores,

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124).

A teoria da mudança linguística postula alguns princípios para a variação observada na fala, como: (i) o norteamo de uma mudança linguística presente em uma comunidade de fala, cuja variação é capaz de diferenciar um subgrupo; (ii) a variação linguística não é vista na estrutura homogênea, pois no interior da comunidade de fala existem os controles exercidos pelos fatores sociais, assim classificados como estrutura heterogênea; (iii) toda e qualquer mudança têm como princípios os processos da heterogeneidade, os quais nem sempre acarretam em uma mudança linguística; (iv) a mudança linguística não ocorre imediatamente na fala, ela

¹⁰“estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos [...] lingüísticos” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1).

requer um tempo¹¹ e, inicialmente, uma delimitação geográfica (isoglossas); (v) as mudanças linguísticas presentes na comunidade de fala não fazem parte de uma gramática autônoma, mas sim de uma gramática correlacionada às funções sociais; (vi) a mudanças linguística ocorre em toda a comunidade de fala, isto é, a variação linguística não se realiza apenas em uma única estrutura familiar; e (vii) o fator social justifica em grande parte as mudanças na fala, mas o fator linguístico também revela o desenvolvimento da língua, assim, ambos os fatores (linguísticos e extralinguísticos) estão amalgamados em prol das investigações sobre os fenômenos da variação linguística produzidos pela comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZORG, 2006).

Labov (1963), antes mesmo de participar das reflexões sobre os fundamentos da mudança linguística, notava as diferenças na fala dos falantes de língua inglesa, interessando-se pelos estudos de análise e descrição linguística. O autor, motivado por seu orientador Uriel Weinreich, optou por fazer o levantamento de sua própria pesquisa de campo (em nível de mestrado), dando início a coleta de dados na ilha de *Martha's Vineyard*.

No doutorado, Labov (1963) investigou a fala de lojistas da cidade de *New York*, e em outros âmbitos de pesquisa, seguiu para a *Philadelphia*, e demais regiões da América do Norte. Nesses trabalhos, o pesquisador fez o controle de todas as variáveis que o contexto permitia, isto é, dos fatores independentes de ordem linguística e extralinguística, com intuito de verificar empiricamente (com alta ocorrência de dados) as motivações sociais que implicavam nos fenômenos da variação linguística.

Na pesquisa realizada na Ilha de *Martha's Vineyard*, o sociolinguista investigou o que motivava a tendência para a centralização dos ditongos /ay/ (*light*) e /aw/ (*house*) na fala de alguns moradores da respectiva ilha. Segundo Labov (1963), foi necessário considerar as seguintes estratificações para as variáveis independentes e dependentes: o grupo étnico (descendentes de ingleses, portugueses e indígenas), a profissão (agricultores, pescadores, operários de construção, comerciantes, donas de casa, estudantes, entre outras), o sexo (homem e mulher), cinco faixas etárias (14 a

¹¹Para Labov (1964), as mudanças linguísticas podem ser investigadas em dois períodos: (i) no tempo real, no qual um fenômeno linguístico é analisado na fala de uma geração para outra por meio de tendência ou painel; e (ii) no tempo aparente, é feita uma abordagem sincrônica, em que se investigam os fenômenos linguísticos de uma geração, considerando um tempo específico.

30 anos, 31 a 45 anos, 46 a 60 anos, 61 a 75 anos, e acima de 75 anos), o contexto de produção de fala (elevado ou nenhum monitoramento da fala por parte do informante), e a localização na ilha (*Up-island* composta por *Chilmark, Menemsha e Aquinnah*; e *Dowd-island Chappaquiddack, Edgartown, Oak Bluffs, Vineyard Haven e West Tisbury*).

O resultado dessa pesquisa mostrou que a segunda faixa etária (de 31 a 45 anos) centralizava mais os ditongos, porque muitos moradores dessa faixa estavam localizados na parte mais alta da ilha, região que comportava maior número de descendentes ingleses. Nessa parte da ilha, a principal fonte de renda era a pesca, contudo, esta se apresentava em declínio, enquanto o turismo crescia na cidade. Esse resultado levou o pesquisador a supor que, a identidade linguística era a possível motivação da centralização dos ditongos, isto é, os moradores que não aceitavam o desenvolvimento da cidade através do turismo ou àqueles que queriam preservar sua identidade linguística realizavam os ditongos de modo mais centralizado (COELHO et al., 2019).

Os fatores extralinguísticos averiguados na ilha de *Martha's Vineyard* ajudaram a comprovar a teoria da mudança linguística na comunidade de fala, em seguida, esse mesmo fator mostrou-se relevante na investigação sobre o /R/ em posição de coda silábica externa e interna realizada em *New York*, cuja pesquisa é a mais significativa para a presente dissertação sobre os róticos em ataque silábico.

Na região de *New York*, Labov (1966) investigou o /R/ no final da palavra nas lexias *fourth floor*, a partir da fala dos vendedores do departamento de lojas da cidade. Para a análise, o teórico selecionou três estabelecimentos: a *Saks Fifth Avenue* (loja sofisticada), a *Macy's* (loja de estrato social mediano) e a *Klein* (loja de nível social inferior em relação as demais).

Nesses espaços comerciais, Labov (1966) estratificou os informantes de acordo com o sexo biológico (homem e mulher), três faixas etárias (15 a 30 anos, 35 a 50 anos, e 55 a 70 anos), a raça (informantes ingleses, estrangeiros, negros, entre outros classificados), o cargo (vendedor, caixa, balconista, repositor e chefe, entre outros), e o fator econômico (preço das roupas nas lojas nova iorquinas), além de verificar outros fatores como a prosódia, o bairro de cada umas das lojas e o andar. De modo discreto e natural, o pesquisador questionava os lojistas a fim de obter a informação "*fourth floor*" (quarto andar), que resultaria na produção de uma ou de outra variante rótica.

De acordo com Labov (1966), o resultado dessa pesquisa apontou a variável raça e idade como relevante para o r-1 (ausente), além da loja de classe desfavorecida apresentar mais vendedores negros e em grande maioria do sexo feminino. A partir dessa pesquisa, o teórico constata que o falante também pode alternar a realização do /R/ ao monitorar sua própria fala, como resultado dos distintos estilos de produção de fala. Para controlar essa variável (uma situação mais descontraída ou com elevada monitoração), o sociolinguista analisou o falar mais casual e o acentuado na fala dos informantes.

Diante das investigações sobre as estruturas linguísticas realizadas no interior da sociedade, Labov (2008 [1972]) revela alguns conceitos essenciais para fazer uma pesquisa de campo, como o paradoxo do observador. Nas palavras do autor:

[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

Para Labov (2008 [1972], p. 244), encontrar outras maneiras de lidar com o constrangimento da entrevista refere-se às possibilidades de envolver os informantes em conversas que remetam a sentimentos de fortes emoções, isto é, “procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja”. Essa técnica faz parte de solucionar os problemas ligados à modalidade formal em uma entrevista, mais precisamente, durante a tentativa de conseguir extrair o falar vernacular do informante, denominado pelo teórico por *paradoxo do observador*. Seguindo esse procedimento, o linguista analisou também o BEV (*Black English Vernacular*), que se trata do inglês usado pela comunidade negra.

No caso do BEV, foi verificado o apagamento na cópula ligado a estrutura da palavra, por exemplo, o caso do verbo de ligação */is/*, em que pode ocorrer o apagamento na vogal e/ou contração diante de outras regras da língua inglesa. De acordo com Labov (2008 [1972], p. 252), a realização desse fenômeno linguístico (supressão) implica na “simplificação dos grupos consonantais e do sufixo de tempo passado”, isto é, de *bold* (ousado) para *bol*, de *lipt* (lábio) para *lip*, entre outros.

Para o apagamento de *He works* para *He work* (marcação de plural), foi constatado que a monitoração exercida pelo falante tende à variação, porque o apagamento tende a ocorrer se for uma oclusiva não seguida de uma vogal. Essa

realização pode ser caracterizada como fator estritamente linguístico, caso analisada fora do contexto social, porém, se observada na perspectiva funcional, isto é, o estilo de produção de fala exercido pelo informante, constata-se uma motivação de ordem extralinguística (fator social).

Segundo o teórico, a comunidade de fala com suas diversidades sociais permite que as mudanças ocorram de forma motivada na língua (fator extralinguístico). Uma vez que os novos fenômenos linguísticos, constatados por meio da pronúncia, da grafia, entre outros, surgem para atender as demandas do ambiente social. Embora, saibamos que essas mudanças na fala são apenas resultados de um processo natural da linguagem em sua forma complexa, pois “cada pesquisador acredita que sua própria comunidade foi de algum jeito desviada daquele modelo normal – pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação e da pressão da língua-padrão [...]” (LABOV, 2008, [1972], p. 238).

De acordo com Oushiro (2014), a pesquisa Sociolinguística Quantitativa Variacionista laboviana parte da premissa da mudança linguística encontrada em todas as línguas e comunidades de fala, com uma metodologia que requer atenção do pesquisador. Assim, nas palavras da autora:

[...] o sociolinguista variacionista lida com uma grande quantidade de dados. Entre as suas diversas tarefas, incluem-se: (i) a coleta de dados (em geral, na forma de gravações de entrevistas sociolinguísticas com falantes de uma comunidade); (ii) a transcrição dessas gravações; (iii) a definição de uma variável sociolinguística e de seus contextos linguísticos possíveis (o contexto variável); (IV) a identificação de ocorrências no corpus de entrevistas; (v) o levantamento de hipóteses sobre fatores, de natureza social e linguística, que estejam correlacionados ao uso da variável; (iv) a codificação das ocorrências de acordo com as hipóteses levantadas; (vii) a análise quantitativa dos dados no GoldVarb X ou RBrul e (viii) a interpretação de resultados obtidos. Algumas dessas tarefas exigem conhecimento especializado e criatividade para ser bem executadas (OUSHIRO, 2014, p. 130).

Em síntese, verificamos que a investigação do /R/ falado nas lojas de *New York* (2008 [1972]) e a análise da comunidade de fala na *Philadélfia* (Pensilvânia) motivaram as reflexões sobre os critérios metodológicos para os estudos da linguagem. Assim, a teoria laboviana teve como alicerce descrever a língua de acordo com fatores linguísticos e sociais de modo quantitativo, permitindo comprovar a relevância de determinados fatores sociais nas estruturas linguísticas.

Seguimos, agora, para a descrição sobre a História do Português falado no Brasil (PB), depois, explanamos acerca da posição ocupada pelo /R/ nas seguintes

construções silábicas: simples (CV), vazia (∅) e complexa (CCV). Por último, apresentamos o som do /R/ produzido durante sua articulação na palavra.

2 CAPÍTULO 2 – A VARIAÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS E EM OUTRAS LÍNGUAS

Neste capítulo, apresentamos as correntes teóricas que explanam sobre a variação na Língua Portuguesa falada no território brasileiro, dissertamos acerca de qual vertente a variação das variantes róticas se insere, exibimos as construções silábicas que aparecem o /R/ em ataque, e, assim, expomos o ponto e o modo de articulação para o arquifonema /R/.

2.1. HISTÓRIA DA LÍNGUA: AS CORRENTES E O PERCURSO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL (PB)

Algumas correntes teóricas suscitam justificativas para as variações linguísticas nos diferentes níveis da língua, como o contato do PE com as línguas indígenas (SILVA NETO, 1963), do PB com as línguas de imigrantes europeus (GIM, 1981), e a evolução natural do PB destacado por Naro e Scherre (2007).

As várias correntes: *internalista* (CASTILHO, 1999) *crioulismo* (GUY, 1981), *descrioulização* (HOLM, 1987) e *deriva* (NARO e SCHERRE, 2007) buscam argumentos para reconstruir a história da Língua Portuguesa. A corrente *internalista*, cujos principais defensores são Silva Neto (1963), Câmara Jr. (1972) e Castilho (1999), apresenta a concepção de que a língua é modificada por si só, isto é, que o português do Brasil teria se desenvolvido sem a interferência de outras línguas (línguas indígenas, africanas, italiana, alemã, ucraniana, entre outras).

Diferentemente da visão *internalista*, que propõe uma mudança autônoma para o PB, os autores Guy (1981), Hom (1987) e Lucchesi (1994) defendem a corrente do crioulismo. Os teóricos partem da premissa de que o português falado no Brasil não é uma língua propriamente portuguesa, mas uma fusão de várias línguas, principalmente pelo contato com o bantu (língua de origem africana).

Segundo Lucchesi (1994, p. 28), “não se pode pensar seriamente que a língua portuguesa não foi diretamente afetada pelo contato do português com as línguas africanas de uma forma bem ampla e representativa”. O autor debruça suas investigações nas tradições discursivas da variação e sobre a norma a partir da perspectiva do crioulismo, que resulta no *piding* linguístico. Esse termo – *piding* – designa a mistura de duas línguas usadas no processo de comunicação durante o contato linguístico, em que se utiliza a estrutura de uma língua e o vocábulo de outra.

Ele difere-se da língua crioula, porque este é o resultado de uma mistura de línguas aprendidas durante a infância ou por meio natural.

Em contrapartida ao *crioulismo*, surge a terceira corrente (deriva) em defesa da ação do falar, sendo este o agente responsável por modificar a língua. Nessa perspectiva, atribui-se a concepção de que as línguas indígenas também tiveram grande relevância na formação do português brasileiro, devido às palavras faladas no Brasil, isto é, como os empréstimos linguísticos frutos de uma herança das línguas indígenas, sendo o Tupí Guarani, Kaingang e o Xetá os grupos linguísticos mais falados na região Sul, com objetivo de nomear animais e outros elementos da natureza.

De acordo com Tarallo (1993, p. 99), as mudanças no PB não foram motivadas pelo processo de criouliização. Na visão do autor: “sem vias de dúvidas, entretanto, pode ser afirmado que o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática”.

Naro e Scherre (2007, p. 82) também discordam da concepção de que apenas a língua africana tenha interferido no PB. Dessa forma, “no português do Brasil inexistente influência gramatical específica de qualquer língua africana”. Os autores argumentam que a língua passa por uma mudança natural referente aos processos linguísticos, assim, não se trata de uma corrente de criouliização, mas do contato do PB com outras línguas e etnias distintas, resultando na língua em seu curso natural através do tempo sincrônico e diacrônico.

Deste modo, na presente dissertação, optamos por seguir a terceira corrente teórica da História da Língua, isto é, a perspectiva da deriva, porque acreditamos que a realização do arquifonema /R/ encontrou terreno fértil no PR para variar, devido ao contato linguístico do PB com várias línguas e distintas etnias.

2.2. O CONTATO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO NA LÍNGUA FALADA

De acordo com Mira Mateus (2001), as variantes do /R/ (vibrante simples, fricativa e aspirada) ou a ausência delas ocorrem no Português do Brasil e realizam-se de forma distinta na língua falada do Português Europeu. A autora destaca que a variação rótica pertencente ao nível fonético da estrutura gramatical e pode ser analisada a partir dos exemplos contidos no PE. Assim, o Quadro 4 foi adaptado de

Mira Mateus (2001, p. 14), cujo objetivo concentra-se na descrição fonética da variedade do português do Brasil e da Europa:

Quadro 4 – Variantes róticas no PB e no PE

Variedade	Vibrante alveolar	Fricativa velar	Fricativa glotal	Zero fonético	Tepe alveolar	Retroflexa
PB	senhô[r]	senhô[x]	senhô[h]	senhô[∅]	senhô[r]	senhô[ɽ]
	ama[r]	ama[x]	ama[h]	amá[∅]	ama[r]	ama[ɽ]
PE	senhô[r]					
	ama[r]					

Fonte: Adaptado de Mira Mateus (2001, p. 14).

Na descrição, a pesquisadora não considera as variantes róticas em posição de ataque silábico. Cabe destacar que no PB existem muitas outras variações róticas, principalmente para o /R/ em coda, como o tepe aproximante, a vibrante uvular, entre outras.

Mira Mateus (2001) ressalta que, no Brasil, a língua portuguesa encontra recursos para evoluir no seu curso natural e, conseqüentemente, os processos de mudança afloram as variantes linguísticas, tanto a nível fonético-fonológico quanto morfossintático. Afinal, o português da norma padrão de Portugal (PE) também apresenta possibilidades para que ocorra a forma não padrão na língua, o que gera outros processos de mudança de modo natural na estrutura linguística. Ainda segundo Mira Mateus (2001, p. 18), não existe uma explicação para a separação entre a língua PB e PE, de modo a construir concepções ideológicas como línguas distintas, porque a língua portuguesa,

[...] que cobre as variedades socioletais, dialectais e nacionais que convivem em Portugal e no Brasil, deve ser entendido como importante instrumento de coesão entre povos e como afirmação política e económica num contexto envolvente transnacional.

Para Blanco Canales (2004, p. 141, tradução da autora), “os fatores sociais não são tão categóricos como os gramaticais: atuam onde o sistema os permite”¹², assim, sempre existirá o processo de variação linguística onde o terreno for fértil para as mudanças na língua. Na visão da estudiosa, a Língua Portuguesa (LP) encontra

¹² “los factores sociales no son tan categóricos como los gramaticales: actúan donde el sistema se lo permite” (BLANCO CANALES, 2004, p. 141).

espaço para evoluir e agregar mudanças ao contexto, devido às culturas predominantes na sociedade, independente do país/nação que a fala, uma vez que a variação ocorre geograficamente e, principalmente pelos fenômenos sociais. Ainda de acordo com a autora,

Por mais primitiva ou homogênea que seja uma comunidade - lembre-se dos grupos nômades de que falamos anteriormente - sempre se encontra padrões de variação linguística. Essa variação tende estar em função de certos fatores extralinguísticos, fundamentalmente de motivação social (BLANCO CANALES, 2004, p. 111, tradução da autora)¹³.

Altenhofen e Thun (2016) também mencionam que o contato linguístico merece destaque, pois possibilita a compreensão das pistas deixadas pelas motivações sociais, por exemplo, como os fatores extralinguísticos. Essa afirmação acontece, porque os autores mencionados investigaram as variações dialetais da língua germânica falada por descendentes alemães, destacando a importância de analisar o fator externo à língua.

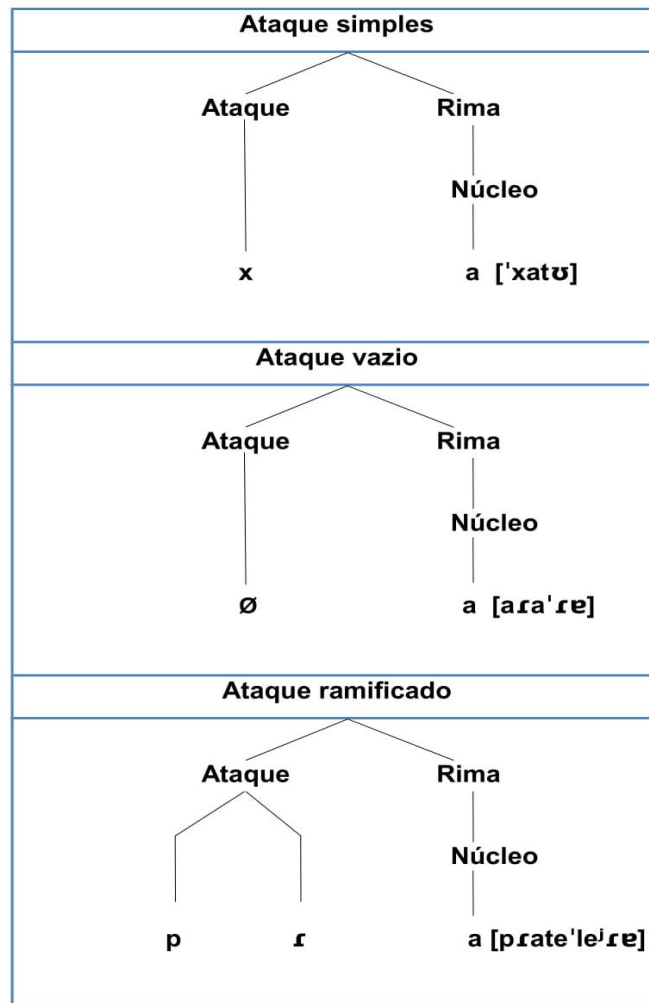
Em suma, após as explicações sobre as discussões das correntes teóricas em torno do contato linguístico no português falado no Brasil e, com a exemplificação das variantes róticas no PB e no PE, no tópico seguinte, discorreremos sobre a descrição referente à construção silábica que encontramos nas línguas de modo geral.

2.3. CONSOANTE E VOGAL (CV): CONFIGURAÇÕES DO ATAQUE SILÁBICO

De acordo com Afonso e Freitas (2010), praticamente em todas as línguas ao redor do mundo existem apenas três configurações para o ataque silábico, sendo o ataque não ramificado simples (CV – consoante e vogal), ataque não ramificado vazio (VCV – vogal, consoante e vogal) e ataque ramificado complexo (CCV – consoante, consoante e vogal). A Figura 4 ilustra a estrutura para o ataque silábico nas diferentes estruturas:

¹³“Por primitiva u homogênea que sea una comunidad – recuérdenselos grupos nómades de que hablábamos antes – siempre se encuentran nella algunos patrones de variación lingüística. Esta variación suele estar en función de ciertos factores extralingüísticos, fundamentalmente de carácter social” (BLANCO CANALES, 2004, p. 111).

Figura 4 – Estrutura para o fonema /R/ em ataque silábico



Fonte: Adaptado de Afonso e Freitas (2010, p. 46).

De acordo com Afonso e Freitas (2010), os componentes integrantes da sílaba (o ataque, a rima, a coda e o núcleo ou raiz) apresentam-se como peças fundamentais, porque permitem identificar coincidências universais no interior da estrutura linguística, tanto do PE quanto em outras línguas, cuja sílaba em ataque é semelhante nos diferentes troncos linguísticos. Desta forma, mesmo que a configuração da sílaba no ataque seja igual para as línguas neolatinas, cada uma apresenta realizações distintas para o /R/ em ataque a partir do processo de mudança.

Álvarez Nazario (1961, p. 138-139, tradução da autora) apresenta exemplos da mudança linguística no castelhano do século XIX, em que a variante vibrante múltipla – o rótico habitual do castelhano na visão do autor – passou para o tepe alveolar, motivado pela pronúncia dos escravos ao aprender a língua: “também o

mesmo tropeço do negro com o rr do espanhol, eles o representavam por escrito com tais formas como bariga, core, bezero, terá 'terra'. Igualmente no Rio da Prata: caro 'carro', masmora 'masmorra'¹⁴.

Segundo López (2010, p. 4), em Cabo Verde, Casamansa e Guiné-Bissau existem algumas trocas da variante vibrante [r] para o tepe alveolar [r] nas seguintes lexias: “barrete>barete/bareti, barriga>bariga e barril>baril”. O exemplo exposto pelo autor indica que, não apenas o PB como também o PE, apresenta alternância entre as variantes rónicas alveolares ([r] e [r]), resultado de séculos passados motivado pelo contato entre diferentes sistemas linguísticos e diferentes culturas.

De acordo com Henriques (2012), no Português falado no Brasil (PB), existem distintos fonemas e muitas realizações para o /R/ que podem ocorrer tanto em ataque quanto no interior da palavra. Para o autor, em posição inicial, alguns fonemas tendem a não realização, como os fonemas contidos nos léxicos [mã'ɲã], [fa'miʎe] e [te'renu]. Assim, nas palavras do pesquisador, a nasal palatal vozeada, a aproximante lateral palatal vozeada e, principalmente, o tepe alveolar vozeado “/ɲ/, /ʎ/ e /r/ dificilmente aparecem em início de palavra” (HENRIQUES, 2012, p. 42).

Referente à variante tepe [r], Brescancini e Monaretto (2008, p. 52) argumentam que, no falar da Região Sul do Brasil, “em grupo consonantal (prato) aparece comumente o tepe”, ou ainda em posição intervocálica, como no caso da lexia [pa'radɐ] (VCV)¹⁵, que também se realiza com a variante tepe alveolar vozeado. Essa análise feita pelas autoras aponta que, no Português falado no Brasil, a estrutura silábica de ataque simples (CV) tende a favorecer mais a produção das variantes rónicas em relação à estrutura ramificada CCV ([pref'tʃgiu]) e intervocálica VCV (['karu]), com a ocorrência da variante tepe alveolar [r] para esses casos.

Referente à variante tepe na estrutura CV e VCV, Busse (2010, p.179) afirma que “o registro do tepe em início de palavra e entre vogais é rotulado socialmente, como ['rɔdɐ], para roda, e [ka'ɾɔsɐ], para carroça, o primeiro de uso mais geral, mas o segundo denotando o universo rural do colono sulista [...]”, dessa forma, resultando em uma variante desprestigiada ou marcada socialmente.

¹⁴ “[...] también el mismo tropiezo del negro com la rrespañola y lo representaron por escrito con tales formas como bariga, core, bezero, tera 'tierra'. Igualmente en el Río de la Plata: caro 'carro', mashamora 'mazamorra’” (ÁLVAREZ NAZARIO, 1961, p. 138-139).

¹⁵ Na presente dissertação, elencamos como critério de análise o rótico em ataque para a estrutura silábica simples CV (['ra]) ao invés de CCV (['pra]), porque a estrutura simples é a que mais favorece a variação do fonema /R/.

Para Bescancini e Monaretto (2008), a variante tepe alveolar tende a ser desprestigiada em posição CV ([raz'gaʃ]) e VCV ([ba'raʃe]), a variante vibrante múltipla [r] não é marcada nessas estruturas, mas sua realização está condicionada pelo espaço geográfico da comunidade de fala, uma vez que:

As pesquisas realizadas com dados de fala do Projeto VARSUL indicam que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela **posição que ocupa na sílaba**. O que se observa, em todas as pesquisas, é a presença de variantes anteriores (vibrantes e fricativas) [...] em posição de ataque (BRESCANCINI E MONARETTO, 2008, p. 51, grifos nossos).

Segundo Bisol (2010), em posição pré-vocálica (CV) (por exemplo, nas lexias ['ratu], [so'rizu] e ['reais]) ocorre a variante vibrante forte, embora, os contextos linguísticos favoreçam a realização de outras variantes do aquifonema /R/, como fricativas glotais e velares motivadas, principalmente, pelas variedades dialetais.

Em síntese, neste tópico, apresentamos as estruturas silábicas em ataque com intuito de justificar nossa escolha pela sílaba simples (CV) ao invés das demais estruturas (vazia e complexa). No tópico seguinte, descrevemos a produção articulatória e acústica das variantes róticas.

2.4. DESCRIÇÃO ARTICULATÓRIA: AS VARIANTES RÓTICAS

Os róticos podem ser transcritos de várias formas fonéticas, tanto de modo articulatório quanto acústico, cujo intuito implica verificar a sonoridade do /R/ realizado na fala de um indivíduo ou de uma comunidade. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), embora na ortografia o /R/ seja representado por único símbolo “R” (letra erre), este apresenta particularidades de acordo com a língua. Nas palavras dos autores:

A maioria das classes tradicionais mencionadas na teoria fonética é definida por uma propriedade articulatória ou auditiva dos sons, mas os termos rótico e r-som são amplamente baseados no fato de que esses sons tendem a ser escritos com um caráter particular nos sistemas ortográficos derivado da tradição Greco-Romana, isto é, a letra r ou sua contraparte grega rho. O Alfabeto Fonético Internacional fornece uma ampla seleção de símbolos com base na letra invertida, virada ou modificada e as letras maiúsculas e minúsculas, e o plano de várias versões para a letra 'r' incluindo r, r̥, ɹ, ʀ, ʁ, R, ɹ̥” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 215, tradução da autora)¹⁶.

¹⁶“Most of the traditional classes referred to in phonetic theory are defined by an articulatory or auditory property of the sounds, but the terms rhotic and r-sound are largely based on the fact that these sounds tend to be written with a particular character in orthographic systems derived from the Greco-Roman tradition, namely the letter r or its Greek counterpart rho. The International Phonetic Alphabet provides

De acordo com Schwindt (2014), o /R/, ao ser articulado, é percebido de oitiva na forma de vibrantes, fricativas e retroflexas, cuja produção das variantes róticas envolve: a egressão do ar que sai dos pulmões, a vibração das pregas vocais durante a passagem do ar pela glote no movimento expiratório, e os articulares ativos e passivos (glote, véu palatino, úvula, ápice da língua, corpo da língua, a raiz da língua, alvéolos, dentes e lábios).

No processo de ponto e modo de articulação das variantes anteriores, temos a vibrante múltipla, que “[...] na articulação de um fone vibrante, o articulador ativo (ponta da língua) toca várias vezes o articulador passivo (alvéolos)” (SCHWINDT, 2014, p. 35). Ao contrário da variante tepe alveolar, cuja articulação “[...] é similar à da vibrante: o articulador ativo (ponta da língua) toca o passivo (alvéolos), mas apenas uma vez” (2014, p. 35). Na produção da vibrante uvular, ocorre uma vibração entre “o dorso da língua e úvula (véu palatino). Ex: maître (amo, senhor), do francês; lehrer (professor, instrutor), do alemão” (SCHWINDT, 2014, p. 40).

Schwindt (2014) e Bisol (2010) parecem concordar quanto ao ponto e ao modo de articulação da vibrante múltipla e da vibrante uvular, pois Bisol (2010, p. 211) descreve a seguinte ação:

O som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino.

Se durante a produção dos róticos anteriores há uma obstrução na passagem do ar, que ocorre próximo a região alveolar (protuberância atrás dos dentes), não podemos dizer o mesmo das variantes róticas fricativas (glotal [h] e velar [x]). Visto que essas variantes róticas posteriores são produzidas por meio da ação dos músculos da glote e, no caso da variante velar [x], entra em cena o véu palatino. Já a variante glotal [h], “Em Português, é uma das pronúncias possíveis da consoante inicial de rosa. É uma fricativa muito suave, produzida com as cordas vocais em repouso, o que faz surgir um orifício entre elas (a glote)” (SCHWINDT, 2014, p. 40, grifo no original).

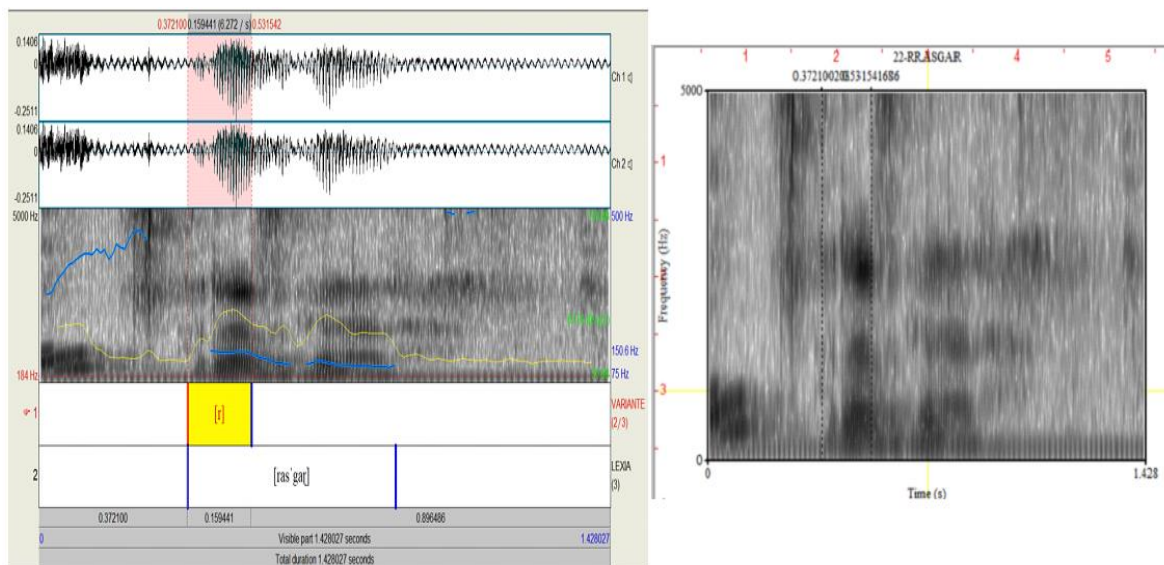
No caso da fricativa velar [x], segundo Crystal (2000, p. 123), “quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar que passa entre eles produz uma fricção audível”,

assim, esta fricção é a frequência sonora do ar espremido produzido na região do véu palatino, como no alemão /**ich**/ (eu), /**acht**/ (oito), /**nicht**/ (não), entre outras lexias, e do espanhol /**jabón**/ (sabão), /**jábega**/ (embarcação), /**jaca**/ (fruta: jaca com pronúncia em português [ˈzake]), entre outros exemplos.

Deste modo, após explanarmos sobre o ponto e o modo de articulação para a variedade do /R/, seguimos com descrições a respeito das variantes róticas na perspectiva da produção acústica. Para essa identificação das variantes anteriores e posteriores são exibidas apenas algumas amostras submetidas no Programa Praat com maior índice de ocorrência e comparada com a ressonância de outras pesquisas.

A visão do som é analisada a partir da ressonância exibida na terceira janela do Praat, cujo *software* auxilia na investigação da variante produzida na fala do informante. A Figura 5 exibe o *spectrum* obtido por meio do Praat para a variante [r] (vibrante múltipla) com propósito de exemplificar e ilustrar a articulação dessa vibração:

Figura 5 – Representação acústica do /R/ vibrante no ponto alveolar



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB submetidos ao Praat.

De acordo com a Figura 5, a onda para a produção da vibrante múltipla acontece com 0.159441 milésimos de segundo, nas duas linhas de etiquetagens (*Textgrid*) em que aparece uma marca de qual variante rótica foi identificada e seu contexto na lexia.

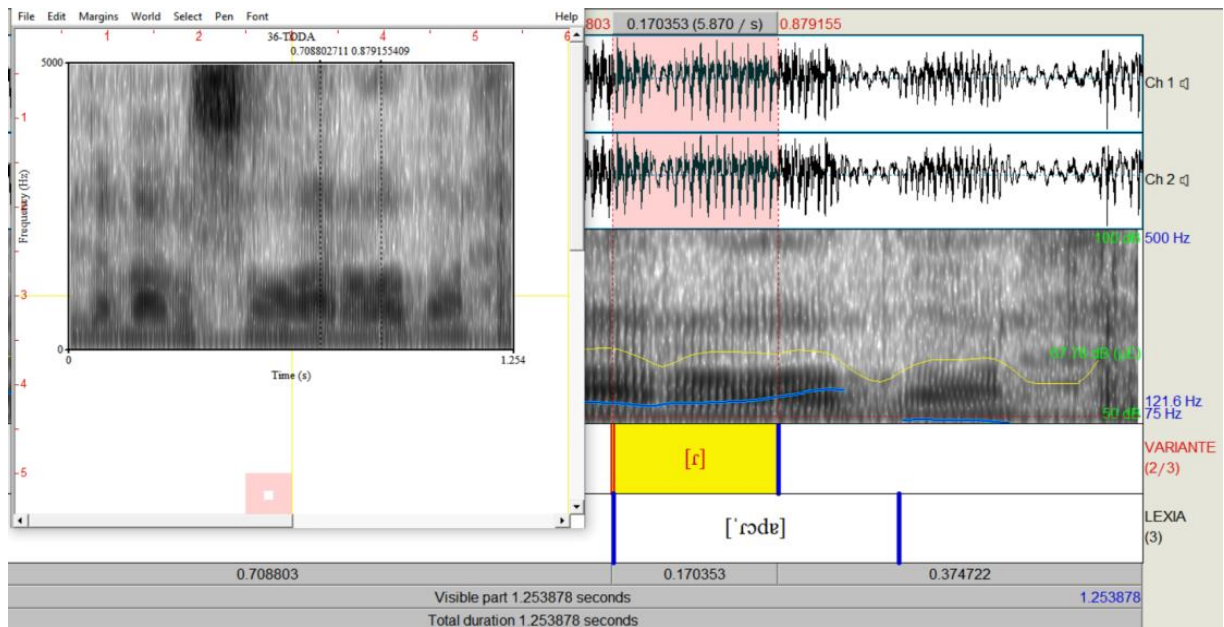
No primeiro momento do espectrograma, a linha azul indica a frequência (Hz), o traço em amarelo a intensidade do som, além de ser apresentada a frequência dos

formantes que aponta o resultado em um número específico da variante produzida e a vibração das pregas vocais durante a produção acústica do /R/.

Esses recursos visuais para o som aparecem por meio de tonalidade mais forte do *spectrum* consonantal, como é possível observar na linha tracejada contida na figura ampliada ao lado direito, que auxilia a visualizar os valores para F1, F2 e F3 (CRISTÓFARO-SILVA, et al., 2019).

Na Figura 6, a seguir, verificamos a ressonância (onda) produzida para a variante tepe alveolar [r] no contexto da lexia ['rɔdɐ]:

Figura 6 – Representação acústica do /R/ tepe no ponto alveolar



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB submetidos ao Praat.

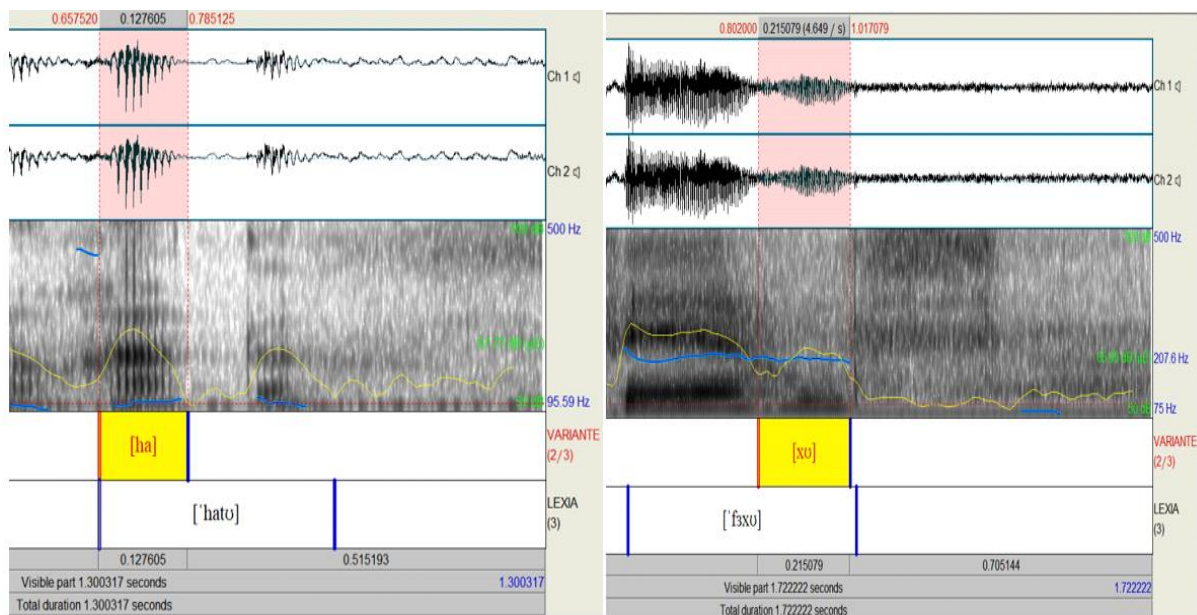
Na Figura 6, o destaque em amarelo no campo *Textgrid* da primeira etiquetagem contempla a transcrição fonética para a variante tepe e, no segundo campo de etiquetagem, aparece a ilustração da lexia recortada durante o relato pessoal /Roda/. Acima da ressonância espectral está representada a forma da onda, isto é, o delinemaneto da amplitude sonora com saídas de som em mono e estéreo.

Segundo Gregio (2012, p. 81), “acusticamente, a variante sonora tepe se caracteriza por duração breve e também por uma descontinuidade espectral marcada por espaço praticamente vazio, com energia muito baixa [...]”. Ainda de acordo com a autora, na produção da variante tepe, a vibração das pregas vocais é retomada. Assim, essa retomada pode ser identificada dentro do tempo de 0.170353 milésimos

de segundos, em que ocorre um espaço quando inicia a pronúncia da vogal média baixa [ɔ].

Referente à produção das variantes róticas fricativas (posteriores), a ilustração do espectrograma também auxilia a distinguir um som de outro para o arquifonema /R/, no qual o recorte da lexia em segundos é segmentado e isolado do restante da sílaba. A Figura 7 mostra o contraste entre o ponto glotal e velar na posição interna do léxico a partir da mesma classe morfológica (não verbos):

Figura 7 – Representação acústica do /R/ fricativo no ponto glotal e velar



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB submetidos ao *Praat*.

Segundo Campos, Broad e Seara (2013, p. 88), a articulação dos segmentos róticos posteriores indicam uma fricção durante a passagem do ar, confirmando a produção da fricativa velar na segunda ressonância, uma vez que “a fricativa velar vozeada apresenta ruídos de fricção com alta intensidade em regiões de frequência que vão de 2000 a 8000 Hz”, enquanto a variante glotal, “diferentemente da velar [...] apresenta menor amplitude de ruído de fricção que se distribui em uma região de frequência que vai de 1500 a 5000 Hz”.

Neste tópico, buscamos descrever algumas das produções sonoras para o /R/ no início e no meio de palavra, além de detalhar o ponto e o modo de articulação para algumas das variantes róticas analisadas na presente dissertação.

Em resumo, existem muitas outras realizações possíveis para as variantes róticas as quais são descritas e tratadas acusticamente nos estudos sobre descrição

e análise linguística, principalmente para o /R/ em coda silábica, como tepe fricativizado, retroflexa, aproximante retroflexa, retroflexa fricativizada, entre outras (ALMEIDA, 2018).

A seguir, no capítulo 3, explanamos detalhadamente sobre os trabalhos que registram as variantes róticas no PB, pois, de acordo com Rennicke (2016, p. 74), têm ocorrido fases fundamentais as quais apontam para as mudanças do rótico em ataque (*onset*), como: (i) o enfraquecimento da variante vibrante múltipla ([r]) para tepe alveolar ([r]), (ii) a posteriorização de alveolares e uvulares, e (iii) a “lenição” suavização do rótico em coda silábica.

3 CAPÍTULO 3 – ESTADO DA ARTE: AS VARIANTES RÓTICAS EM ATAQUE NOS TRABALHOS GEOLINGUÍSTICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS

Neste capítulo, apresentamos alguns estudos que tratam do /R/ nas diferentes configurações de sílabas no ataque, elaboramos um quadro com essas informações e descrevemos a estratificação adotada por algumas das pesquisas sobre o rótico em ataque.

3.1. /R/ EM ATAQUE CONTEMPLADO EM TRABALHOS GEOLINGUÍSTICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS

No Brasil, uma das pesquisas em torno da realização do rótico foi a publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amaral (1920), que já discutia o caso do possível sumiço da variante retroflexa na posição de coda silábica. As primeiras investigações sobre o /R/ encontram respaldo no aporte teórico-metodológico da Dialectologia a partir as contribuições de Clóvis Monteiro (1933), Mario Marroquim (1934), Antenor Nascentes (1953), entre outros (ALMEIDA, 2018).

No âmbito dos estudos sociolinguísticos, existem muitos trabalhos voltados para o estudo do /R/ em posição de coda silábica, como: “A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional”, de Marquardt (1977); “*The story of /r/*”, de Lindau (1985); “Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil”, de Callou, Leite e Moraes (2002 [1996]); “A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre”, de Monaretto (2002); “Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras”, de Aguilera e Silva (2011); “/r/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar”, de Aguilera e Kailer (2015); “Os róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil”, de Almeida (2018), entre outros. A maioria desses trabalhos confirma existir alternância entre mais de uma variante róticos em posição de coda silábica no falar brasileiro, o que justifica a vasta diversidade de trabalhos para a estrutura CVC (fonema /R/ pós-vocálico).

Referente ao ataque silábico simples, Câmara Jr. (1977) é um dos primeiros autores a suscitar a passagem do /r/ forte para o /r/ fraco (r <r), resultando no enfraquecimento da vibrante múltipla. Processo este que é semelhante à passagem da vibrante para as fricativas (confirmado anos depois através das pesquisas de Callou (1987), Callou, Leite e Moraes (2002 [1996]), Brescancini e Monaretto (2008) e Rennie (2015), como fricativação, ou posteriorização do /R/).

A fim de especificarmos as investigações encontradas para cada trabalho sobre o /R/ em ataque, no Quadro 5, seguimos para a apresentação dos estudos¹⁷ os quais se debruçam sobre o multifacetado arquifonema /R/ em posição de ataque silábico para a sílaba simples CV (inicial e/ou medial), e, ao final do quadro, detalhamos os resultados das pesquisas.

Quadro 5 – Ocorrência do /R/ nos trabalhos geolinguísticos e sociolinguísticos nacionais

Autor(es)/ Ano	Posição do /R/ em ataque	Predomínio das variantes róticas	Espaço geográfico	Contexto/ Banco de dados
Câmara Junior (1977, p. 79)	Em início de palavra	/r/ forte	Português brasileiro	Rato Roupa
	No meio de palavra	/r/ forte	Português brasileiro	Enrascada Israel
Callou (1987)	Em início de palavra	[x] fricativa velar	Rio de Janeiro	NURC
Callou e Leite (1995, p. 72-73)	Em início de palavra	[r] forte	Rio de Janeiro	Rato
	Grupo consonantal	[r] simples ou brando	Rio de Janeiro	Tribo
Callou, Leite e Moraes (2002)	Contribuição: Enfraqueci- mento consonantal	[h] fricativa	Rio de Janeiro	NURC
		glotal	São Paulo	
			Salvador Recife	
Margotti (2004, p. 10)	Em início de palavra	[r] forte	Orleans SC	Rato
			Rodeio SC	Rosa
			Caxias do Sul RS	Rapaz
			Sananduva RS	
	No interior de palavra		Orleans SC	Terra
		Rodeio SC	Garrafa	
		Caxias do Sul RS	Serrote	

¹⁷No Quadro 5, optamos por não inserir as pesquisas voltadas à aquisição do ataque complexo no português brasileiro e os casos de transferência do *onset* em inglês, pois alguns destes trabalhos não utilizam o mesmo aporte teórico-metodológico da presente dissertação, portanto não favorecem uma análise comparativa.

Sananduva RS				
Fraga (2006)	Em início de palavra	[r] vibrante múltipla [r] vibrante simples	Carambeí PR	Rapaz Raça
	No interior de palavra	[r] vibrante múltipla		Burro
Vegini (2007)	Em início de palavra	[h] fricativa glotal [x] fricativa velar	Joinville SC	Rato
	No interior de palavra	[x] fricativa velar [h] fricativa glotal	Joinville SC	Corre
Brescancini e Monaretto (2008, p. 57)	Em início de palavra	[x] fricativa velar	Porto Alegre RS Florianópolis SC Londrina PR	VARISUL
		[r] vibrante múltipla	Lages SC Blumenau SC Curitiba PR Pato Branco PR	
		[r] tepe alveolar	Flores da Cunha RS Panambi RS Chapecó RS	

Busse (2010, p. 184-191)	Em início de palavra	[x] fricativa velar	Guaíra PR Marechal Cândido Rondon PR Santa Helena PR Medianeira PR Santa Terezinha de Itaipu PR Capitão Leônidas Marques PR Cascavel PR Guaraniaçu PR	Rosa Remando
		[r] vibrante múltipla	[x] fricativa velar	Assis Chateaubriand PR
	No interior de palavra	[x] fricativa velar	Guaraniaçu PR	Arroz Borracha
		[r] vibrante múltipla		
Campos, Broad e Seara (2013)	Em início de palavra e no interior de palavra	[x] fricativa velar	Maringá PR Florianópolis SC	Rato Corre
Lima (2013, p. 90)	Em início de palavra e no interior de palavra	[x] fricativa velar	Goiânia GO Goiatuba GO Uberlândia MG	Curral Córrego
Scherer (2013, p. 180)	Em início de palavra e no interior de palavra	[r] tepe alveolar	Luzerna SC Panambi RS	Rato Região Correio Chimarrão Carro
		[r] vibrante múltipla		
		[r] vibrante alveolar com fricção		
		[x] fricativa velar		
Aguilera e Biolada	Em início de palavra e no	[h] fricativa glotal	São Paulo Rio de Janeiro	ALIB

(2015, p. 152)	interior de palavra	[x] fricativa velar	Espírito Santo Minas Gerais	
Carlos (2015, p. 143-146)	Em início de palavra	[x] fricativa velar [r] vibrante múltipla	Terra Roxa PR Missal PR	Rio Rosa
	No interior de palavra	[x] fricativa velar [r] vibrante múltipla [r] tepe alveolar	Terra Roxa PR Missal PR	Correio Corrupto
Costa, Cotovicz (2015, p. 217)	Em início, no interior de palavra e intervocálico	[r] vibrante múltipla [x] fricativa velar	Rebouças PR	Rato Rua Jarra Rural
Rennicke (2016, p. 92)	Em início, no interior de palavra e intervocálico	[h] fricativa glotal vozeada [h] fricativa glotal desvozeada [β] fricativa uvular [ʁ] cancelament o	Lavras MG	Rato
Justina (2018, p 142)	Em início de palavra	[r] tepe alveolar [x] fricativa velar [r] vibrante múltipla	Mato Grosso	DIVALIMAT

Fonte: Elaborado pela autora a partir de trabalhos dos pesquisadores da área.

A alternância do /R/ em distintos contextos de produção, as vibrações dos róticos anteriores (/r̄/ forte e /r/ brando) e o enfraquecimento do /R/ têm motivado observações desde Câmara Jr (1953/1977) até pesquisas atuais, como de Callou e Leite (1995), Callou, Leite e Moraes (2002 [1996]), Monaretto, Quednau e Hora (2005), Fraga (2006), Brescancini e Monaretto (2008), Justina (2018), entre outras.

Para Câmara Jr. (1953, p. 106), a posição intervocálica (vogal, consoante e vogal) da estrutura do Latim Clássico favoreceu o “abrandamento” da vibrante alveolar para o /r/ brando (denominado de tepe alveolar pela classificação IPA). O autor destaca que a geminação é responsável por acometer a vibração de consoantes idênticas, isto é, o /r̄/ forte e o /r/ brando (ca^{rr}o < caro), assim:

[...] o /r/ brando é um mero alofone de posição intervocálica. Fonêmicamente, corresponde a um enfraquecimento, à maneira do que sofre o /b/, o /d/ e o /g/, determinado por essa posição. A líquida vibrante, assim considerada é um só fonema, na base da sua articulação forte, apresenta além do alofone posicional que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla (CÂMARA JR., 1953, p. 19-20).

Referente à essa afirmação sobre geminação, Bisol (1996, p. 214) explica: “A geminação se reduziu a uma vibrante múltipla em oposição a um /s/ simples. A oposição manteve-se, pois, não mais como uma geminada em relação a uma simples, mas como uma vibrante forte em relação a uma fraca”.

Segundo Callou, Leite e Moraes (2002 [1996]), tanto a pronúncia velarizada da aproximante lateral [l] quanto o enfraquecimento do /r/ em posição de coda silábica aponta para um traço regional, mas não para fatores externos à língua. Ainda de acordo com os pesquisadores da área,

Essa questão deve ser analisada dentro de um quadro mais amplo, de uma tendência geral para uma posteriorização da articulação das consoantes que travam sílaba em português, como um passo para a perda da consoante na posição de coda, chegando ao padrão silábico ideal CV (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002, p. 538).

Deste modo, a mudança da líquida [l] foi inserida no PB por meio do Latim, sendo uma mudança no interior da palavra (estrutura CV), e o /r/ forte para fricativo velarizado a partir do processo de uma “mudança de baixo para cima” (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002, p. 538).

Margotti (2004) investigou a interferência da língua italiana na produção do /r/ forte (vibrante múltipla) em início de palavra nas localidades de Orleans, Chapecó, Videira e Rodeio em Santa Catarina, e, também, em Caxias do Sul, Sarandi, Nova

Palma e Sananduva no Rio Grande do Sul. O pesquisador estratificou o fator diatópico, o estilo de fala (diafásico) e o *continuum* rural/urbano, com propósito de verificar a pronúncia do /r/ em dois grupos, sendo um formado por falantes luso-brasileiros e outro ítalo-brasileiros. Como resultado, o autor obteve elevada ocorrência da vibrante múltipla nos pontos de Caxias do Sul (66%) e Orleans (68%). No cômputo total, o /r/ forte apresentou 74% de ocorrência na área urbana e 26% na área rural, com peso de .76 e .25 para *Input* de .52 (MARGOTTI, 2004).

Ainda de acordo com Margotti (2004, p. 161), o estilo de fala foi considerado o contexto mais favorável para verificar o uso do /r/ forte, resultando em 46% de ocorrência no questionário, 65% na leitura e 47% na conversa. Para o fator linguístico (variável independente), foi estratificada apenas a extensão da sílaba, dessa forma, “indicando que os monossílabos são os que mais favorecem a aplicação da variante [+ptg]. [...] os que menos favorecem a aplicação da respectiva variante, estão os vocábulos com quatro ou mais sílabas”. Outros apontamentos feitos pelo pesquisador são referentes aos agrupamentos das variantes róticas e o fator diageracional no predomínio de uma ou de outra variante, como seguem:

Ainda convém ressaltar que, em nosso estudo, as consoantes [ɹ] e [r] foram agrupadas em uma única variante associada ao português de contato. Em vista disso, não foi possível analisar em separado os dois tipos de [r], principalmente o [ɹ] aproximante, que apresenta indícios de ser uma pronúncia de transição entre a pronúncia marcada pelo italiano e a pronúncia não-marcada. Além disso, o procedimento metodológico adotado possivelmente explique porque na realização desta variável linguística, diferentemente das demais, os falantes mais jovens realizaram mais variantes associadas ao italiano do que os falantes mais velhos (MARGOTTI, 2004, p. 161-162).

Fraga (2006) também partiu da concepção do bilinguismo com intuito de verificar a variação do /R/ em ataque silábico inicial, considerando o contato linguístico entre o português falado em Carambeí no estado do Paraná com a língua holandesa falada por duas gerações nascidas na cidade. A autora menciona que no Holândes da norma padrão existem as seguintes variedades róticas: vibrante alveolar, tepe alveolar, fricativa velar, fricativa uvular e fricativa glotal, como descrito na pesquisa:

Os informantes também afirmaram que se pode pronunciar “g” e “ch” como /F/ em quaisquer contextos fonológicos que “ninguém estranharia” ou acharia que se trata de um “holandês ruim”. Sua ocorrência tem relação com uma pronúncia enfática (FRAGA, 2006, p. 1118-1119).

Como resultado, Fraga (2006, p. 1119) encontrou 60% de realização para vibrante múltipla contra 5% de produtividade para variante fricativa velar, o que, segundo a pesquisadora, não tem relação direta com o contato linguístico. Nas

palavras da autora, “Não há dados que sustentem que, o rótico em posição de ataque silábico, tal como ele é realizado no português carambiano, é consequência do bilingüismo português/holandês presente na região”.

As investigações de Vegini (2007), Fraga (2006), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), Campos, Broad e Seara (2013), Lima (2013), Scherer (2013), Aguilera e Biolada (2015), Carlos (2015), Costa Cotovicz (2015), Rennieke (2016), e Justina (2018) fazem parte de pesquisas atuais que fortalecem a concepção de posteriorização e/ou enfraquecimento do /R/ articulado no ponto alveolar, cujo resultado da pesquisa foi apresentado no Quadro de nº 5 e será retomado no decorrer da análise.

Vegini (2007, p. 1, grifos nossos) analisou a posição de ataque silábico da consoante R a partir do enunciado: “**R**ato gordo e esperto, de uma nova era, corre atrás de gato desriçado dentro de um bar”, considerando o aporte teórico metodológico da fonoestilística. A pesquisadora entrevistou dois homens e três mulheres da localidade de Joinville Santa Catarina e obteve os seguintes resultados: (i) a maioria dos informantes produziu a frase de modo espontâneo, isto é, com registro “hipoarticulado”, (ii) realização do tepe nas lexias “era”, “beira”, “touro”, “atrás” e “dentro”, e (iii) produção das fricativas glotal e velar nas palavras “corre” e “rato”

Na amostra com informantes de Lavras (MG), Rennieke (2016) constatou 21 variantes para o /R/, desse total, sendo quatro variantes róticas encontradas na posição de ataque silábico simples. Nesse caso, considerou como R-forte as seguintes variantes: fricativa glotal vozeada, fricativa glotal desvozeada, fricativa velar, fricativa uvular e o cancelamento do /R/ mesmo no ataque silábico. Ainda de acordo com a autora, a lenição do rótico, principalmente no contexto intervocálico, é resultado de uma redução articulatória e gradiente, isto é:

A lenição (ou redução) articulatória, que ocorre por diminuição do gesto articulatório ou por realinhamento temporal, é a principal força por trás da mudança diacrônica (que levou ao atual contraste intervocálico de fricativa posterior vs. tepe anterior) e da variação sincrônica. A análise acústica facilita o estabelecimento de trajetórias de lenição: como exemplo, mencionemos a mudança do tepe para aproximantes e vogal rótica ([r] → [r̥] → [ɹ] → [ɹ̥] → [ɹ̥̥] → [ə]), que torna evidente caráter gradiente da mudança sonora e das representações fonológicas (RENNICKE, 2016, p. 91-92).

A reflexão apresentada por Rennieke (2016) é necessária, porque indica que o informante tende a reduzir a articulação do rótico, raramente optando pelo apagamento do /R/ na posição inicial ou intervocálica, porque, a depender da variação fonética, esta pode interferir e modificar o sentido semântico-lexical da palavra.

Em resumo, neste capítulo, discorreremos sobre alguns dos trabalhos de natureza Geolinguística e Sociolinguística voltados para o arquifonema /R/ em ataque simples e complexo, a fim de retomar esses trabalhos no capítulo da análise de nossos dados.

Caminhamos, agora, para o quarto capítulo, que trata da rede de pontos selecionada para esta dissertação, no qual descrevemos o percurso da colonização no Estado do Paraná e suas implicações sócio-históricas.

4 CAPÍTULO 4 – REDE DE PONTOS DA REGIÃO EM ESTUDO: UM PANORAMA DO PARANÁ

Neste capítulo, explanamos sobre o desenvolvimento sócio-histórico do Estado do Paraná, em seguida apresentamos a rede de pontos e o processo de migração e imigração de cada uma das localidades paranaenses selecionadas para esta dissertação.

4.1. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO PARANÁ

De acordo com Maack (2002 [1857/1959], p. 73), o estado do Paraná (PR) está localizado em território brasileiro na América do Sul, mais precisamente, “entre as latitudes de 22° 29’ 30” na cachoeira Saran Grande, no rio Paranapanema e 26° 42’ e 59” nas nascentes do rio Jangada, numa extensão superior a 468 km em direção norte-sul”.

O Paraná guarda um importante acervo histórico e cultural em bibliotecas físicas e virtuais, o que possibilita discorrer sobre os fatores que levaram para sua emancipação, em 19 de dezembro de 1853 (MAACK, 2002). Essa reflexão histórica é importante porque esse estado foi o ponto de desembarque de muitos imigrantes, que traziam em suas malas não apenas seus pertences pessoais, como também suas línguas e seus costumes.

De acordo com Dantas, Leifert, Suguiura e Ueno (2010, p. 49), podemos fazer a seguinte constatação: “Na sociedade que recebe o imigrante, mudanças culturais também ocorrem, concepções identitárias da própria sociedade hospedeira mudam a partir do contato”. Os autores mencionam ainda que “essas mudanças podem tomar uma direção positiva, de ampliação e enriquecimento cultural da sociedade ou negativa, de enrijecimento e acirramento de preconceitos [...]”.

As primeiras colônias paranaenses eram formadas por alemães responsáveis pelas construções ferroviárias, montadas na região sul do Estado para o escoamento dos grãos de café. Para Cardoso (1981, p. 62), a ocupação ocorreu “[...], em 1829, dos primeiros alemães fixados no Paraná, na Lapa e no Rio Negro”. Em seguida, o autor menciona a formação de outras colônias, no período de 1840 a 1860, como:

[...] **Thereza**, em 1847, junto ao rio Ivaí, pelo médico João Maurício Faivre, com 87 franceses; **Superagui**, em 1852, no litoral de Guaraqueçaba, por Charles Perret Gentil, com 58 suíços, alemães, franceses e outros; **Assungui**, em 1860, na Ribeira, com 949 ingleses, franceses, italianos, alemães e outros (CARDOSO, 1981, p. 64, grifos no original).

No século XX, a produção cafeeira atraiu olhares de empresas para a Região Norte, como a *Paraná Plantations Limited*, que, mais tarde, foi assumida pelas Companhias de Terras do Norte do Paraná – CNTP (CARDOSO, 1981). Assim, os “[...] Colonos estrangeiros também se dirigiram para o Norte do Paraná, como é o caso das colônias de Assaí, estabelecida pela Brazil Tokushoku Kaisha, e de Uraí, pela Nambei Tochikubushiri, com japoneses” (CARDOSO, 1981, p. 72).

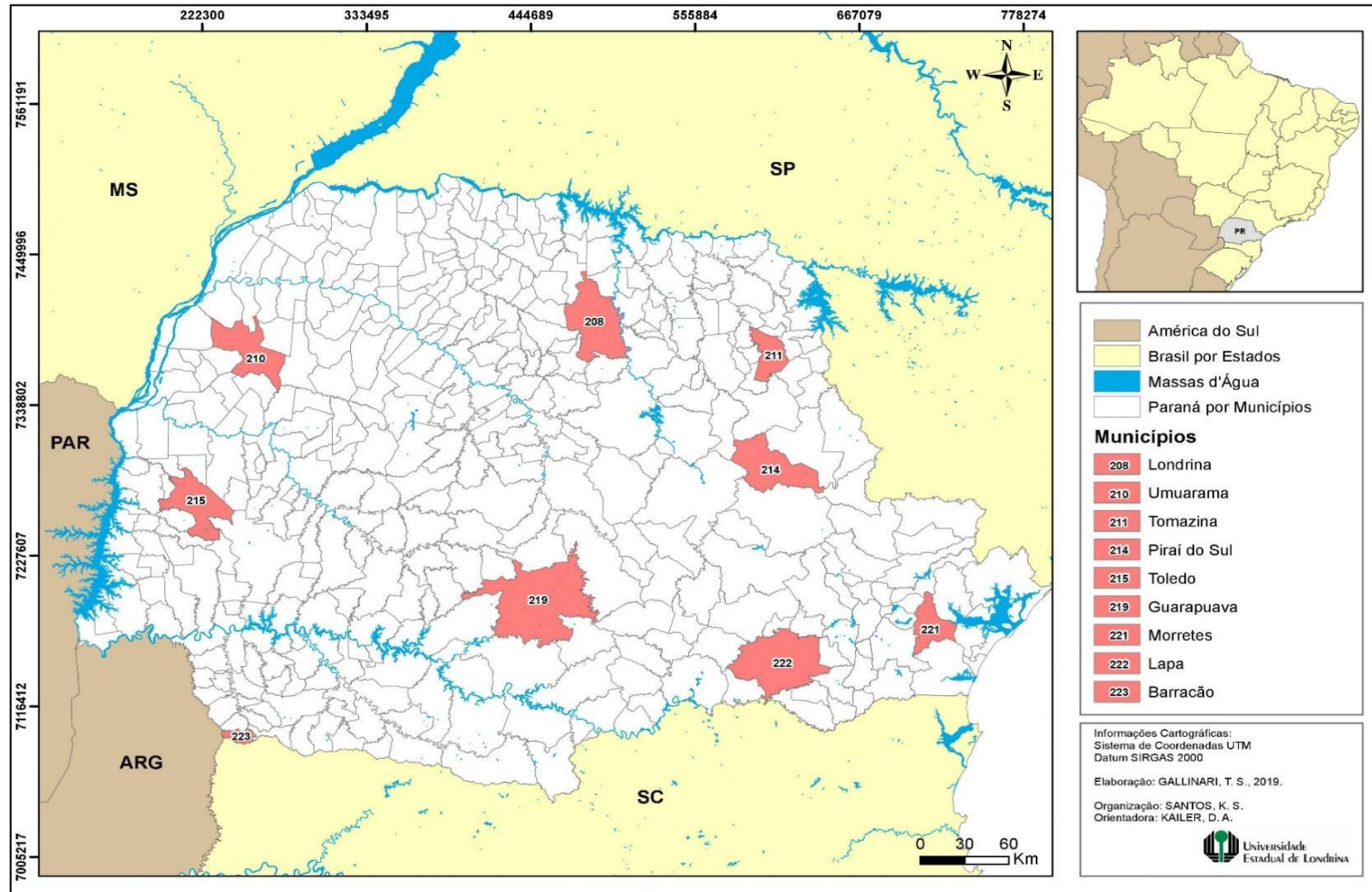
Priori et al. (2012, p. 96) comentam que a política do baixo preço de terras atraiu muitos imigrantes. Assim, as novas colônias aprimoraram os conhecimentos de uma civilização europeia, por meio da matéria prima encontrada no solo paranaense. Nas palavras do pesquisador,

O imigrante passou a ser considerado o fator de estabilidade para o desenvolvimento das cidades e o aumento da produção. Nessa época, o Paraná tornou-se a principal fronteira agrária e agrícola do país, atraindo tanto imigrantes europeus quanto migrantes nacionais.

Para Colodel (2002), a localização do Paraná contribuiu para atrair não apenas imigrantes e descendentes de alemães, poloneses, ucranianos, italianos, ingleses e japoneses que formaram as grandes colônias, como também migrantes paulistas, mineiros, nordestinos, entre outros. Esse retrato do estado paranaense indica o terreno fértil para a diversidade dialetal presente em cada canto de suas mesorregiões, ampliando um cenário de diversidade não apenas cultural, mas também linguístico.

A Figura 8, a seguir, ilustra a localização geográfica do estado do Paraná e os pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que serão discutidos em outro tópico.

Figura 8 – Localização do Estado do Paraná



Fonte: Elaborado por Gallinari (2019) para esta dissertação.

4.2. O CAMINHO DO PARANÁ NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

As infinitas batalhas entre as bandeiras sangrentas dos espanhóis contra os portugueses abriram caminho para o que, futuramente viria a ser o Brasil e a constituição de seus estados. As bandeiras paulistas foram as primeiras a percorrerem caminhos rumo ao desenvolvimento do país, já as outras avançaram para o Sul, integrando as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul na busca pela mineração (MAACK, 2002).

Segundo o historiador Maack (2002), as bandeiras rio-grandenses e paulistas atravessaram o Paraná e os planaltos, entre os anos de 1637 a 1760, com objetivo de transportar metais preciosos. Nesse período, na Região litorânea do Paraná, as localidades de Paranaguá e Curitiba surgiram com intuito de fortalecer o povoamento no Estado, além de servirem de território administrativo à Coroa Portuguesa.

Maack (1857/1969, p. 36) discorre sobre a chegada do capitão-mor Gabriel de Lara¹⁸ à ilha de Paranaguá. De acordo com o autor, quando este chegou, “[...] os portugueses já estavam radicados há 100 anos na ilha da Cotinga. Já Hans Staden, em 1550, encontrara a baía de Paranaguá povoada por portugueses vindos de São Vicente”. O autor destaca ainda que:

O limite entre as esferas de interesse espanhola e portuguesa, no tocante à região do atual Estado do Paraná, desenvolvia-se de acordo com o tratado de Madri [...] foi anulado em 1761, mas restituído pelo tratado de Santo Ildefonso no ano de 1777, após a guerra luso-espanhola, com a modificação no tocante ao limite do Paraná, cuja divisa passou a correr o rio Paraná acima até as Sete Quedas. Assim estabeleceu-se o limite oeste do Estado do Paraná, ainda hoje em vigor, com Argentina e o Paraguai (MAACK, 1857/1969, p. 46).

De acordo com Priori et al. (2012), no ano de 1763, a Comarca do Rio de Janeiro passou a controlar a sede de SP (responsável pelas terras paranaenses). O estado do Paraná teve sua emancipação política quando a 5ª Comarca de São Paulo, com sede em Paranaguá, perdeu sua autonomia.

Priori et al. (2012, p. 16) destaca que essas disputas tinham por finalidade a conquista dos minérios e a redução dos impostos. Dessa forma, “[...] Pedro Joaquim de Sá, representante da Comarca de Paranaguá, foi a pessoa responsável para apresentar a D. João VI as possíveis vantagens com a separação do Paraná da

¹⁸Filho de espanhol e fundador da cidade de Paranaguá.

província de São Paulo”, nesse período, havia diversas reivindicações sobre a emancipação do Paraná. Ainda segundo a autora, as cidades de: “Antonina, Castro, Curitiba, Morretes, Paranaguá e Vila do Príncipe (Lapa)” (2012, p.18) foram responsáveis por várias rebeliões no período imperialista no Brasil. No ano de 1853, o Paraná foi emancipado com a chegada do Conselho de Zacarias de Goés e Vasconcelos à Curitiba, sendo esta, posteriormente, denominada a capital do Estado (PRIORI et al., 2012).

Em 1888, fase de desenvolvimento do Paraná, o Brasil passava pela abolição da escravatura, que culminou na vinda de imigrantes europeus motivados por campanhas políticas. Segundo Balhana (1996, p.12),

[...] no Brasil, igualmente com a abolição da escravatura e a proclamação da República, são atingidas as cotas anuais mais elevadas do movimento imigratório, com mais de duzentos mil imigrantes por ano.

De acordo com Oliveira (2007, p. 2), o Paraná recebeu muitos imigrantes, inicialmente para administrarem as construções públicas, em seguida, como forma de embranquecimento da população, no ano de 1911. Para o autor “[...] 53.047 imigrantes teriam aportado no Paraná”. A vinda desses imigrantes não afetaria apenas a cor da pele, como também a língua e a cultura dos povos que aqui estavam. Segundo ele, “quando a política oficial de incentivo já havia acabado, o número total de imigrantes poloneses teria sido de 20.386 (14.286 apenas entre os anos de 1890 e 1894) e de 15.730 para o período entre 1900 e 1914” (OLIVEIRA, 2007, p.3).

Espig (2008, p. 10) afirma que, de 1908 a 1910, durante a construção das ferrovias (estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul – a “Linha Sul”), a Companhia “Railway Company” recrutou muitos trabalhadores imigrantes, contudo, estes não ficaram na região e acarabam por ir para outros lugares do Brasil.

Diferentemente da averiguação feita por Espig (2008), Cardoso (1981, p. 70), no *Atlas Histórico do Paraná*, expõe que, entre os anos de 1900 a 1920, a Região Oeste paranaense encontrava-se com “[...] vários pequenos povoados e pequenos portos de embalse, originados da movimentação provocada pela exportação de erva-mate e de madeira, quase sempre por companhias estrangeiras [...]”. Ainda segundo o *Atlas Histórico do Paraná*, mais precisamente entre os anos de 1907, os primeiros holandeses e os japoneses chegaram ao Estado.

O historiador destaca o início da primeira Universidade Federal do Paraná, fundada no ano de 1912, e discorre sobre o período da “grande expressão cultural

Na metade do século XX, o Paraná expandiu a escala do setor agropecuário e as técnicas de plantio quase artesanais que exigiam mais mão de obra, porque a colheita era feita de forma manual pelos migrantes e imigrantes (PARANÁ, 2019). Nesse período, ocorreu elevada extração madeireira a partir das plantações de araucária e de eucalipto, incentivando a mudança no cenário culinário, artístico e cultural, além do contato linguístico.

Esse avanço na agricultura proporcionou a formação das regiões Norte Pioneiro, Norte Central, Noroeste, Centro Ocidental, Centro-Oriental, Centro-Sul, Oeste, Sudoeste, Sudeste e Região Metropolitana de Curitiba. No ano de 1930, na Região Norte, a cultura do café ganhava cada vez mais espaço no solo paranaense. Esse cultivo foi fomentado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná – CNTP (PARANÁ, 2019).

No ano de 1960, o café já era o principal alimento produzido em grande escala na região do Norte Novo e Norte Pioneiro, devido à qualidade da terra roxa (de coloração vermelha). Na época que compreende o ano de 1995 e 1996, além do café, eram cultivados a erva-mate, a soja, o milho, o trigo, o algodão e o feijão (GROSSI; GUIMARÃES; LLANILLO; MUNHOS; SANTOS, 2006). Segundo os autores, o trigo ganhou espaço nas demais regiões do Estado devido aos interesses de migrantes vindos do Rio Grande do Sul, os quais vieram cultivar o grão no Paraná.

De acordo com Magalhães Filho (1993, p. 95), na década de 70, “[...] o Estado passa a ser predominantemente urbano: dos 6,9 milhões de habitantes em 1970, 4,4 milhões viviam no campo [...]”. O autor menciona que as políticas econômicas de anos anteriores, juntamente com o cenário internacional, propiciaram o desenvolvimento de vários setores. Segundo a Secretária de Esporte e Turismo do Paraná (2019), em 1970, com o progresso tecnológico por meio de maquinários que auxiliavam nas colheitas/safras nos campos, instalou-se no estado a agroindústria, a produção de materiais elétricos e as empresas de comunicação (PARANÁ, 2019).

Em 1980, o êxodo rural mostrava-se mais acentuado quando comparado com décadas anteriores. Segundo Magalhães Filho (1993, p. 95) “em 1980, esse número reduz-se para 3,1 milhões numa população de 7,6 milhões [...]”, isto é, apenas 31% da população paranaense residia nas áreas rurais. O historiador chama atenção para a queda na densidade demográfica desse período, resultado da baixa produção cafeeira, do avanço nos setores industriais e de maquinários agrícolas. De acordo com Magalhães Filho (1993, p. 95-96),

O saldo migratório negativo que essa taxa evidencia é confirmado pelo fato de que, em 1980, 1,1 milhão de pessoas no restante do País declararam ter migrado do Paraná nos 10 anos anteriores, contra apenas 396 mil residentes no Paraná vindos de outras unidades da Federação no mesmo período. O saldo populacional negativo decorrente das migrações do período pode ser estimado em algo no entorno de 1,3 milhão.

Costa e Rocha (2012, p. 128-129) afirmam que, até o ano de 1991, as migrações intra-estaduais ocorriam nos seguintes municípios: “[...] Curitiba, Londrina e Maringá no Norte Central, Cascavel e Foz do Iguaçu no Oeste e alguns outros centros [...] (especialmente Ponta Grossa e Guarapuava)”.

Entre a década de 90 até o ano 2000, a baixa produção do café motivou a migração e a evasão populacional das zonas rurais para os centros urbanos, como exibido nos seguintes dados do IBGE-IPARDES (2003, p. 12):

Tabela 1 – Taxa populacional paranaense de 1940 até o ano 2000

ANO	Domicílio Urbano	Domicílio Rural	População Total
1940	302.272	934.004	1.236.276
1950	528.288	1.587.259	2.115.547
1960	1.305.927	2.962.312	4.268.239
1970	2.504.378	4.425.490	6.929.868
1980	4.472.561	3.156.831	7.629.392
1991	6.197.953	2.250.760	8.448.713
2000	7.786.084	1.777.374	9.563.458

Fonte: Adaptação IBGE-IPARDES (2003, p.12).

De acordo com dados do IBGE-IPARDES (2003), de 1940 a 2000, ocorreu a inversão das áreas domiciliais (região rural e urbana), resultando em aproximadamente um milhão de habitantes a menos nas zonas rurais a partir década de 80. Essa informação é relevante para a presente dissertação, visto que vamos retomar esses dados no capítulo da análise para comparar os dados do ALiB aos da carta do ALPR II.

Outro resultado importante são os dados do IBGE-PNAD (2003, p. 46), porque estratificam a ocupação (atividade de trabalho) de homens e mulheres nos anos de 1992 e 2001 (fase de avanço na economia paranaense). Nessa época, verificamos que o número de homens ativos economicamente é mais elevado do que em relação às mulheres ativas no mercado de trabalho, como demonstrado na seguinte tabela:

Tabela 2 – Taxa de ocupação de homens e mulheres de 1992 até o ano 2001

Grupo populacional	Taxa de crescimento (%)	1992	2001
População em idade ativa			
Homem	1,74	3.344.414	3.907.483
Mulher	2,09	3.345.765	4.030.175
População economicamente ativa			
Homem	1,14	2.684.111	2.971.736
Mulher	2,65	1.694.950	2.144.220
Ocupados			
Homem	0,95	2.552.675	2.779.614
Mulher	2,26	1.590.053	1.943.931
Desocupados			
Homem	4,31	131.436	192.122
Mulher	7,45	104.897	200.289
Total	Ativo	6.690.179	7.937.658

Fonte: Adaptação IBGE-PNAD (2003, p. não paginado).

Segundo o IBGE-PNAD (2003, p. 47), 450 mil mulheres entraram para a lista de população economicamente ativa, algo “[...]que representaram quase 2/3 do incremento verificado na PEA paranaense [...]”. Em uma década a população paranaense aumentou e, conseqüentemente, a atividade econômica também, resultando na inserção da mulher no espaço de trabalho fora da residência domiciliar. Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2003, p. 47) “Sua participação no total de ocupados passou de 38,4%, em 1992, para 41,2%, em 2001, atingindo um total de 1,9 milhões de trabalhadoras no Estado”. Contudo, não se pode

deixar de ressaltar, nos dados do IBGE-PNAD (2003), o número de mulheres desempregadas em 2001, segundo informações: “[...] foram elas que mais sofreram o problema do desemprego, com sua participação no total de desempregados passando de 44% para 51%, no período. Em 2001, estavam desempregadas 200 mil mulheres no Paraná”. Sendo assim, podemos constatar que a figura feminina tem, com mais este fator, um papel na sociedade a ponto de implicar também no setor econômico ligado ao mercado de trabalho. Dessa forma, acreditamos que os dados representados na Tabela 2 podem ajudar na análise da variável sexo.

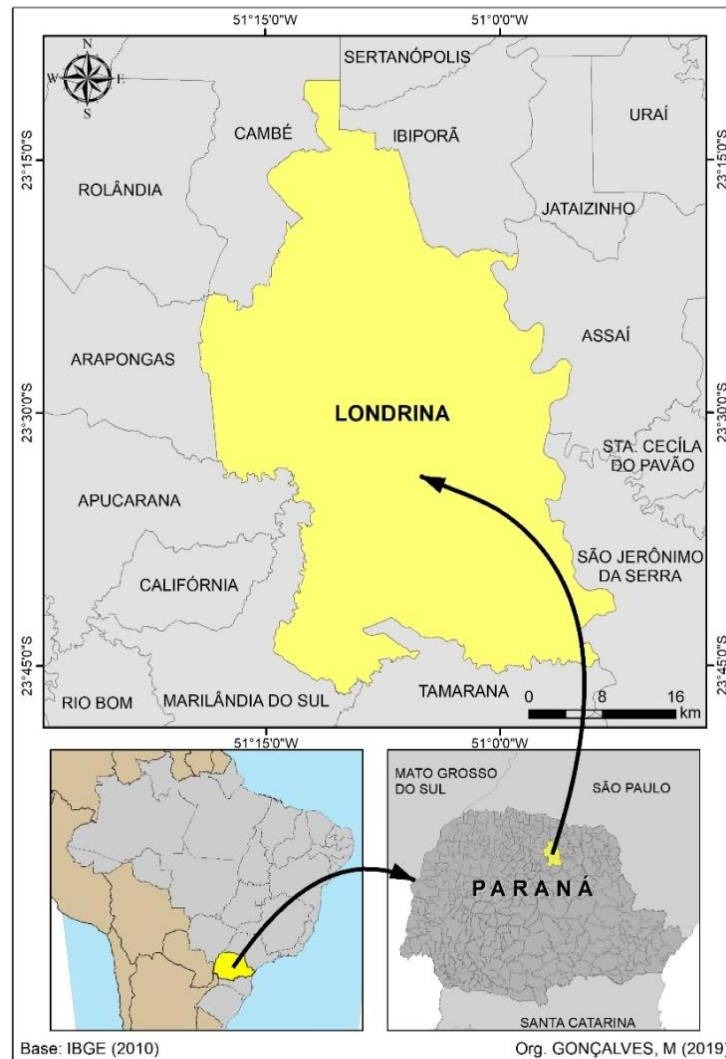
Atualmente, segundo o último levantamento de dados do IBGE (2010), o Estado do Paraná conta com mais de 65% da população empregada, isto é, em trabalho considerado formal, e apresenta índice populacional de 52,40 habitantes por Km², totalizando 10.444.526 paranaenses.

4.3. ASPECTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS MUNICÍPIOS

Os municípios do Sul do Paraná (Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão) que constam na rede de pontos do ALiB receberam os primeiros colonos, cujos trabalhadores eram ingleses, alemães, poloneses, ucranianos, franceses e suíços. Já Londrina, Umuarama, Tomazina e Piraí do Sul, localidades do norte paranaense, foram colonizadas depois por alemães, italianos e japoneses (últimos imigrantes a chegarem às terras paranaenses).

A partir desse breve resgate histórico, discorreremos sobre a primeira localidade, nº 208 da rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil:

Figura 10 – (208) Londrina



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Na Região Norte paranaense, que predomina o cultivo de café, milho e soja em grande escala, está localizado a cidade de Londrina, responsável por impulsionar a agricultura e o setor pecuário, além de apresentar grandes centros de pesquisa, ensino e extensão, como a Universidade Estadual de Londrina (UEL).

De acordo com Mota (2005, p. 70), em 1927, ocorreu a divisão de terras do Norte paranaense através da “Companhia Paraná Plantation Limited, sediada em Londres”. O autor destaca que, nesse período, ocorreu a demarcação das terras, com “[...] 515 mil hectares de terras entre os rios Tibagi e Paraná, onde hoje se localizam Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama e numerosas cidades de menor porte”.

Segundo Gratão, Archela, F. Barros e Barros (2005), no ano de 1929, os ingleses fundaram a cidade de Londrina (localizada na Região Norte Central do Paraná), atribuindo ao município a denominação “pequena Londres”. O nome foi

atribuído, porque os membros da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CNTN) identificaram uma paisagem semelhante à da capital da Inglaterra. Os autores citados mencionam ainda que a cidade de Londrina atraiu muitos colonizadores, sendo os ingleses responsáveis pelo desenvolvimento da região, assim:

Foram os ingleses que abriram as portas do Norte do Paraná para outros desbravadores e exploradores – colonizadores –, que cruzando o majestoso rio Tibagi, chegaram a esse lugar para construir a “Pequena Londres” – Londrina – Capital do Café (GRATÃO; ARCHELA; F. BARROS; BARROS, 2005, p. 7).

A partir da empresa *Paraná Plantation*, Londrina desenvolveu em grande escala a produção cafeeira e atraiu olhares dos demais imigrantes ingleses, italianos, russos e japoneses. Diante desse desenvolvimento demográfico, o principal rio responsável por abastecer a cidade é o Rio Tibagi, cujo nome advém da língua indígena que significa “muita água” e/ou “feitoria do machado” (MOCHIUTTI, 2013, p. 99).

Para França (2011), a cidade de Londrina é uma das localidades mais importantes da Região Norte, por tratar-se de um pólo econômico e cultural do Estado do Paraná. O autor destaca que:

Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama foram cidades planejadas para se localizarem a uma distância de 100 quilômetros entre elas com a finalidade de se tornarem metrópoles modernas, organizadas e estruturadas para receber as pessoas dos pequenos núcleos urbanos (FRANÇA, 2011, p. 168).

Atualmente, segundo os dados do IBGE (2010), Londrina possui 563.943 habitantes distribuídos pelos 1.652,569 km², sendo considerada a segunda cidade mais populosa do Estado paranaense, além de ser reconhecida como pólo educacional.

A seguir, a Figura 11 apresenta o ponto nº 210 da Região Noroeste do Paraná (considerado como Norte Novo) onde está localizado o município de Umuarama. Nessa região está concentrada uma economia baseada no plantio de café e maçã, devido à Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN) que também atuou no desenvolvimento dessa área:

Figura 11 – (210) Umuarama



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Segundo dados do IBGE (2010), Umuarama foi fundada em 1955 e recebeu muitos imigrantes que ajudaram no crescimento da cidade. Essa informação pode ser confirmada por meio do relato pessoal do informante do ALiB estratificado na segunda faixa etária (50 a 65 anos), em que ele discorre sobre a Festa das Nações como uma das comemorações mais tradicionais da cidade, porque possui o objetivo de simbolizar os migrantes e imigrantes que chegaram na região com intuito de trabalhar na colheita de maçã.

O depoimento do informante também encontra respaldo nas descrições do historiador França (2011), que disserta sobre o fato da região ter chamado atenção dos imigrantes ingleses. Segundo o historiador, a CNTP colonizou o Norte Novo. Assim, “a Paraná Plantation, que assumiu a política de venda de terras no Norte do Paraná e colonizava a região, foi representada pela CNTP (Companhia de Terras

Norte do Paraná) – [...] que realizou a ocupação do território [...]” (FRANÇA, 2011, p. 168).

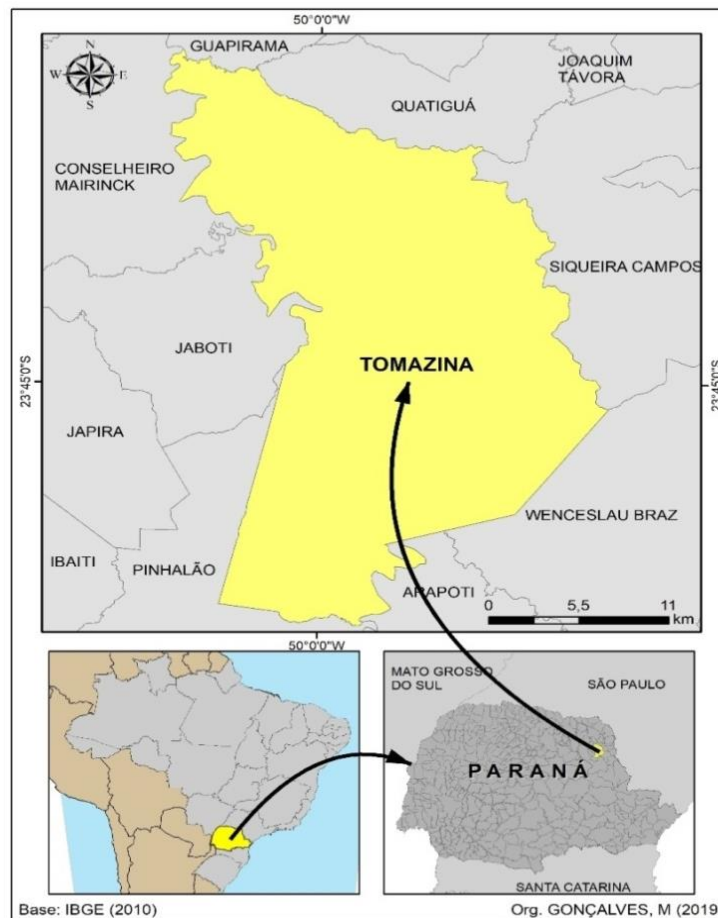
De acordo com algumas informações históricas do IBGE (2010, p.1), “As famílias umuaramenses são compostas por pessoas que vieram dos mais diversos lugares do Brasil, e temos ainda a presença de estrangeiros dos quais destacam-se japoneses, italianos, portugueses e sírios-libaneses”.

Em resumo, de acordo com o depoimento do informante e os dados da historiografia de Umuarama, identificamos uma colonização recente, mas que deixa marcas de sua cultura na população.

Atualmente, o município de Umuarama apresenta 110.590 habitantes distribuídos pelos 1.234,537 km², e os principais recursos econômicos provém da criação de gado, na plantação de café e de outros grãos, como o milho e o trigo (IBGE, 2010).

A seguir, a Figura 12, que representa o município de Tomazina:

Figura 12 – (211) Tomazina



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Na Região Norte Pioneiro, que foi colonizada por japoneses entre os anos de 1900 a 1920, está localizada a cidade de Tomazina, no ponto de nº 211 do *corpus* ALiB, sendo essa área uma das regiões mais antigas do Paraná, devido o processo de colonização referente à época do tropeirismo.

Conforme os dados do IBGE (2010), em 1889, às margens do rio das Cinzas surgiu a localidade de Tomazina, a partir do desbravamento realizado por Tomaz Pereira da Silva.

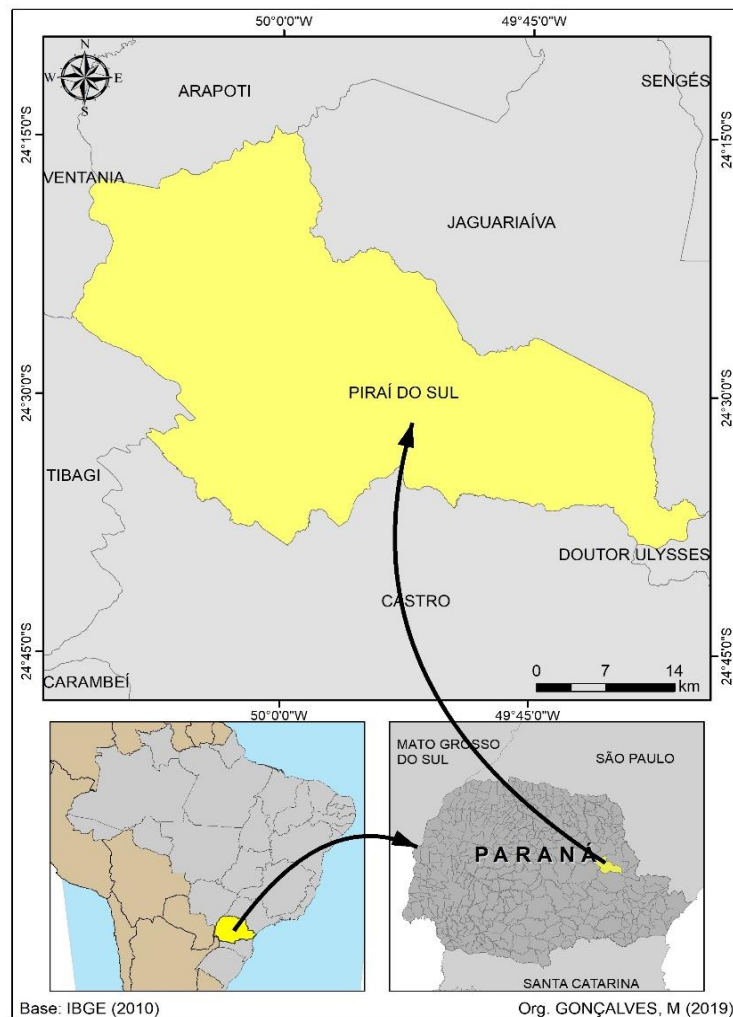
Altino (2012, p. 828) menciona que muitos imigrantes formaram suas colônias, entre os anos de 1860 e 1900, na Região Norte, como os “[...] poloneses, italianos, alemães, russos alemães, ucranianos e, por último, sírios e libaneses”. Segundo a autora, na parte denominada por Norte Pioneiro ocorreu elevado índice de migração de paulistas e mineiros, devido o cultivo do café, assim, nas palavras da pesquisadora: “É nessa mesma época que se iniciaram os núcleos da Colônia Mineira ou Tomazina do Norte Pioneiro, com fazendeiros paulistas e mineiros dedicados à plantação de café”.

Segundo Pollo (2010, p. 24), o “tropeirismo” também ajudou a movimentar a economia do Paraná e de suas localidades, porque a produção de rebanhos de suínos de Tomazina era destinada para outros Estados, como os frigoríficos do estado de São Paulo. Dessa forma, os tropeiros (homens os quais cuidavam dos rebanhos) percorriam todo o estado do PR, e em determinadas cidades, montavam seus pontos de parada, modificando a paisagem de Tomazina.

Atualmente, de acordo com o levantamento do último censo do IBGE (2010), a estimativa populacional de Tomazina é de 8.032 habitantes distribuídos em uma área de 591,438 km², sendo uma cidade ainda ligada ao setor agropecuário e com relevante avanço na economia industrial.

A seguir, apresentamos a localização geográfica de Piraí do Sul que faz parte do Centro-Oriental no Paraná, discorreremos sobre as demais curiosidades históricas da migração e imigração dessa localidade:

Figura 13 – (214) Piraí do Sul



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Na Região Centro-Oriental do Estado, uma das principais bases econômicas é a produção avícola, sendo a cidade de Piraí do Sul a mais produtiva do Brasil nesse setor. Segundo os *Indicadores Socioeconômicos do Paraná*, a maior parte dos municípios paranaenses mantém grande parte de suas economias ligadas ao ramo pecuário e à extração natural, bem como o ponto nº 214 (Piraí do Sul).

De acordo com Ferreira (2006, p. 235), a cidade era denominada por Bairro da Lança, pois “[...] a ocupação remonta ao período do tropeirismo. Em meados do século XIX os moradores do Bairro da Lança construíram uma capela e em torno da igreja levantaram-se diversas casas [...]”, em seguida, por lei, o município recebeu o nome de Piraí do Sul, como forma de fazer referência à região Sul do país.

Segundo Santos e Carvalho (2013, p. 2), a influência dos tropeiros deixou traços na identidade do município, como a cultura do manejo com animais, porque no período de colonização e emancipação do Estado do Paraná, a cidade de Piraí do Sul era a rota dos tropeiros. Os boiadeiros vindos da Comarca de São Paulo paravam suas tropas de gado, fazendo de Piraí do Sul seu ponto de parada para o descanso. De acordo com as autoras,

Em cada local de pouso, onde os tropeiros e animais encontravam água boa, pasto e abrigo contra chuvas, geadas e enchentes, às vezes tendo que permanecer por vários dias, começaram a se estabelecer pessoas ofertando algum tipo de serviço o que deu origem aos povoados, depois freguesias, vilas e, finalmente cidades a exemplo de Piraí do Sul que era ponto de parada de descanso dos tropeiros que transportavam gado e muas do Rio Grande do Sul para São Paulo (SANTOS; CARVALHO, 2013, p. 5).

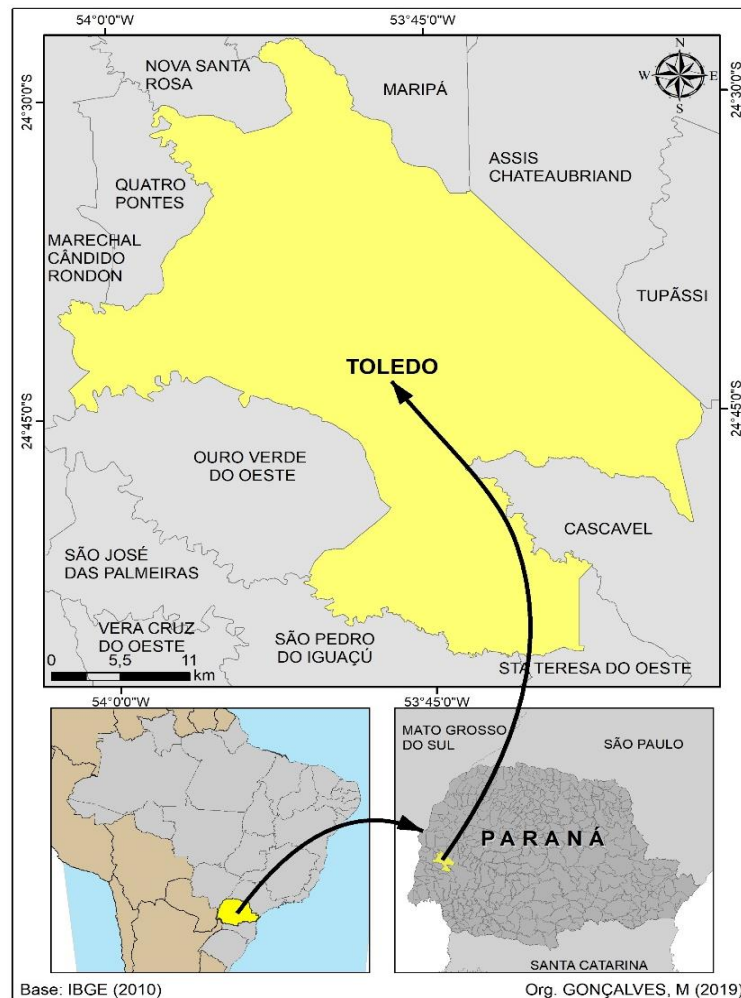
Assim, Piraí do Sul foi fundada por migrantes que percorriam o Paraná e, mais tarde, serviu de moradia para os imigrantes japoneses, como indicam os dados do IBGE (2010). Segundo informações do Instituto (2010, p. 100), a região recebeu os primeiros japoneses que vinham trabalhar nas lavouras através das Companhias “Cooperativa Agrícola de Cotia e a Cotia Seinen”, e muitos desses imigrantes, após quatro anos de trabalho, não retornavam para o Japão, resultado na formação de novas colônias ligadas à cultura nipônica.

Em síntese, Piraí do Sul representa a cultura brasileira por acolher os tropeiros, cuja identidade encontra-se relacionada ao homem do campo, “homem da lida”, que abriu as trilhas das terras paranaenses. Vale ressaltar ainda que o município recebeu a imigração japonesa de braços abertos, servindo de referência para os moradores das localidades vizinhas.

Atualmente, o último censo do IBGE (2010) revela que a cidade de Piraí do Sul possui 23.424 habitantes, com uma densidade demográfica de 16,69 hab/km².

O próximo mapa, que se encontra representado na Figura 14, apresenta o município de Toledo nº 215 localizado na Região Oeste do Estado do Paraná:

Figura 14 – (215) Toledo



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Na Região Oeste, o processo de colonização foi mais tardio por não ser a rota para os tropeiros, devido à preservação das matas na localidade, sendo esse um fator que, a princípio, não atraía as frentes de expansão (EMER, 1991). Nas palavras do historiador Emer (1991, p. 42):

A partir de 1825, há referências históricas de que a população branca já tinha atingido a região de Larageiras do Sul. 2 O processo de deslocamento para oeste das populações intensifica-se a partir da decadência do tropeirismo e da desagregação da sociedade campeira.

Segundo a Secretaria Municipal da Educação de Toledo (2016, p. 8), no ano de 1949, o município comportava uma grande diversidade étnica, porque pertencia à região de Foz do Iguaçu. Ainda de acordo com a Secretaria da Educação (2016, p. 9), em 14 de dezembro de 1952, o município de Toledo ganhou sua emancipação.

Gregory (2008, p. 88-89), ao apresentar os processos migratórios e o contato dos imigrantes com a Região Oeste, entre as décadas de 40 e 70, destaca o fortalecimento das companhias de terras estrangeiras, dentre elas a Fazenda Britânica com 15.000 alemães e 12.000 italianos. Nas palavras do autor,

foi fundada, em 1889, a Colônia Militar, que deu origem ao atual centro urbano de Foz do Iguaçu, a mais antiga cidade da Região. Nesta época, foi muito pequena a presença de brasileiros, sendo um período de intensa presença estrangeiras e de companhias de exploração de erva-mate e de madeira.

De acordo com Marques (2013), essa região do Paraná apresenta uma flora diferente da encontrada no Norte do estado, o que favoreceu a migração e a colonização da Companhia de Terras Maripá para a extração de madeira, mais precisamente, o pinheiro, uma das árvores mais encontradas da Região Sul.

Segundo Maccari (1999), a Região Oeste recebeu os primeiros migrantes vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que migravam rumo às terras férteis do estado do paranaense, com objetivo de promover a formação de suas colônias em busca de um futuro melhor. Nas palavras da autora, “na sua grande maioria, descendentes de imigrantes alemães - procedentes de antigos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, [...]” (MACCARI, 1999, p. 6). A historiadora exhibe parte da entrevista feita com uma das migrantes da Região Oeste que mantinha contato com os parentes distantes e relatava sobre o desenvolvimento da região. No depoimento, além do fator sócio-histórico identificamos os traços da língua germânica (alemão):

No começo era tão difícil tudo, mirvolten zuricken guenen* (...) nós sofremo muito, uma das criança adoeceu, médico só em Toledo; quando chovia então, não tinha como sair por que estrada né, nem tinha. Era faze chá, esperápravê o que Deus manda. Eu desanimei, ich volt zurick*. Até que um dia eu, ele e a nossa criança forno indo, práconversé com os outro, právê o que fazê. Saímo a pé caminhando, chegemo a i até Quatro Pontes [aproximadamente 15 km], lá uns amigos aconselharam a ficá (...) o Willy Barth também sempre dizia que logo isso ia ser uma grande cidade (...) Olha, muitas veis a gente chegou a duvidá dele. Mais ele sabia. O que nós não sabia era que isso ia sê tão rápido (...) A MARIPÁ deu terreno prá escolas, prá igrejas, assim quero dizê capelas, botó o Empório, as serrarias e moinhos também, logo veio olarias (...) olha o Willi dizia: 'vocêis não vão se arrependê' (...) pena que não dava práfilmá isto no começo e mostrá como já ficou isto em uns dez anos (...) O Willy tava certo quando dizia: 'voceis não vão se arrependê porque nós tudo vamo i bem, só tem que esperá um pouco'. Lá em Santa Catarina também foi difícil no começo, mais depois as pessoas já se organizava, né e daí isso desenvolveu o lugar, assim ele falou pránóis quando nós queria voltá (MARTA WINKEL apud MACCARI, 1999, p. 67).

Essa descrição encontrada em Maccari (1999) revela que o município de Toledo se desenvolveu a partir das promessas sobre seu progresso histórico e econômico, atraindo muitos moradores (migrantes e imigrantes).

Atualmente, de acordo com o último levantamento de dados do IBGE (2010), o município de Toledo conta com uma população estimada de 140.635 habitantes distribuídos pelos 1.196,756 km².

Assim como ocorreu em Toledo (o progresso da imigração por meio das Companhias), o ponto nº 219 (Guarapuava) também serviu de parada e moradia para muitos imigrantes ucranianos, poloneses e alemães, porque foi uma das primeiras localidades a surgir no estado do Paraná, no ano de 1859.

A seguir, expomos o mapa do município de Guarapuava:

Figura 15 – (219) Guarapuava



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

No Centro-Sul do Paraná, encontra-se a localidade de Guarapuava, cuja região passou a ser desenvolvida a partir da busca pelo ouro e por meio do processo

ligado ao tropeirismo, além da extração da erva-mate e outros produtos naturais (FRAGA; CAVATORTA; JAYME; GALLINARI; SILVEIRA, 2015, p. 1)

Segundo Freitag (2007), a cidade de Guarapuava foi elevada à categoria de município em 1853, e, nesse período, o município tinha a função econômica de garantir as explorações de recursos naturais para outros centros do país, como a extração da erva-mate escoada para a capitania de Curitiba. Para a historiadora, os fatores históricos – a tomada de posse da Coroa Portuguesa, as relações conflituosas entre as bandeiras e os nativos Guaranis (presentes no litoral) com os Kaingangs (no interior do Estado do Paraná – culminaram para que os índios perdessem suas terras, as quais eram utilizadas apenas para sua subsistência.

De acordo com Gomes (2012, p. 66), no início do século XIX, Guarapuava era a habitação de povos indígenas da tribo Kaingang referente ao tronco linguístico Jê, resultando na interferência entre línguas dos povos indígenas com as línguas da Europa. Segundo o autor, por muito tempo, Guarapuava foi um dos pontos de paradas para o caminho das missões religiosas (jesuítas) e para as tropas boiadeiras vindas no Mato Grosso. Assim, o desenvolvimento ligado ao plantio e às construções da cidade de Guarapuava serviu de ponto de parada para imigrantes e migrantes vindos, principalmente dos Estados vizinhos do Paraná (GOMES, 2012, p. 84).

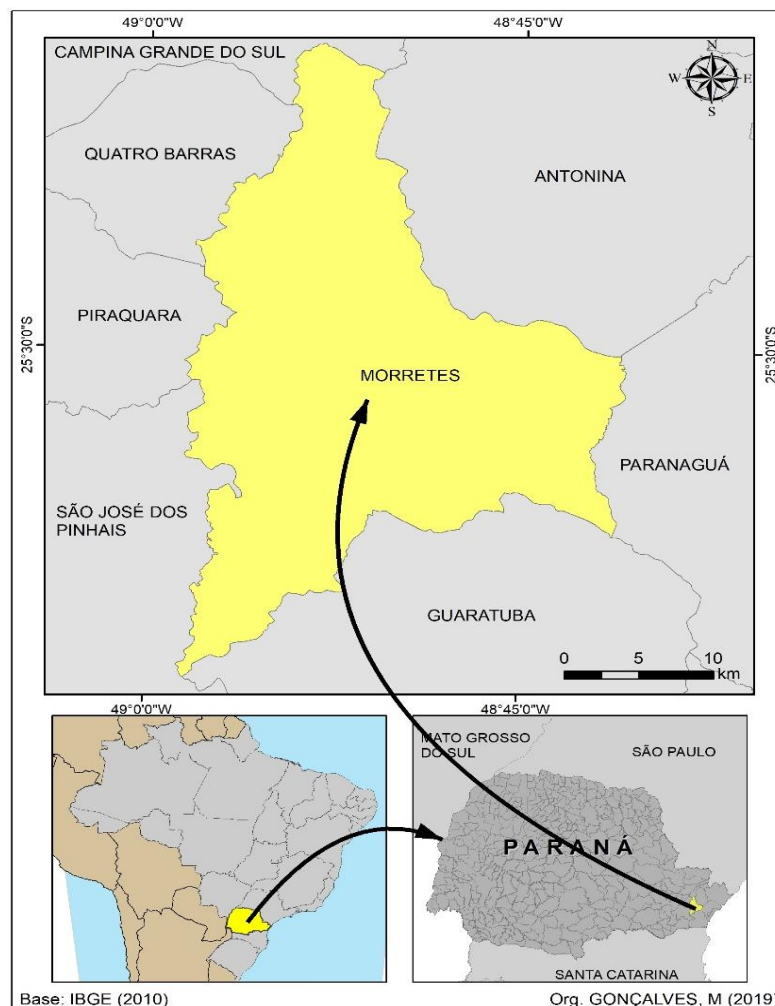
Felipe (2015, p. 3303) indica que os migrantes os quais povoaram Guarapuava tinham sua origem no Rio Grande do Sul, Mato Grosso e São Paulo, já os imigrantes eram compostos por europeus advindos do Sudeste da Alemanha, seguidos por poloneses, ucranianos, libaneses, franceses e japoneses, e também, por africanos, porque Guarapuava foi a única cidade do Paraná a formar um quilombo chamado “Paiol de Telha”.

Confirma-se a afirmação de Felipe (2015) no depoimento prestado por um dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (2001), no qual é relatado que quando este chegou ao município de Guarapuava, com intuito de trabalhar na “colônia de plantio”, havia apenas uma única farmácia e muitas fazendas, que mais tarde desmembraram-se em outros municípios, resultando em um dos principais pontos da Região Sul.

Atualmente, os dados do IBGE (2010, p. 21) apontam que o município de Guarapuava possui 181.504 habitantes distribuídos em 3.168,087 km², sendo a atividade econômica direcionada para a agricultura, a pecuária e a “indústria de transformação”.

A Figura 16, a seguir, representa geograficamente o município de Morretes, que se encontra localizado em uma faixa litorânea do estado do Paraná:

Figura 16– (221) Morretes



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

A Região do Litoral do PR foi um dos primeiros pontos a receber as capitanias da Coroa Portuguesa, tendo em vista a busca incesante pelo ouro que, conseqüentemente, abriu caminho para o povoamento e expansão da região.

Picanço e Mesquita (2012) mencionam que, por volta de 1600, fase da colonização da Coroa Portuguesa, o litoral do Paraná ganhou visibilidade devido às explorações de materiais auríferos na região. No século XIX, Morretes passou para a categoria de vila, porque o solo da região litorânea era rico em minérios, o que chamou a atenção para a formação de novos municípios ao redor da cidade de Curitiba. Ainda segundo os pesquisadores (2012, p. 129), “A atual cidade de Morretes surge a partir de uma determinação do Ouvidor Pardinho, de 1721, ordenando que a

Câmara de Paranaguá demarque 300 braças em quadra para a cidade”, isto é, a localidade de Morretes teve seu desenvolvimento através dos novos tratados que foram firmados no Paraná, sem uma relação direta com a busca pelo ouro.

Consta no Atlas Histórico do Paraná (1981) que, entre os anos de 1860 a 1880, os italianos foram os primeiros imigrantes a residirem no município de Morretes, cuja maior parte desses imigrantes chegaram ao Brasil por meio de navios para trabalharem na extração de recursos naturais. Essa informação registrada geograficamente pelo Atlas Histórico encontra eco na afirmação de Priori et al. (2012, p. 40), em que os autores discorrem sobre a contribuição desses imigrantes:

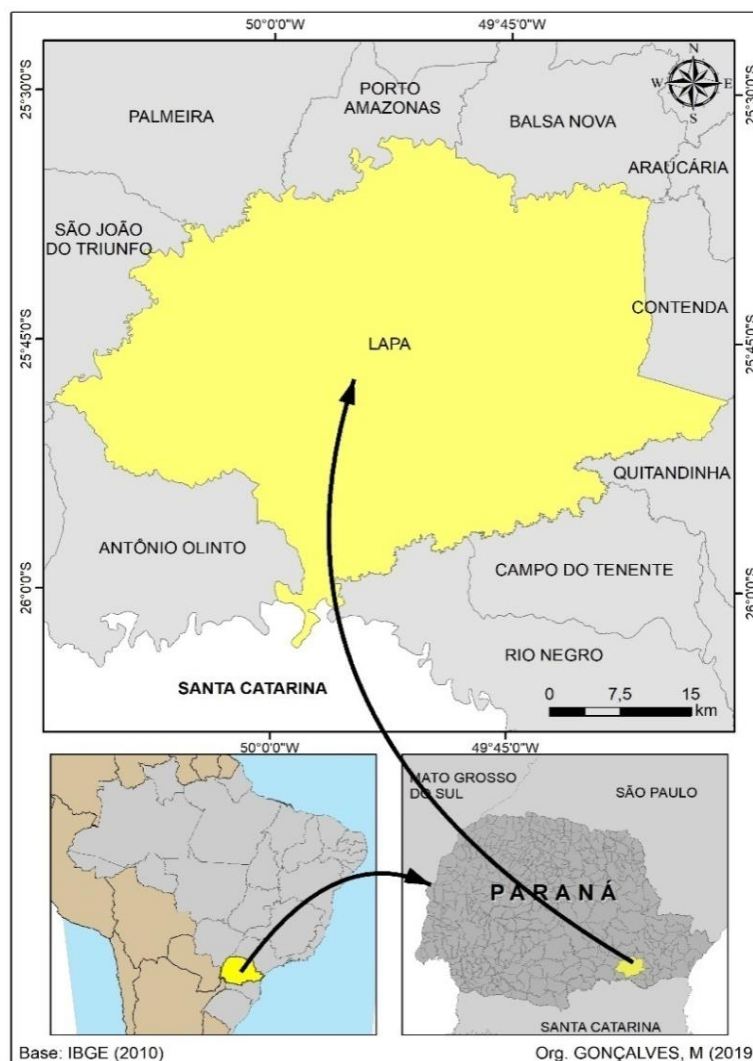
Os italianos contribuíram muito para o trabalho nas lavouras de café e, posteriormente, em outras culturas. A maior concentração italiana do Estado está em Curitiba, na Lapa, no Litoral, em Palmeira e, também, em Morretes.

Em suma, a partir da descrição de Priori et al. (2012) e do *Atlas Histórico do Paraná*, de Cardoso (1981), notamos que as historiografias concordam e, detalham com precisão o processo migratório e imigratório da região litorânea, em especial, do município de Morretes.

De acordo com o último levantamento do IBGE (2010), a principal atividade econômica da região é o turismo, porque se trata de um município histórico do Paraná. Dessa forma, a agricultura também contribui com a economia local, a partir da plantação do milho, da mandioca, da fabricação de cachaça, entre outros, atraindo os visitantes para a faixa litorânea. Atualmente, Morretes apresenta uma densidade demográfica de 22,96 hab/por km², totalizando 16.406 habitantes.

O mapa seguinte (Figura 17) situa o município de Lapa, que se localiza na Região Metropolitana de Curitiba no PR, e que faz divisa com a localidade de Mafra, no estado de Santa Catarina:

Figura 17 – (222) Lapa



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

Na Região Metropolitana da capital do PR, que contempla o município de Lapa, encontramos um processo de colonização marcado pela extração madeireira e pelo contato entre os povos indígenas com as missões religiosas e coloniais de Portugal e da Espanha.

O município de Lapa, elevada à categoria de cidade, em 13 de junho de 1769, foi palco para os combates políticos do Rio Grande do Sul (Cercos da Lapa), no período das emancipações dos estados brasileiros. Segundo dados historiográficos do IBGE (2010), na cidade, as estradas foram construídas para ligar o Rio Grande do Sul até a região de Sorocaba, no estado de São Paulo, sendo o município de Lapa um dos pontos de parada para muitos tropeiros.

No Atlas Histórico do Paraná (1981) consta que, entre os anos de 1860 a 1880, os alemães foram os primeiros imigrantes a povoarem o município, em seguida, os ucranianos e os poloneses, de 1880 a 1900 durante as disputas federalistas.

Valle (1989) discorre sobre a imigração dos italianos no município e relata as contribuições dessa população europeia, que traziam suas famílias em busca de uma oportunidade melhor na América. Os italianos aparecem descritos nas historiografias como os imigrantes mais importantes para o desenvolvimento da cidade, pois a maioria foi responsável pela formação dos primeiros comércios.

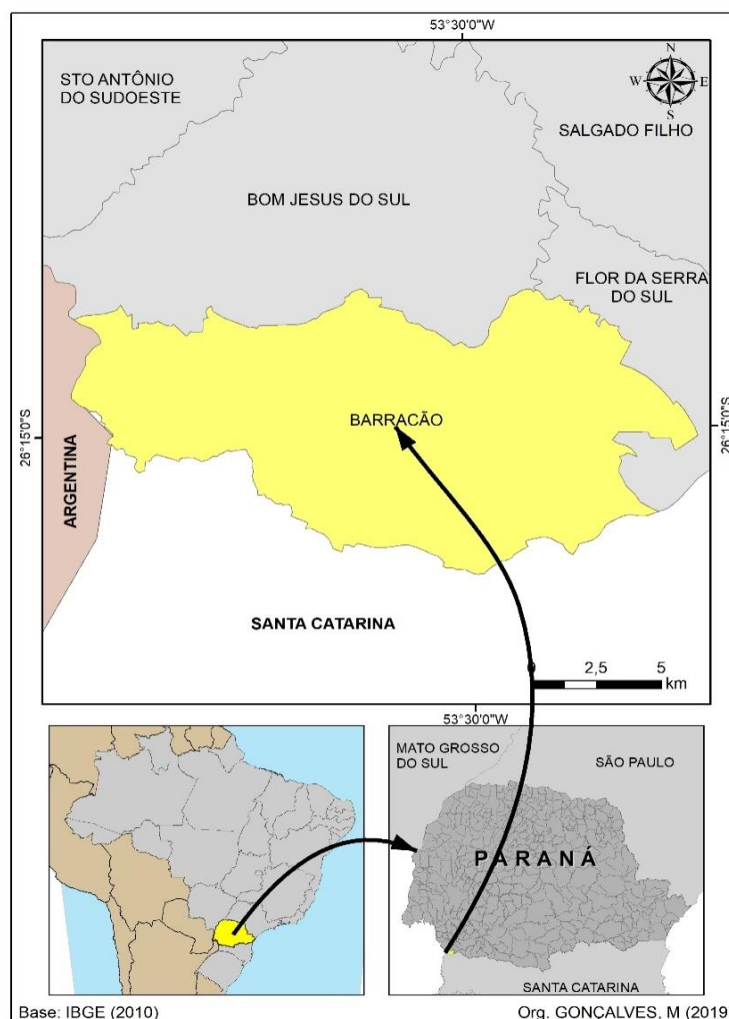
Referente às imigrações ocorridas no município, Hornung e Graf (2015, p. 6) destacam que a etnia africana também influenciou fortemente a formação cultural da região, no período de 1871 a 1888, assim como mencionado. Nas palavras das autoras, “[...] o escravo de origem africana contribuiu efetivamente para o desenvolvimento da localidade no âmbito econômico, social e cultural”. Contudo, segundo as pesquisadoras (2015, p. 44), os registros históricos sobre os movimentos migratórios de origem africana aparecem apenas em segundo plano pela historiografia, isto é, “[...] à escravidão na região da Lapa comparando-se com assuntos [...] como o tropeirismo, o Cerco da Lapa e a imigração [...] não tem a relevância que merece”. Por isso, a partir dessa observação das autoras, na presente dissertação, ressaltamos a importância de uma análise mais profícua sobre as migrações e imigrações étnicas no Estado do Paraná para cada uma das regiões.

Em resumo, é inegável que as etnias indígenas e africanas tenham influenciado na formação cultural de Lapa e do Paraná, por isso destacamos a importância desse resgate histórico, que mostra o município como um importante espaço de diversidade étnica e cultural na história brasileira.

Atualmente, de acordo com o último levantamento do IBGE (2010), o município de Lapa possui 48.163 habitantes distribuídos pelos 2.093,859 km², sendo a agricultura uma das principais fontes de renda da região, devido à qualidade do solo e da vegetação.

A próxima localidade, de nº 223 conforme a rede de pontos do ALiB, pertence à Região Sudoeste do Estado do Paraná e encontra-se em uma área de tríplice fronteira.

Figura 18 – (223) Barracão



Fonte: Elaborado por Gonçalves (2019) para esta dissertação.

A Região Sudoeste teve um processo de colonização marcado pela extração da erva mate e de outros produtos naturais, que começou no município de Guarapuava devido às instalações das bandeiras militares, as quais avançaram para a tomada de posse de outras áreas, como a do município de Barracão.

Segundo Ferrari (2015), essa localidade (ponto nº 223) faz fronteira com as localidades de Dionísio Cerqueira (Santa Catarina), Bernardo de Irigoyen (Argentina) e as cidades paranaenses (Bom Jesus do Sul e Flor da Serra do Sul), o que contribui para reforçar a economia da região a partir do MERCOSUL e do rico desenvolvimento cultural entre os estados e os países da América do Sul.

De acordo com Ferreira (2006, p. 48), em 1951, a cidade de Barracão foi elevada à categoria de município e recebeu esse nome devido aos barracões construídos por tropeiros vindos do Rio Grande do Sul. Dessa forma, o autor destaca que “[...] o barracão servia para hospedagem de tropeiros que vagueavam pela região

fronteiriça, outra fonte diz que o barracão tratava-se [...] de um acampamento entrincheirado, construídos por bandeirantes [...]”.

Segundo Reineri (2011), os migrantes rio-grandenses foram os principais responsáveis pelas atividades econômicas da região, através da extração da erva-mate, ainda hoje, considerada umas das principais fontes de renda do município. A autora reforça que a etnia dos imigrantes paranaenses compunha um cenário de diversidade sociocultural marcada pelo contato com alemães, ucranianos, poloneses, entre outros povos. No entanto, referente à faixa territorial Oeste/Sudoeste existe apenas menção para a formação das recentes migrações vindas do Rio Grande do Sul.

Em resumo, os registros historiográficos indicam que o município de Barracão foi desenvolvido a partir das migrações interestaduais, isto é, o contato do Paraná com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Vale ressaltar que os registros históricos não mencionam as imigrações entre o Brasil e a Argentina na faixa territorial de Barracão, a qual parece ser relevante para explicar o contato linguístico e a variação para o /R/ em ataque encontrada na presente dissertação.

Atualmente, os dados do IBGE (2010) indicam uma estimativa de 10.275 habitantes distribuídos pelos 171, 402 km², sendo a densidade demográfica da região de 56,78 hab/km².

Em suma, neste capítulo, explanamos sobre o processo de migração e imigração do Estado do Paraná desde sua formação inicial até seu desenvolvimento industrial, porque acreditamos que, com essa informação, será possível traçar o perfil linguístico de acordo com a área em que se encontra o informante. Discorreremos também a respeito do processo de colonização dos nove pontos de inquérito do Projeto ALiB, e seguimos, agora, para a descrição do percurso metodológico adotado nesta dissertação.

5 CAPÍTULO 5 – ASPECTOS METODOLÓGICOS: SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste tópico, explanamos sobre os critérios metodológicos adotados para a seleção das amostras extraídas do banco de dados do Projeto ALiB (CÔMITE ALiB, 2001), e discutiremos sobre o modelo teórico-metodológico de Labov (2008 [1972]). Adotamos esse modelo metodológico da pesquisa quantitativa laboviana com objetivo de estratificar parte da amostra fornecida pelo Projeto ALiB¹⁹.

5.1. OS CRITÉRIOS METODOLÓGICOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB

De acordo com Nascentes (1958, p. 7), para a elaboração de um atlas de abrangência nacional, o(s) pesquisador(es) enfrenta(m) diversos desafios, como a dificuldade de financiamento, a falta de preparo referente ao deslocamento de um ponto a outro, entre demais empecilhos. Mesmo assim, inicialmente, o grandioso pesquisador propôs 602 pontos de inquérito, encorajando a realização dos critérios metodológicos e do trabalho prático no campo.

Segundo a Dialectologia Tradicional, os informantes do ALiB são selecionados de forma a atender questões espaciais, isto é, eles precisam ser naturais da localidade investigada, ter vivido pelo menos um terço da vida na região (ponto de inquérito) e estarem desempenhando uma profissão que requer pouca ou nenhuma mobilidade (CARDOSO; MOTA, 2006).

Esses informantes são convidados a responderem às perguntas do questionário de forma natural e espontânea, a partir de questões que remetem à vida local, como informações sobre os costumes da cidade, o modo de preparo de comidas típicas da região, os instrumentos de trabalhos utilizados no campo em época de colheita, utensílios domésticos, os fatores biológicos ligados ao corpo, entre outros questionamentos descontraídos, cujo intuito é quebrar a barreira formal do gênero entrevista.

Nas cidades interioranas, os informantes possuem o Ensino Fundamental, que compreende o período da primeira até a quarta ou até a oitava série. Nas capitais,

¹⁹A pesquisa *in loco* realizada pelos membros do Comitê ALiB (2001) é resultado de um estudo pautado na Geografia Linguística, porém, com preocupações teórico-metodológicas voltadas às variáveis sociais.

foram selecionados quatro informantes com Ensino Fundamental e mais quatro com Ensino Superior, totalizando oito entrevistados pertencentes a uma das duas faixas etárias (Faixa I, de 18 a 30 anos, e Faixa II, de 50 a 65 anos) e de acordo com o sexo (homem e mulher). Esse é o formato original, porém, na presente dissertação, optamos por considerar apenas dados das localidades interiores, sem considerar a escolaridade, visto que todos os nossos informantes possuem o Ensino Fundamental.

No tópico seguinte, especificamos as partes do questionário que utilizamos para recortar nosso fenômeno linguístico (/R/ em ataque) e descrevemos quais as questões do QFF e do Relato observamos durante as gravações.

5.2. DESCRIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

As amostras elencadas para análise são parte do banco de dados do Projeto ALiB, que possui *corpus* maior do que se busca investigar nesta dissertação. Para as análises quantitativas, elegemos os dados da rede de pontos do estado do Paraná, mais precisamente, das nove localidades distribuídas pelas mesorregiões do Norte Pioneiro, Norte Central, Noroeste, Centro-Oriental, Centro-Sul, Oeste, Metropolitana, Sudeste e Sudoeste. O Quadro 6 expõe a distribuição das localidades de acordo com o perfil dos informantes estratificados segundo os critérios metodológicos do Projeto ALiB (COMITÊ ALiB, 2001):

Quadro 6 – Seleção da rede de pontos no Estado do Paraná e a estratificação dos informantes

PONTOS	INFORMANTE I	INFORMANTE I	INFORMANTE II	INFORMANTE II
(208) Londrina	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(210) Umuarama	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(211) Tomazina	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(214) Piraí do Sul	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(215) Toledo	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(219) Guarapuava	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(221) Morretes	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher

(222) Lapa	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
(223) Barracão	I (18-30 anos) Homem	I (18-30 anos) Mulher	II (50-65 anos) Homem	II (50-65 anos) Mulher
Total	36 informantes			

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações no site oficial do Projeto ALiB.

As entrevistas foram realizadas *in loco* pelos membros do Projeto ALiB, entre os anos de 2001 a 2004, com quatro informantes por localidade, sendo 18 homens e 18 mulheres pertencentes a duas faixas etárias (Faixa I, de 18 a 30 anos, e Faixa II, de 50 a 65 anos).

5.3. QUESTIONÁRIO ALiB: AS LEXIAS RECORTADAS

A partir das respostas dadas pelos informantes durante a aplicação do questionário ALiB, investigamos 1256 ocorrências para as variantes róticas em ataque na sílaba inicial e medial de lexias recortadas do QFF, dos Discursos Semidirigidos e da Leitura. No QFF, avaliamos as variantes róticas nas seguintes lexias: Q1- terreno, Q18- varrer, Q20- ruim, Q21- arroz, Q38- rosa, Q48- rato, Q52- remando, Q76- real/reais, Q87- borracha, Q88- rasgar, Q94- correio, Q132- genro, Q147- sorriso, e Q159- morreu²⁰.

Nos Discursos Semidirigidos (relato pessoal sobre a vida do informante), examinamos a produção do /R/ realizado nas respostas para as seguintes perguntas Comitê ALiB, (2001): 1- “Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...)”, 2- “De que programas de televisão você / o (a) senhor(a) gosta mais? Por quê?”, 3- “Você / o (a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.”, e 4- “Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.)”²¹.

Na leitura do texto “Parábola dos sete vimes”, recortamos as seguintes lexias: L1- morrer, L2- morrer, L3- rapazes, L4- roer, L5- respondeu, e L6- morreu, com essa respectiva sequência. Segundo Aguilera e Kailer (2015), a prática da leitura é

²⁰Deparamos-nos com alguns empecilhos no momento de obter as respostas dadas às perguntas do QFF, como questões não respondidas pelos informantes e/ou perguntas não retomadas ao final da aplicação do questionário.

²¹Na análise de oitiva para as respostas do DSM e da Leitura, encontramos dificuldades de ouvir o relato prestado pela informante do ponto nº 210, devido uma música iniciada juntamente com a gravação no momento da entrevista.

considerada um momento de elevada monitoração da própria fala, pois, nessa parte da entrevista, o informante tende a prestar mais atenção em sua própria fala.

Em resumo, discorreremos sobre as partes do questionário (QFF, DSM e Leitura) utilizadas por nós para retirar/recortar dos áudios as lexias e as variantes produzidas pelos informantes paranaenses. No tópico seguinte, explicamos quais as variáveis dependentes e independentes elegemos para codificar os dados, e quais programas computacionais serviram para o tratamento das amostras.

5.4. TRATAMENTO ACÚSTICO APLICADO AOS DADOS E O PROCESSO DE CODIFICAÇÃO DAS AMOSTRAS

Para ouvir aos áudios, utilizamos o fone de ouvido CX Samsung H5330P2 com saída de som estéreo, e, para recorte e tratamento dos áudios, optamos pelo programa da Sony (*Sound Forge Pro 11.0*), que permitiu retirar o ruído das gravações e salvar apenas as realizações relevantes para a análise. O *software* da Sony permite também recortar os áudios em um tempo preciso, deixar as gravações mais lentas ou mais rápidas, retirar os ruídos das principais frequências sonoras, amalgamar trechos das gravações, configurar a saída do som em mono ou estéreo, e ajustar a visualização das ondas sonoras, o que facilita no recorte dos áudios.

Em seguida, depois de feito a seleção da realização do /R/ com o *Sound Forge Pro*, submetemos algumas amostras ao *software Praat*, com intuito de distinguir a produção de uma ou de outra variante rótica na fala dos informantes com auxílio do espectrograma (ultrassonografia da fala).

O *Praat* é um programa de análise acústica desenvolvido para complementar as investigações de oitiva, a partir de ferramentas que auxiliam nas etiquetas das variantes linguísticas. Esse *software* possui outras funções como: mostrar o valor do *pitch* (nível da frequência em *hertz* (Hz), representado por uma linha azul), a intensidade (contorno dos decibéis (dB) exibido pela linha amarela), os formantes (energia da frequência sonora ilustrada por uma linha vermelha), e os *pulses* (representando as vibrações das pregas vocais através de linhas azuis em posição vertical), além de demais recursos (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2019).

Com as amostras recortadas e identificadas, passamos para o tratamento dos dados e para a análise quantitativa das 1256 ocorrências, que foram realizadas com auxílio do programa *Excel*. Nesse *software*, elencamos 10 colunas (1- rótico, 2- classe morfológica, 3- posição do /R/ na palavra, 4- vogal da sílaba alvo, 5- extensão silábica,

6- faixa etária, 7- sexo, 8- localidade, 9- estilo de produção de fala e 10- lexias), para fazer a codificação de cada variável.

Em cada coluna, elegemos símbolos alfabéticos para classificar as variantes róticas com as seguintes letras: (H) fricativa glotal, (X) fricativa velar, (V) vibrante alveolar, (T) tepe alveolar, (B) vibrante uvular e (R) aproximante retroflexa. Para estratificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas, trabalhamos com as letras iniciais de cada fator, isto é, nomes e verbos (N/V), inicial e medial (I/M), homem e mulher (H/M), partes do questionário (f, r e l em minúsculo), e para as localidades (Toledo, Londrina, Guarapuava, Morretes, assim por diante).

Na tabulação da extensão silábica e da faixa etária, adaptamos os números reais em números cardinais, para cruzar três fatores: a produtividade das variantes róticas, a posição inicial e medial do /R/ na palavra de acordo com as dez variáveis dependentes e independentes.

A codificação para a inter-relação desses contextos foi feita por meio do *Excel* pertencente ao Pacote *Office*. Antes de discorrermos sobre a submissão das amostras para obtenção e geração dos dados no programa estatístico, no tópico seguinte, apresentamos quais variáveis foram controladas no decorrer da pesquisa.

5.5. FATORES LINGUÍSTICOS

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 290), “é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua [...]”. Para o teórico, os fatores sociais (extralinguísticos) e estruturais da língua (variáveis linguísticas) não devem ser trabalhados em superposições, porque ambos os fatores coexistem no complexo mecanismo da fala.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), nos subsistemas heterogêneos da língua existem variáveis individuais as quais variam entre si, no entanto não ocorrem simultaneamente. Ainda na visão dos autores, “Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralingüísticas ou lingüísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 108).

Os fatores linguísticos estão ligados ao sistema da língua enquanto as variáveis extralinguísticas, aos valores do contexto social, conseqüentemente, as variantes linguísticas encontram-se correlacionadas com ambos os fatores. A ocorrência das variantes possui relação com os valores do grupo social, e, ao mesmo

tempo, não alteram o sentido de uma palavra, mantendo o significado (TARALLO, 2007).

Temos como exemplo para essa definição de Tarallo (2007, p. 8), as variantes róticas encontradas na fala dos 36 informantes, onde verificamos que falar ['ruɐ], ['ruɛ], ou ainda ['xuɐ] mantém o “mesmo valor de verdade” do signo linguístico /Rua/. Por isso, primeiramente, listamos os quatro fatores estritamente linguísticos: a classe morfológica, a posição inicial e medial para o /R/ na palavra, a vogal da sílaba alvo e a extensão silábica, a fim de verificar o predomínio das variantes róticas.

5.5.1. Classe Morfológica

De acordo com Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2012), a classe morfológica está disposta em 10 conjuntos, que recebem a classificação de substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Para esses autores, como resultado de funções morfológicas, “o que existe na língua são palavra que cumprem alguns papéis: designar seres do mundo real [...] exprimir processos [...] estabelecer relações entre duas ou mais palavras de uma frase [...]” (2012, p. 186).

Dessas classes, optamos por quantificar as lexias de acordo com os substantivos/adjetivos (nomes) e os verbos, por acreditarmos que encontraríamos porcentagens semelhantes para a classe de verbos e não verbos, como na pesquisa realizada por Scherer (2013).

Na classe de verbos²², analisamos também qualitativamente a significância dos tempos verbais, porém, para verificar o predomínio das variantes róticas [r], [r], [R], [h], [x], [r], trabalhamos apenas com dois grupos:

- ATAQUE INICIAL – fator linguístico e fator extralinguístico
- ATAQUE MEDIAL – fator linguístico e fator extralinguístico

²²Na Língua Portuguesa, utilizamos os seguintes tempos verbais: o modo indicativo (constatação ou certeza) e subjuntivo (incerteza) no presente, pretérito e futuro. O tempo futuro do indicativo pode ocorrer no presente e no pretérito, por exemplo, estudarei e estudaria, roerei e roeria, entre outros casos, cujos sufixos flexionados não constaram nas lexias faladas pelos nossos informantes. Contudo, o futuro do subjuntivo (estudar/estudado) repetiu-se em algumas lexias produzidas durante o relato pessoal, como (quando/se) roer, (quando/se) correr e (quando/se) regular. O verbo flexionado no pretérito ocorre em um dos três seguintes tempos: perfeito, imperfeito e mais que perfeito, tanto no indicativo quanto no subjuntivo. No pretérito imperfeito do indicativo, os informantes produziram as lexias arrumava, arrastava, errava, enrolava, amarrava, entre outras, essas produzidas com mais recorrência.

5.5.2. Posição do /R/ na Palavra

Estudos como os de Vegini (2007), Busse (2010), Carlos (2015), Justina (2018), entre outros, mostram que a posição ocupada pelo /R/ na palavra pode favorecer a produção de variantes róticas anteriores, como no caso da vibrante (/r/ forte) e do tepe (/r/ brando) em início de palavra. Para este estudo, a segmentação da consoante rótica foi realizada em:

- Segmento de sílaba simples (CV) inicial

Retorno: [he'toɾnɔ]

Refogadinha: [xefoga'dʒjɲe]

Refrigerante: [xefrige'rãtʃɪ]

- Segmento de sílaba simples (CV) medial

Churrasco: [ʃu'xaskɔ]

Ferry boat: [fehu'botʃɪ]

Borracha: [bo'xaʃa]

5.5.3. Vogal da Sílaba Alvo

Segundo Cristófar-Silva e Yheia (2012), os segmentos vocálicos podem ser descritos de acordo com as seguintes especificidades: a altura da língua durante a realização da vogal (baixa, média baixa, média alta e alta), o posicionamento da língua (anterior ou posterior), e ainda, consoante ao arredondamento dos lábios (arredondados ou não arredondados).

Para o presente estudo, elegemos as vogais [i], [e], [a], [o] e [u], que foram estratificadas e analisadas na pesquisa de Miranda (1996) sobre o arquifonema /R/ em ataque, e no trabalho de Monaretto (2000) referente ao /r/ forte em posição de coda silábica, com intuito de confrontar com estudos sobre ataque. Desse modo, consideramos as seguintes articulações vocálicas:

[i] – vogal alta anterior não arredondada

[ri'kaɾɔ]

[e] – vogal média alta anterior não arredondada

[he'lãpagu]

[a] – vogal central baixa aberta

[xaz'gãdu]

[o] – vogal média alta posterior arredondada

[ro'eɾ]

[u] – vogal alta posterior arredondada

['xuĩ]

5.5.4. Número de Sílabas

Nas pesquisas descritivas variacionistas referente à produtividade do /R/ em ataque silábico (tanto inicial quanto medial), não encontramos a estratificação da variável extensão silábica. Por isso, no presente trabalho, elegemos apenas as extensões de sílabas que foram encontradas da fala dos 36 informantes com contemplação às variantes róticas em início ou no meio de palavras. A saber, selecionamos as seguintes palavras:

- DISSÍLABAS

/vaReR/ ; [va'res] - /RaiO/ ; ['haiu]

- TRISSÍLABAS

/RapazeS/ ; [xa'pazez] - /RemedziO/ ; [he'medziu]

- POLISSÍLABAS (quatro sílabas)

/RaramẽNtE/ ; [hara'mêtɿ] - /RefoRmãNdO/ ; [hefoɾ'mãdu]

- POLISSÍLABAS (cinco sílabas)

/RefrigerãNtE/ ; [hefrige'rãtɿ] - /RepresẽNtava/ ; [heprezẽ'tave]

5.6. FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Os fatores extralinguísticos estão correlacionados com as idiosincrasias dos falantes no convívio social, como as variáveis (faixa etária, escolaridade, estilo de produção de fala, entre outras), que podem dizer muito a respeito de sua comunidade de fala e/ou prática (LABOV, 2008 [1972]). A variação linguística, a qual ocorre no interior do grupo social, carrega os valores (comportamento e julgamento) dos

falantes. Sobre isso, Labov (2008 [1972]) menciona as contribuições dos estudos de Lambert (1967) a respeito da atitude negativa uniforme na comunidade de fala.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 288), uma variante linguística carrega os valores sociais do grupo de fala, pois “Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística”. O pesquisador justificou que o comportamento social é para a teoria linguística o que a propriedade de elemento é para a química, isto é, algo complementar e fundamental para análise. Nas palavras do autor: “[...] a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua, tanto quanto a teoria química não pode ignorar as propriedades observadas dos elementos” (LABOV, 2008 [1972], p. 298).

A fim de verificarmos as implicações das estratificações sociais no favorecimento de uma ou de outra variante rótica, selecionamos as seguintes variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária, localidade e estilo de produção de fala. Essa estratificação referente ao contexto extralinguístico é a mesma adotada pelo ALiB, dessa forma, como o *corpus* desta dissertação é parte do banco de dados do projeto, consideramos inviável inserir outra estratificação que não essas:

5.6.1. Sexo

De acordo com Freitag (2015), a estratificação do fator sexo pontuada pela área da Sociolinguística foi realizada em um período, mais precisamente na década de 70, em que o fator gênero (feminino, masculino, transexual, entre outros) não era objeto de discussão da sociedade. A autora ressalta ainda que, na pesquisa de campo, a seleção pelos informantes é coletada mediante a sensibilidade do pesquisador em julgar o que é homem ou mulher, mais por percepção social e cultural, do que por segmentação biológica²³. Para Freitag (2015, p. 30),

Dessa falta de definição decorre que o controle do sexo se dá como uma variável categorizada do ponto de vista civil/biológico no momento da coleta, mas com uma explanação predominantemente cultural, e não biológica, no momento da análise do fenômeno. Trata-se de um paradoxo, o paradoxo do sexo/gênero.

Na estratificação do fator sexo realizada na pesquisa de Labov (1966), as mulheres mostraram-se mais preocupadas em utilizar as normas prestigiadas nas

²³A biologia é o estudo da vida em seu caráter físico e químico, e a fisiologia, por sua vez, é uma vertente preocupada com as funcionalidades mecânicas e bioquímicas dos seres vivos. Por isso, na presente dissertação, elegemos o termo biológico para explicar a variável sexo.

situações de elevada atenção para a fala, isto é, com alta monitoração. Labov (2008 [1972]) confirmou esse resultado com a pesquisa sobre o caso do /ing/ (*living*) pronunciado de forma alveolar (não padrão) e velar (norma padrão) por falantes nova-iorquinos.

Nessa pesquisa realizada em *New York*, Labov (2008 [1972], p. 282) comprovou que “as mulheres se corrigem mais do que os homens nos contextos formais”. Assim, as investigações do teórico motivaram outras pesquisas sociolinguísticas a estratificar a variável sexo de acordo com a seleção natural/biológica de homem e mulher.

A estratificação quanto ao fator sexo proposta pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi anterior a publicação do seu primeiro volume, no ano de 2014, desse modo, como o nosso *corpus* advém do banco de dados do ALiB, adotamos a mesma estratificação (homem/mulher), proposta pelo projeto.

5.6.2. Faixa Etária

Selecionamos o grupo etário proposto e estratificado pelo Comitê ALiB (2001), responsável por coletar a fala de informantes da primeira faixa etária (18 a 30 anos) e da segunda (50 a 65 anos). Essa seleção permite verificar o fator diageracional, isto é, a variação linguística encontrada na fala das diferentes gerações da comunidade de fala.

Paiva e Duarte (2006, p. 142) dissertam sobre a variável etária e afirmam que “[...] falantes de diferentes faixas etárias representam diferentes estados da língua: a variante inovadora, ausente ou mais insipiente na fala dos mais velhos, aumenta sua frequência nas faixas mais jovens da população”, algo comprovado em nossos dados, como o caso das variantes anteriores (vibrante alveolar e tepe alveolar), mais proeminente na fala da segunda faixa etária. Ainda de acordo com as autoras, “Dentre as variáveis sociais, as diferenças etárias são o indicador social primário, embora não absoluto, de mudanças em progresso na língua” (2006, p. 142), assim, apresentam-se como uma das principais estratificações sociais para indicar a mudança diacrônica de dado fenômeno linguístico.

Segundo Oushiro (2015), a mudança em progresso representa o tempo aparente (sincrônico), que pode ser analisado na fala de informantes de diferentes faixas etárias. Outra forma de investigação dos fenômenos linguísticos é por meio da pesquisa em tempo real (diacrônica e sincrônica), que se realiza com o estudo em

tendência (entrevista com informantes do mesmo perfil depois de um período), ou por painel (entrevista com os mesmos informantes depois de um intervalo de tempo).

Assim, a estratificação da variável faixa etária pode indicar o predomínio de uma ou de outra variante no falar de um determinado grupo, por isso analisar o cômputo desse fator extralinguístico, possivelmente, ajude na compreensão do motivo pelo qual algumas variantes são prestigiadas para uma geração e não para outras (COELHO et al., 2019).

5.6.3. Localidade

O espaço geográfico foi reconhecido como uma paisagem favorecedora das variedades dialetais, a partir da visão proposta pela Dialetologia Tradicional com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* – ALF (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910). Em seguida, a análise dos dialetos da comunidade através do olhar para a territorialização ganhou delimitações mais precisas por meio dos atlas linguísticos de pequeno domínio, que foram um avanço da Dialegologia na perspectiva pluridimensional proposta por Thun (1998).

Nos estudos Sociolinguísticos, Labov (1963) constatou, a partir de suas investigações sobre a identidade linguística dos moradores da ilha de *Martha's Vineyard*, a importância de ser estratificado o fator localidade e suas sub-regiões na compreensão da relevância e das pistas históricas deixadas pelo contexto social. Assim como Labov (1963) investigou a ilha (*Martha's Vineyard*), elencamos as variantes róticas nas seguintes localidades: Londrina, Umuarama, Tomazina, Piraí do Sul, Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão, por considerarmos pontos geográficos das mesorregiões do Estado do Paraná com profundos desenvolvimentos históricos.

5.6.4. Estilo de Produção de Fala

Segundo Labov (2008 [1972], p. 247), o falante é submetido a uma série de eventos sociais os quais exigem a alteração do estilo de fala, e em muitos casos, caminha “[...] rumo ao extremo formal do espectro, onde se presta mais atenção à fala”. De acordo com o autor, uma postura menos empática ao formular uma questão para o informante pode resultar em uma fala mais monitorada, possivelmente, favorecendo os desvios e raridades sintáticas (estruturas da língua).

Uma das propostas do teórico para resolver o paradoxo do observador – que consiste em coletar o vernáculo do falante, mas por meio de uma entrevista formal – é tentar deixar o informante à vontade durante a conversa através de recursos naturais, como fazer uma pausa na entrevista, envolver o falante em assuntos emocionantes, e de questões ligadas com fatos marcantes da vida, por exemplo, àqueles relacionados com um evento de risco de morte (LABOV, 2008 [1972]).

Verificamos por meio das gravações como o falante alterna seu estilo de fala diante de tais eventos (quando explica uma receita culinária, fala de um caso/situação familiar, responde questões voltadas à linguagem, relata sobre a história de sua cidade, faz a leitura de um texto, entre outros eventos). A relevância desses estilos de fala para a realização do /R/ foi constatada na pesquisa de Aguilera e Kailer (2015), e, por isso, na presente dissertação, selecionamos os seguintes trechos do questionário estruturado pelo Comitê ALiB (2001):

-Questionário Fonético Fonológico (QFF) – fala formal (monitorada)

Pergunta nº 76 – REAL/REAIS

“E quanto é que se paga para viajar daqui a__? *Dizer o nome de uma cidade próxima*”.

Pergunta nº 132 – GENRO

“O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?”

Pergunta nº 147 – SORRISO

“Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um? *Ou mímica*”.

-Questões para Discursos Semidirigidos – fala espontânea (menos monitorada)

4- Relato não pessoal

Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

-Texto para Leitura – fala muito formal (elevado grau de monitoração)

Título: *Parábola dos Sete Vimes*

“Ao acabar de dizer isto morreu. Fiéis ao bom conselho paterno” (TRINDADE COELHO apud QUESTIONÁRIO ALiB, 2001).

Em síntese, para geração dos dados, ouvimos e analisamos as variantes róticas por meio de programas computacionais, codificamos a produtividade do /R/ coletado a partir da fala de 36 (trinta e seis) informantes paranaenses, e explanamos

sobre as oito variáveis distribuídas em contextos linguísticos e extralinguísticos, que foram organizadas em gráficos com o /R/ na posição inicial e medial de palavra.

No tópico seguinte, apresentamos o programa usado para análise estatística, bem como a descrição das rodadas no programa Plataforma R para obtenção dos dados em *barplots* (gráficos). Mas antes, finalizamos esse tópico com a seguinte reflexão laboviana: “A pesquisa quantitativa implica que a pessoa saiba o que quantificar, [...] Quando o analista sabe o que quantificar, o problema está praticamente resolvido” (LABOV, (2008 [1972], p. 297).

5.7. PROGRAMA ESTATÍSTICO – PLATAFORMA R

A Plataforma R foi desenvolvida por Ross Ihaka e Robert Gentleman, no ano de 1993, com propósito de ser um programa estatístico livre²⁴ destinado para áreas voltadas às pesquisas quantitativas. Desse modo, o *software* calcula com alta precisão numérica os dados em valor relativo e faz a conversão dos valores para percentual (%), ou para outra leitura numérica de interesse do pesquisador (RAMPINELLI, 2019).

O R, assim chamado por Oushiro (2014), computa e gera gráficos para dados quantitativos, isto é, faz a leitura da codificação disposta na planilha *Excel* e exibe o resultado para os elevados índices de ocorrências, além de oferecer outros recursos como armazenamento dos códigos no *dataframe* (quadro de comando).

De acordo com Oushiro (2014, p. 135), os vetores e os *dataframes* permitem armazenar conteúdos textuais específicos da pesquisa voltada para descrição e análise linguística, como: “[...] caracteres, palavras, sentenças, transcrições de entrevistas sociolinguísticas e tabelas de dados, que concernem mais propriamente aos nossos interesses presentes [...]”. A pesquisadora menciona os pacotes *dmsocio* e *RBrul* como os mais indicados para execução dos *scripts* próprios da pesquisa Sociolinguística²⁵ (OUSHIRO, 2014). Ainda segundo a pesquisadora,

Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente

²⁴O *software* está disponível em: <<http://www.r-project.org>>.

²⁵Devido às dificuldades de executar os *scripts* em alguns pacotes da Plataforma R, optamos pelo pacote *RStudio*, que foi sugerido durante o Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

define as funções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer (OUSHIRO, 2014, p. 130).

Assim, para que o programa R funcione, é necessário executar alguns comandos com a utilização de linguagem computacional chamada de *scripts*, elaborada pelos próprios programadores do respectivo *software*²⁶ (IHAKA; GENTLEMAN, 2018).

Segundo Oro (2018), a partir dos comandos “<- e =” (nomear as funções) e “#” (adicionar comentários) é possível inserir informações do *script* para executar as rodadas dos dados e gerar os *Bar plots* (gráficos e linhas). Isso é possível, pois a Plataforma R contempla “[...] um console, para a execução direta de comandos, bem como ferramentas para plotagem, histórico, depuração e gerenciamento de espaço de trabalho” (ORO, 2018, p. 2), com o comando destacado pela cor azul.

A Figura 19, a seguir, exhibe a interface do programa *RStudio* e os comandos utilizados no *software* para a geração dos dados:

Figura 19 – Programa estatístico e a inserção dos comandos

```

1 setwd("C:/Users/Usuário/Desktop/Kauana")
2 getwd()
3 dados = read.csv("dadoskauana0.csv", header = T, sep = ";")
4 view(dados)
5 head(dados)
6 tail(dados)
7 str(dados)
8 ##criar objetos##
9 roticos = dados [1]
10 classe = dados [2]
11 posicao = dados [3]
12 vogal = dados [4]
13
14

```

```

Console C:/Users/Usuário/Desktop/Kauana/
1254      r  helapagu  quadri Faixa II
1255      r    gavo    di Faixa II
1256      r    vabo    di Faixa II
> str(dados)
'data.frame':  1256 obs. of  12 variables:
 $ rotico      : Factor w/ 6 levels "B","H","R","T"...: 2 2 2 2 2 2 2 2 2 2 ...
 $ classe     : Factor w/ 2 levels "N","V"...: 1 2 1 1 1 1 2 1 2 1 ...
 $ posicao     : Factor w/ 2 levels "I","M"...: 2 2 1 2 1 2 1 2 2 2 ...
 $ v.silaba   : Factor w/ 5 levels "A","E","I","O"...: 2 2 5 4 2 1 1 5 2 3 ...
 $ d.silaba   : int 3 2 2 2 2 3 2 2 2 3 ...
 $ faixa.etaria : int 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 ...
 $ sexo       : Factor w/ 2 levels "H","M"...: 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 ...
 $ localidade : Factor w/ 9 levels "A","B","G","L"...: 7 7 7 7 7 7 7 7 7 7 ...
 $ estilo.producao: Factor w/ 3 levels "F","M","R"...: 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 ...
 $ termo      : Factor w/ 546 levels "aboxesidu","ahaia"...: 413 451 275 15 161 61 152 115 352 387 ...
 $ d.silabica : Factor w/ 4 levels "di","poli","quadri"...: 4 1 1 1 1 4 1 1 1 4 ...
 $ etaria     : Factor w/ 2 levels "Faixa I","Faixa II"...: 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 ...

```

Fonte: Elaborado pela autora com resultados obtidos na Plataforma R.

O *software* possui quatro janelas, sendo as duas do canto direito para acessar os arquivos em CSV (*Comma separated values*) ou TXT (extensão de arquivo de texto), com formato específico para a leitura, e outra para baixar algum pacote do

²⁶Para sanar algumas dúvidas de como manipular os pacotes da Plataforma R e reproduzir os comandos, utilizamos o seguinte *site*: <http://groups.yahoo.com/group/R_STAT>.

programa. As demais (exibidas na Figura 19) servem como anotações dos *scripts* ou códigos, ou ainda, como quadro de resultado (*dataframes*).

Diante desses recursos do R, com auxílio do pacote *RStudio*, inserimos o vetor (nome da pasta) entre aspas na janela superior, sendo esse comando necessário, porque o programa entende e lê o que se encontra dentro das aspas como texto, e não número real. Dessa forma, depois do comando, separamos o cabeçalho da planilha em colunas, cuja ordem aparece representada pelo símbolo alfabético “T” e pelo símbolo de ponto e vírgula.

Executamos esse primeiro comando com intuito de o programa localizar o diretório da planilha *Excel*, para criar os objetos ou segmentos a fim de concatenar as três categorias (as variantes róticas, a posição do /R/ na palavra e os fatores linguísticos ou extralinguísticos). Assim, os dados segmentados foram submetidos às rodadas com três variáveis de cada vez, resultando em 18 gráficos gerados no respectivo programa. Para as rodadas não foi necessário alterar a ocorrência de uma ou de outra variante rótica, porque a Plataforma R (*RStudio*) consegue produzir os dados mesmo considerando os nocautes (*knockouts*).

O resultado gerado pelo programa foi em valor relativo, que para Guy e Zilles (2007, p. 41), “[...] envolve calcular um valor para cada fator de análise; esse valor vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra”. A partir dessa taxa de significância gerada pelo R, realizamos a conversão dos resultados em números decimais para os valores percentuais das variantes de acordo com cada variável.

Em suma, neste capítulo, apresentamos os contextos linguísticos e extralinguísticos considerados relevantes para investigar a produtividade das variantes róticas em ataque silábico, que foram elencados e explicados de acordo com as codificações das amostras coletadas. Além disso, foi apresentado a descrição sobre os programas que utilizamos para tratar os dados, como a Plataforma R, mais especificamente o Pacote *RStudio*, que foi manuseado para a geração dos resultados quantitativos.

No capítulo 6, a seguir, apresentamos os resultados obtidos para a quantificação das 1256 realizações do /R/ em posição inicial da palavra (**R**ato) e em posição medial (te**RR**eno). Expomos os cálculos das ocorrências em porcentagem, a partir da distribuição das rodadas feitas na Plataforma R.

6 CAPÍTULO 6 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O QUE OS DADOS DO ALIB NAS LOCALIDADES PARANAENSES INDICAM PARA OS RÓTICOS EM ATAQUE?

Neste capítulo, exibimos os resultados da codificação com os valores em porcentagem para os contextos linguísticos (posição do rótico na palavra, classe gramatical, vogal da sílaba alvo e extensão silábica) e extralinguísticos (faixa etária, sexo, localidade e estilo de produção de fala), visto que o pacote *RStudio* consegue cruzar todas as variáveis sem selecionar os contextos de maior relevância.

Separamos a amostra em segmento inicial e medial para verificar o predomínio das variantes róticas anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar) e posteriores (retroflexo, vibrante uvular, fricativa velar e fricativa glotal) nos dados registrados na fala dos informantes paranaenses.

6.1. DESCRIÇÕES DOS DADOS: NÚMERO ABSOLUTO

A análise encontra-se organizada em duas etapas e apresenta os resultados para as 1256 realizações do arquifonema /R/, sendo 635 ocorrências na posição inicial e 621 na posição medial. Desse total, foram produzidas 840 ocorrências para a variante fricativa glotal, 167 realizações para a variante fricativa velar, 136 para a variante tepe alveolar, 108 casos para a variante vibrante múltipla, quatro realizações para a variante vibrante uvular e apenas uma realização para a variante retroflexa. A Tabela 3 apresenta, em números absolutos, a produtividade das variantes róticas distribuídas na posição inicial e medial, como segue abaixo:

Tabela 3 – Ocorrência das variantes em ataque silábico inicial e medial

Posição	Glotal	Velar	Tepe	Vibrante	Uvular	Retroflexa
Início	440	87	49	56	3	1
Meio	400	80	87	52	1	0

Fonte: Elabora pela autora a partir dos dados obtidos a partir da Plataforma R.

De acordo com a Tabela 3, verificamos que a vibrante uvular apresentou 4 ocorrências no total, com valor relativo de 0.0047 e a variante retroflexa com ocorrência de 0.0023 para a posição inicial, o que resultou em menos de 1% de frequência relativa, o que complementa a variação de 0.1 para mais ou para menos

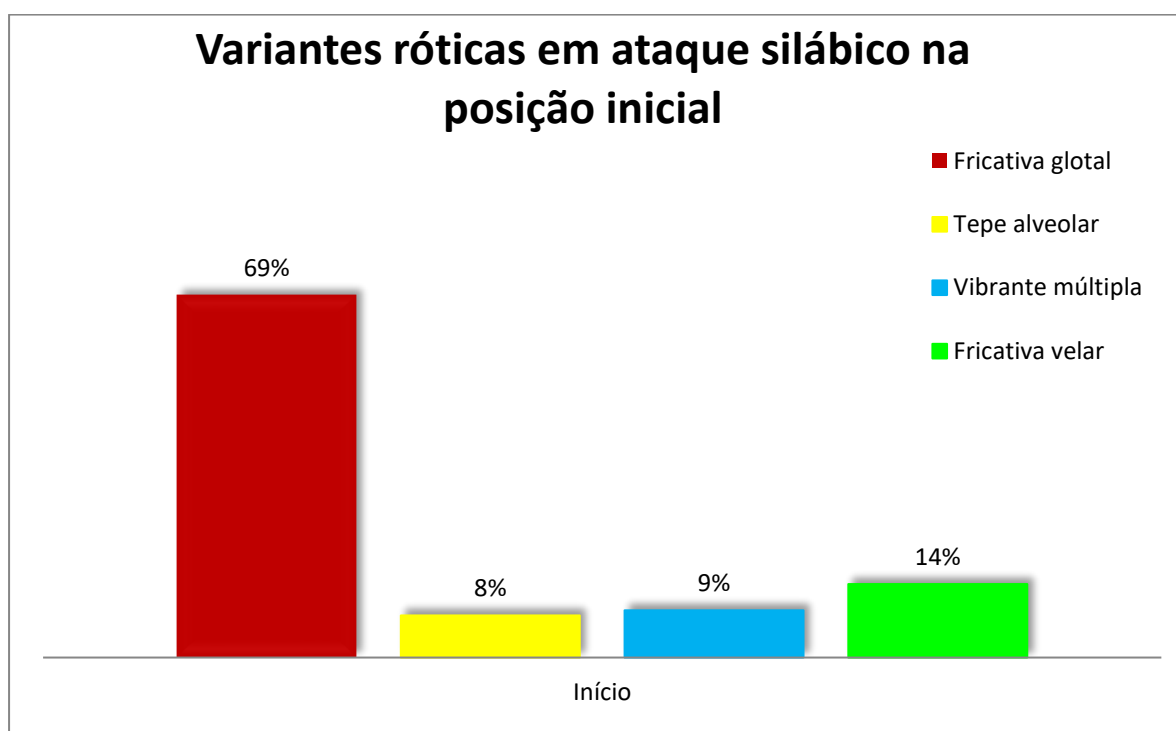
nos resultados da posição inicial e medial em razão do arredondamento dos números decimais para percentuais. Na sequência, analisamos todos os contextos estratificados para ambas as posições ocupadas na palavra durante a pronúncia do /R/ (erre), visto que consideramos a distribuição com os valores demonstrados na Tabela 3.

6.2. ANÁLISES DOS DADOS – ATAQUE SILÁBICO EM POSIÇÃO INICIAL

Nos gráficos, expomos o cômputo dos dados em porcentagem de acordo com a posição do rótico na palavra, primeiramente no contexto inicial e, em seguida, medial. Apresentamos os percentuais a partir do cruzamento das seis variantes róticas registradas no falar paranaense com as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

O Gráfico 1 exibe a produtividade das variantes do arquifonema /R/²⁷ de acordo com a posição para o rótico em início de palavra, como exemplificado nas lexias ['xuĩ], ['xɔzɛ], ['xatu], [xɛ'mãdʊ], ['xeais], [xaz'ga], entre outras.

Gráfico 1 – Variantes róticas em ataque silábico no início de palavra



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

²⁷Na legenda, utilizamos os seguintes símbolos para as variantes róticas: [R] (vibrante uvular), [h] (fricativa glotal), [ɽ] (retroflexo), [r] (tepe), [r] (vibrante múltiplaalveolar) e [x] (fricativa velar).

De acordo com os resultados apresentados no Gráfico 1, verificamos que do cômputo total das nove localidades, a variante fricativa glotal [h] foi a mais produtiva na fala dos informantes paranaenses, com 69% de um total de 440 ocorrências. A fricativa velar mostrou-se como a segunda variante mais produtiva, com 14% de um total de 87 casos, seguida da variante vibrante alveolar, com 9% de realização de 56 ocorrências. A variante tepe alveolar apresentou 8% de 49 ocorrências, já as demais variantes (vibrante uvular e retroflexa) não apresentaram realização significativa, sendo a primeira variante [R] com três ocorrências e a segunda [r] com uma única realização.

A variante vibrante uvular teve apenas duas ocorrências na fala de um informante do sexo masculino da primeira faixa etária, residente na cidade de Guarapuava. A realização dessa variante ocorreu durante o relato (evento de baixo monitoramento da fala) nas lexias ['rowpɛ] e ['ruɛ]. Nossa hipótese para esse resultado é que o contexto social do informante possa ter favorecido a realização da variante [R]. Esse informante relatou durante a entrevista ter participado de um grupo de dança folclórica e estabelecido contato com uma colônia composta por descendentes alemães, além de outra formada por ucranianos, esta última fica localizada em Prudentópolis. Outro caso da vibrante uvular foi registrado na cidade de Lapa, com apenas duas ocorrências, também durante o Discurso Semidirigido (relato espontâneo) na fala da informante da primeira faixa etária, ao pronunciar as palavras [ma'rõn] e ['radziu]. Essa informante morou três anos em Florianópolis (Santa Catarina) e parte de sua adolescência residiu na localidade de Curitiba, o que possivelmente pode ter condicionado a produção dessa variante.

Esse resultado difere dos resultados da amostra do VARSUL analisada por Brescancini e Monaretto (2008), pois os dados do projeto apontam para produtividade apenas das seguintes realizações róticas: variante fricativa velar [x] na localidade de Londrina (PR) e Florianópolis (SC), e vibrante alveolar [r] em Curitiba (PR), isto é, sem ocorrência de outras variantes nesses respectivos pontos.

A variante retroflexa teve uma única ocorrência na fala do informante da segunda faixa etária de Barracão durante a produção da lexia [rara'mëntɪ], esse foi único caso registrado para a variante retroflexa em posição de ataque silábico nos dados do ALiB. Resultado que, apesar de discreto, encontra respaldo na amostra coletada, entre os anos de 1988 a 1996, analisada por Monaretto (1997), cujo resultado da investigação apontou para a ocorrência das variantes vibrante alveolar,

tepe alveolar, fricativa velar e, principalmente a variante retroflexa em início de palavra no falar de informantes de Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS).

Ainda de acordo com os resultados expostos no Gráfico 1, constatamos que existe elevada produtividade das variantes róticas posteriores (fricativa glotal e velar) no falar dos 36 informantes paranaenses. Esse resultado encontra eco em Brescancini e Monaretto (2008) que verificaram o processo de posteriorização na fala da Região Sul do Brasil. Na visão das pesquisadoras, a posteriorização envolve a baixa realização dos róticos anteriores, como a vibrante múltipla e o tepe alveolar (articulados na região anterior da boca), e elevada produtividade dos róticos produzidos na parte posterior a cavidade bucal.

A produtividade para a variante fricativa velar (posterior) no ataque silábico foi registrada também na pesquisa de Carlos (2015). A autora analisou as lexias ['riʊ] e ['hoza] contempladas na carta 008, com registro quanto ao modo diatópico da realização das variantes róticas na fala de informantes de Terra Roxa e Missal no Paraná.

De acordo com Carlos (2015, p. 146), em Terra Roxa, o resultado da análise indicou ocorrência de 93,75% para a variante fricativa velar, 6,25% para a variante vibrante alveolar e nenhuma realização para o tepe. Em Missal a variante fricativa velar apresentou 18,75%, a vibrante alveolar 81,25% e a variante tepe 10%.

Nos dados investigados pela pesquisadora, verificamos mais realização da variante vibrante múltipla em Missal do que em Terra Roxa. Nas palavras da autora, “esses dados podem nos indicar uma possível transição entre o **tepe** e a **vibrante**, no qual o **tepe** pode estar sendo substituída pela **vibrante** e esta pela **fricativa**, sobretudo pelos jovens com maior escolaridade” (CARLOS, 2015, p. 146, grifos no original).

A partir da observação do Gráfico 1, que mostra uma diferença de apenas 1% da variante tepe em relação à vibrante alveolar (tepe 8% e a vibrante 9%), verificamos que nossos resultados não condizem com a hipótese levantada por Carlos (2015), uma vez não parece existir, necessariamente, uma substituição entre essas variantes ([r] e [r]), mas sim uma pista sobre o possível estigma dos róticos anteriores em posição inicial.

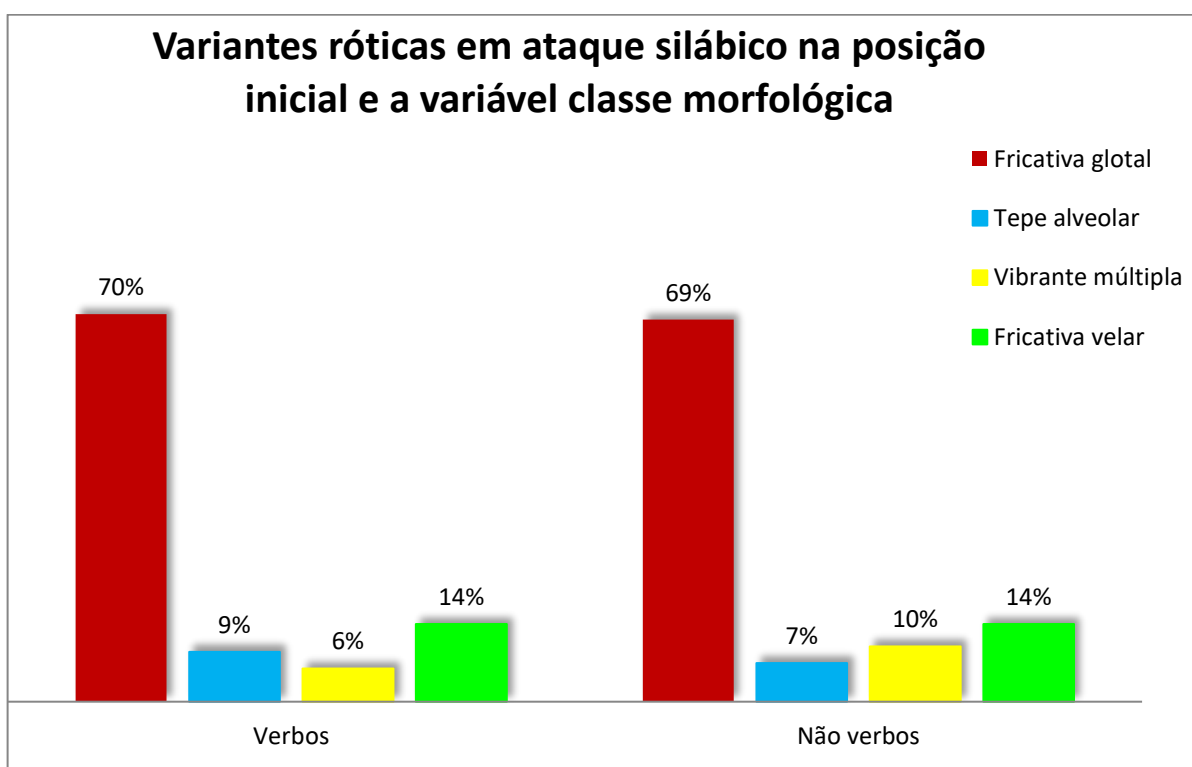
Busse (2010) contemplou em sua pesquisa o caso do arquifonema /R/ em posição de ataque silábico na Região Oeste do Paraná. Segundo a autora, a realização da variante tepe é marcada, isto é, manifesta-se com atitude de preconceito

linguístico em casos em que o falante diz [a'rois], ['rɔdɐ], [ka'rɔsɐ], entre outros exemplos.

O resultado da baixa produtividade das variantes róticas anteriores encontra respaldo também em Tarallo (2002, p. 63), porque ambas as variantes (vibrante e tepe) realizam-se com baixa produtividade quando existe elevada produção das fricativas, o que pressupõe uma aceitação maior pelos róticos posteriores (glotal e/ou velar).

A fim de verificarmos outras motivações que levam o /R/ (erre) a variar, no Gráfico 2, apresentamos o predomínio das variantes róticas em posição inicial segundo a classe morfológica de verbos e nomes.

Gráfico 2 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a classe morfológica



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

Constatamos, com base no Gráfico 2, a produtividade das variantes róticas posteriores (fricativa glotal e velar) tanto em verbos quanto em não verbos (nomes). Com relação às variantes anteriores, o tepe alveolar manteve-se estável e a vibrante alveolar chamou atenção por apresentar uma redução de 4% na classe gramatical de verbos.

Os resultados indicam que, na classe de verbos, a variante fricativa glotal teve realização de 70% do total de 150 ocorrências, seguida da variante velar com 14% de 30 casos, da variante vibrante alveolar com 6% de 13 realizações e o tepe com 14% de 20 ocorrências. Na classe de não verbos, a fricativa glotal apresentou 69% de produtividade de um número total de 290 casos, a variante fricativa velar teve realização de 14% de 57 ocorrências, seguido do tepe com 7% do total de 29 produções. Por último, a vibrante alveolar apresentou 10% de realização do cômputo de 43 ocorrências.

Esse resultado semelhante entre verbos e nomes encontra respaldo em Scherer (2013), que investigou o arquifonema /R/ em ataque CV na fala de crianças residentes em regiões de contato com a cultura alemã. A autora, com auxílio do programa Varbrul, elencou as variáveis dependentes e independentes mais relevantes para análise, resultando em uma não investigação da classe morfológica. O resultado da pesquisa de Scherer (2013) nos faz supor que a classe de verbos e não verbos é a variável menos relevante para o rótico em ataque silábico, quando comparada com as demais variáveis linguísticas e extralinguísticas.

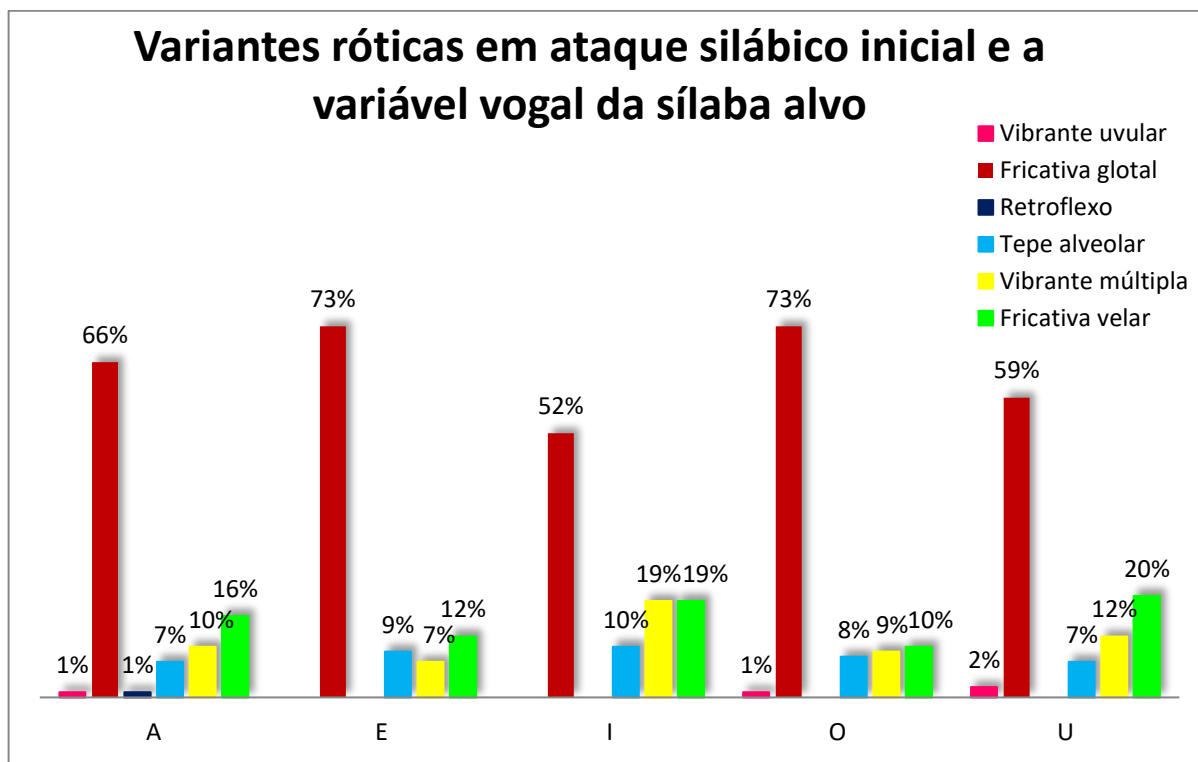
Ainda de acordo com o Gráfico 2, o que chama atenção é a redução da variante vibrante múltipla na classe morfológica de verbos, cuja realização foi de 6%. Verificamos que nessa classe a variante vibrante [r] (vibrante múltipla) se comporta de modo diferente, o que não acontece com a variante tepe por ocorrer aumento de 2% entre verbos e não verbos.

Nossa hipótese aponta para o fato de que, possivelmente, a variante vibrante múltipla [r] tenha sido mais prozudida na categoria de não verbos, pois as palavras que indicam um tempo ou evento (ação) requerem mais atenção devido à regência verbal.

O Gráfico 3 exibe a produtividade das variantes róticas em início de palavra de acordo com o contexto linguístico para a vogal da sílaba alvo ([a] baixa central não arredondada, [e] média alta anterior não arredondada, [i] alta anterior não arredondada, [o] média alta posterior arredondada e [u] alta posterior arredondada)²⁸, como exposto a seguir:

²⁸ As vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] não foram estratificadas na amostra da presente dissertação, porque optamos por amalgamar as vogais abertas com as vogais fechadas [e] e [o].

Gráfico 3 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a vogal da sílaba alvo



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com o Gráfico 3, verificamos a alta produtividade da variante rótica fricativa glotal independentemente da vogal da sílaba alvo, e o mesmo ocorre com a variante fricativa velar, com exceção na vogal [i] que favorece aumento considerável na realização da vibrante múltipla alveolar, desse modo, igualando-se a fricativa velar [x].

Como podemos analisar, na sílaba que apresenta a vogal baixa central [a], foi registrado a ocorrência de 66% da variante fricativa glotal de 123 casos, seguida da velar com 16% do total de 29 ocorrências, a vibrante múltipla com 10% de 18 realizações, o tepe com 7% de 12 casos, e a variante vibrante uvular e a retroflexa com apenas 1% de um caso.

Na vogal média alta [e], verificamos a ocorrência de 73% da variante fricativa glotal de 178 casos, 12% da variante fricativa velar de 29 produções, 9% do tepe alveolar de 21 realizações, e 7% da vibrante múltipla de 16 ocorrências.

Na sílaba com a vogal alta [i], identificamos 52% da variante fricativa glotal das 11 ocorrências, 19% para a variante fricativa velar e vibrante múltipla de quatro

ocorrências, e 10% do tepe do total de dois casos. Na sílaba em que consta a vogal [o], verificamos 73% de variante glotal [h] de 93 ocorrências, 10% da variante fricativa velar de 13 realizações, 9% da variante vibrante múltipla de 11 casos, 8% do tepe de 10 produções no ataque, e 1% da vibrante uvular de apenas um caso. Para a vogal arredondada [u], comprovamos a realização de 59% da variante fricativa glotal de 35 casos, 20% da fricativa velar [x] de 12 ocorrências, 12% da variante vibrante múltipla de sete produções, 7% do tepe alveolar de quatro casos e 2% da vibrante uvular de uma única ocorrência.

Conforme demonstrado no Gráfico 3, as vogais mais favoráveis à realização da variante glotal foram as vogais médias altas [e] e [o], nesse caso, para a variante fricativa velar foi a vogal alta [u], possivelmente porque tanto a consoante quanto a vogal são posteriores. A vogal [i] (anterior) foi a que mais favoreceu a vibrante múltipla e o tepe alveolar, cujas variantes são produzidas também na região anterior na boca durante o processo articulatorio. Já a variante vibrante uvular também posterior foi motivada pelas vogais posteriores [o] e [u], e a variante retroflexa pela vogal baixa central não arredondada [a].

O resultado obtido para a variante tepe parece encontrar eco na investigação de Clements e Hume (1995, p. 26), os quais verificaram a produtividade da variante tepe alveolar antes de uma consoante coronal. Os pesquisadores apresentaram o exemplo da língua cantonesa, em que a lexia “tit” para ferro é adequadamente formal e aceita, enquanto “tut” é excluída e estigmatizada.

Esse resultado difere parcialmente dos dados obtidos na pesquisa de Miranda (1996), que investigou a fala de crianças da faixa etária dos dois anos aos três anos e nove meses, com dados coletados ainda na década de 90. Segundo pesquisadora, a realização do /R/ forte em contexto fonológico seguinte (CV) ocorre com uma porcentagem maior quando a vogal da sílaba alvo é arredondada, como nos casos das lexias “roda”, “carro” e rua”. Nas palavras da autora,

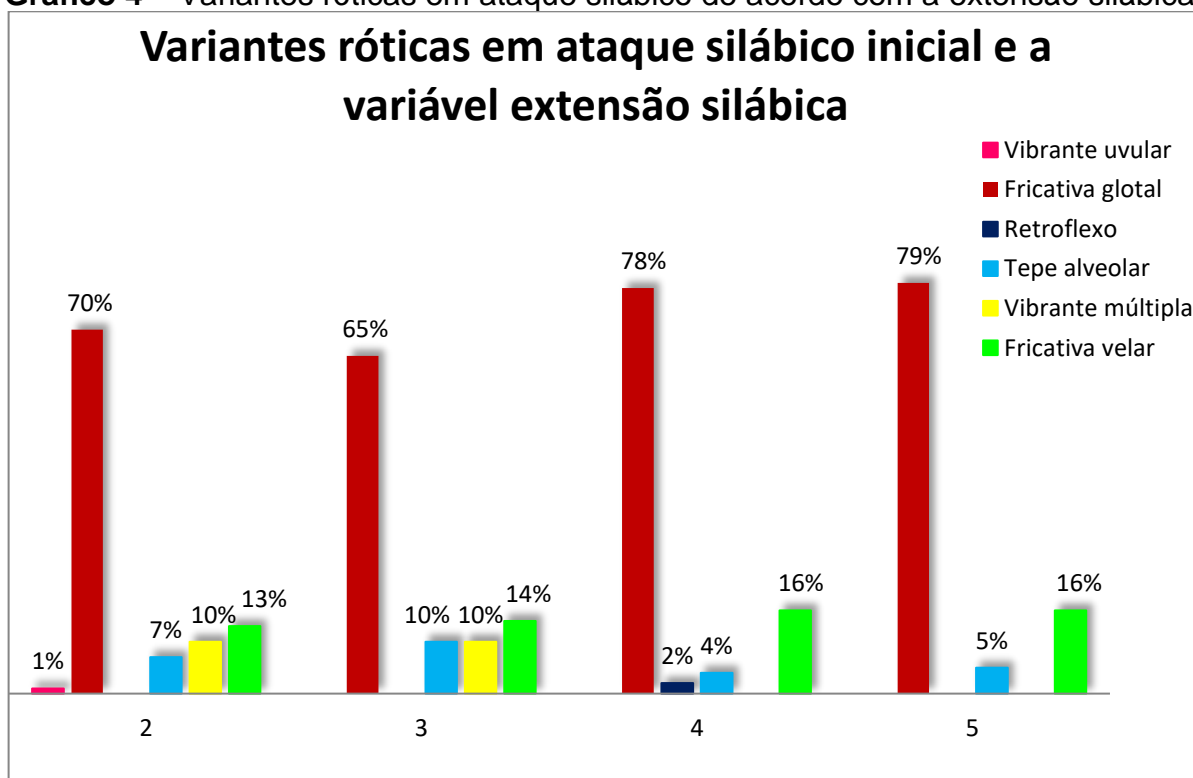
No cômputo final a porcentagem de 80%, relativa à freqüência de produção, e a probabilidade de .56, referente à maior possibilidade de produção, reafirmam o papel favorecedor das vogais arredondadas para a produção do ‘r-forte’ (MIRANDA, 1996, p. 82).

Ainda de acordo com o Gráfico 3, identificamos que na sílaba da vogal média alta [e] anterior ocorreu a produção mais baixa da variante vibrante múltipla [r], com apenas 7%. Para esse evento em específico no ataque, nossa hipótese é a posição e

a altura da língua, que pode ter favorecido a produção da variante fricativa glotal e desfavorecido as batidas da língua na região alveolar (característica da articulação da vibrante múltipla), uma vez que a região entre o palato duro e o corpo da língua (delimitado no sulco longitudinal mediano) fica com um pouco mais de espaço para a passagem do ar, conseqüentemente, aumentando a força que o ápice da língua teria que fazer para chegar aos alvéolos próximos dos dentes frontais. Esse processo articulatorio é percebido quando colocamos a mão na frente na boca e, com a posição articulada na vogal [e], apenas sopramos o ar durante sua egressão.

Seguimos, agora, para o Gráfico de número 4, partindo da análise do contexto linguístico para a extensão silábica na produção das variantes róticas em ataque inicial, referente às palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas com quatro ou mais sílabas.

Gráfico 4 – Variantes róticas em ataque silábico de acordo com a extensão silábica



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

Como se observa no Gráfico 4, a variante fricativa glotal manteve alta produtividade para todas as segmentações da variável extensão silábica, e a variante vibrante múltipla apresentou realização apenas nas palavras dissílabas e trissílabas.

Nas lexias com duas sílabas, como em ['hɔzɛ], ['xiku], ['xɔfɛ], entre outras, ocorreu 70% da variante fricativa glotal de 241 ocorrências, seguida da variante

fricativa velar com 13% de 44 casos, da vibrante múltipla 10% de 33 produções, do tepe alveolar 7% de 24 realizações, e da vibrante uvular 1% de dois casos.

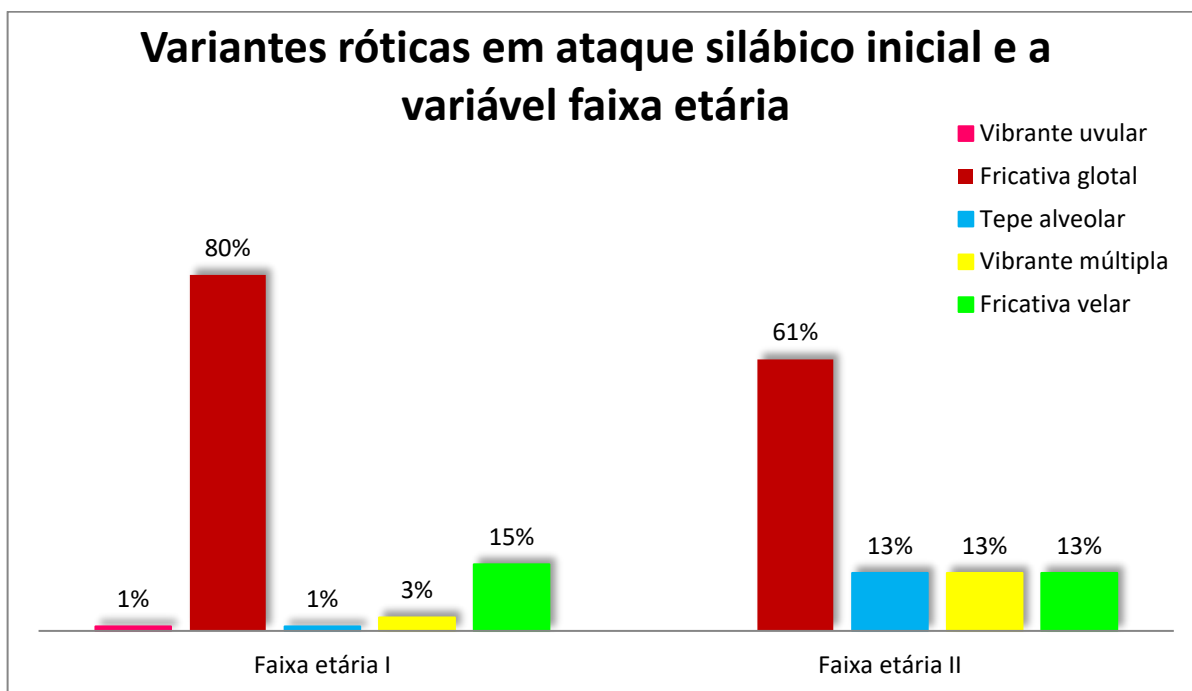
Nas palavras trissílabas ([ha'ladʊ], [xa'tʃɪɯ], [ho'dave], entre outras), a variante fricativa glotal apresentou 65% de 144 ocorrências, a fricativa velar 14% de 32 casos, a variante vibrante múltipla e o tepe alveolar 10%, sendo 23 realizações para a vibrante [r] e 22 para o tepe [r].

Nas palavras polissílabas ([xaramētʃi], [hestaw' rātʃi] e [vahi'dʒɪɯ]), a variante fricativa glotal apresentou 78% de 40 casos, a variante fricativa velar 16% de oito ocorrências, o tepe alveolar 4% de duas realizações, e a variante retroflexa 2% de um caso. Nas palavras polissílabas ([hespōsabili'dadʒi], [xiwdʒiʒa'nerʊ], entre outras) ocorreu 79% de realização da variante fricativa glotal de 15 casos, 16% da variante fricativa velar de três produções, e 5% do tepe alveolar de uma única ocorrência registrada no ataque inicial.

A partir do resultado descritos no Gráfico 4, identificamos que as palavras dissílabas e trissílabas favoreceram a produção das variantes anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar), enquanto as palavras polissílabas possibilitaram as realizações das variantes posteriores (fricativa glotal e velar).

Nossa hipótese para esses dados aponta que as lexias mais extensas possam resultar na lei do menor esforço, porque quase não apareceu a variante rótica anterior no ataque inicial para as lexias que contemplavam o tepe alveolar na segunda sílaba (/R/ intervocálico), por exemplo, como no advérbio 'raramente'.

A seguir, o Gráfico 5 contempla o resultado das variantes róticas de acordo com a variável extralinguística referente à faixa etária I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos):

Gráfico 5 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a faixa etária

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com os resultados do Gráfico 5, verificamos um caso interessante referente à produção dos róticos anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar), pois na primeira faixa etária ocorreu porcentagem muito inferior das variantes anteriores se comparado com a produção da segunda faixa etária.

Entre os mais jovens ocorreram 228 casos da variante fricativa glotal (80%), 15% da variante fricativa velar de 42 realizações, 3% da variante vibrante múltipla de nove ocorrências, e 1% do tepe alveolar e da vibrante uvular, sendo dois casos referente à primeira variante e quatro referente à segunda. Na segunda faixa etária, a variante fricativa glotal teve produtividade de 61% de 212 ocorrências, e as demais variantes apresentaram realização de 13% de 45 casos para as variantes tepe alveolar e fricativa velar, e 47 para a vibrante múltipla.

Segundo os resultados expostos no Gráfico 5, confirmamos a relevância que a variável faixa etária possui na análise do /R/ em ataque, pois a primeira faixa etária (compreendida como categoria de jovem adulto) produz em baixa porcentagem as variantes róticas anteriores e a segunda faixa etária, mesmo com a elevada produção da variante fricativa glotal, ainda mantém a vibrante múltipla e o tepe alveolar.

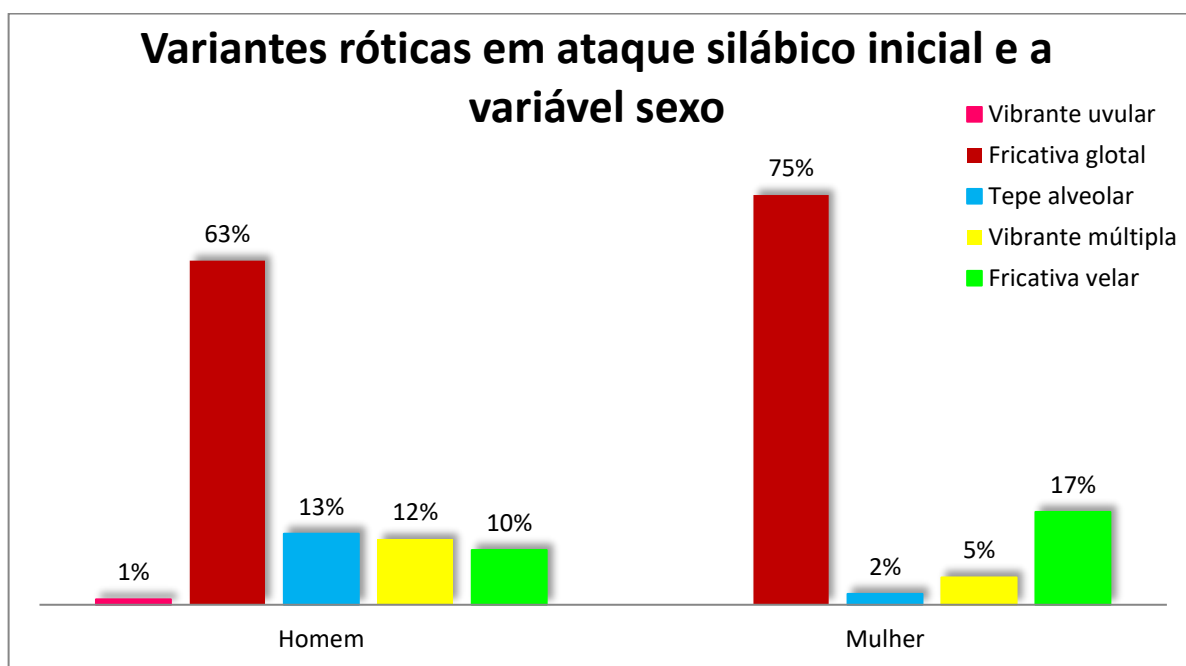
Esse resultado confirma a concepção de mudança em progresso de Labov (1966), porque os róticos em ataque silábico produzidos na fala da segunda faixa

etária parecem desaparecer na fala da geração mais jovem, conseqüentemente, favorecendo a produção das fricativas produzidas no ponto articulatorio posterior.

As seguintes pesquisadoras Callou (1987), Callou e Leite (1999) e Brescancini e Monaretto (2008) mencionam existir uma tendência para o processo de posteriorização e/ou enfraquecimento do /R/. As autoras comprovaram por meio de métodos de pesquisa quantitativos que existe uma tendência da vibrante múltipla (anterior) passar para articulação das variantes fricativas (velar e glotal). Lembrando que, embora, os estudos de Callou sejam voltados para o /R/ em coda silábica, os apontamentos da autora mostram-se consoantes com os dados obtidos para o ataque silábico na presente dissertação, isto é, a posteriorização do rótico.

O gráfico seguinte exibe a influência da variável sexo (homem e mulher)²⁹ para a realização das variantes róticas no falar dos 36 informantes paranaenses selecionados para a presente análise:

Gráfico 6 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com o sexo



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

Conforme exposto no Gráfico 6, as mulheres lideram as realizações das variantes róticas posteriores (fricativa glotal e fricativa velar), enquanto os homens apresentam mais róticos anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar).

²⁹Compreendemos a variável sexo como fator biológico de acordo com a metodologia adotada pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na coleta dos dados.

Os resultados demonstram que, na fala dos homens, a variante fricativa glotal ocorre com 63% de 193 ocorrências, seguida do tepe – 13% de 41 casos –, da variante vibrante múltipla – 12% de 38 realizações –, e a variante vibrante uvular – 1% de duas produções. Na fala das mulheres, identificamos as seguintes ocorrências: 75% de 247 casos da variante fricativa glotal, 17% de 55 registros da variante fricativa velar, 5% de 18 eventos da vibrante múltipla na fala, e 2% de oito casos do tepe alveolar.

Esse resultado encontra respaldo em Labov (1966), pois o pesquisador afirma que as mulheres resistem mais às inovações na fala por apresentarem-se mais atentas para a norma considerada de prestígio, resultando em uma baixa utilização das formas estigmatizadas pela comunidade de fala. Isto é, consideramos os róticos posteriores como variantes inovadoras e com prestígio social, por ser estas mais recorrentes na fala das mulheres.

Segundo Busse (2010), a variante tepe alveolar [r] é vista como marca dialetal do colono da Região Sul do Brasil. Assim, podemos hipotetizar que, no período de 2002 a 2004, em que foram realizadas as coletas de dados pela equipe do Projeto ALiB, as variantes posteriores, possivelmente eram produzidas de modo a atender a um prestígio social, por isso as mulheres produziram mais na fala essa respectiva variante do que quanto comparada com os resultados obtidos para os homens.

Os dados do IBGE (2010) indicam que o número absoluto de mulheres economicamente ativas (ocupadas) era de 1.943.931 contra o total de 2.779.614 homens registrados no mercado de trabalho, entre os anos de 1992 a 2001. Esse resultado do IBGE (2010) vai ao encontro das descrições contempladas na ficha dos informantes, a qual foi registrada pelos membros do Projeto ALiB, pois as informantes relataram desenvolver atividades domésticas e os homens mencionaram serviços braçais ou com auxílio de maquinários.

A Tabela 4, a seguir, apresenta em número real e a porcentagem dos resultados de acordo com a profissão tanto dos homens quanto das mulheres:

Tabela 4 – Profissão e a variável sexo (homem e mulher)

Ocupação	Homens		Ocupação	Mulheres	
profissional			profissional		
Encarregado geral	2	11,11%	Costureira	3	16,66%
Mestre de obras	4	22,22%	Doméstica	4	22,22%
Fiscal da prefeitura	1	5,55%	Secretária do lar	7	38,88%

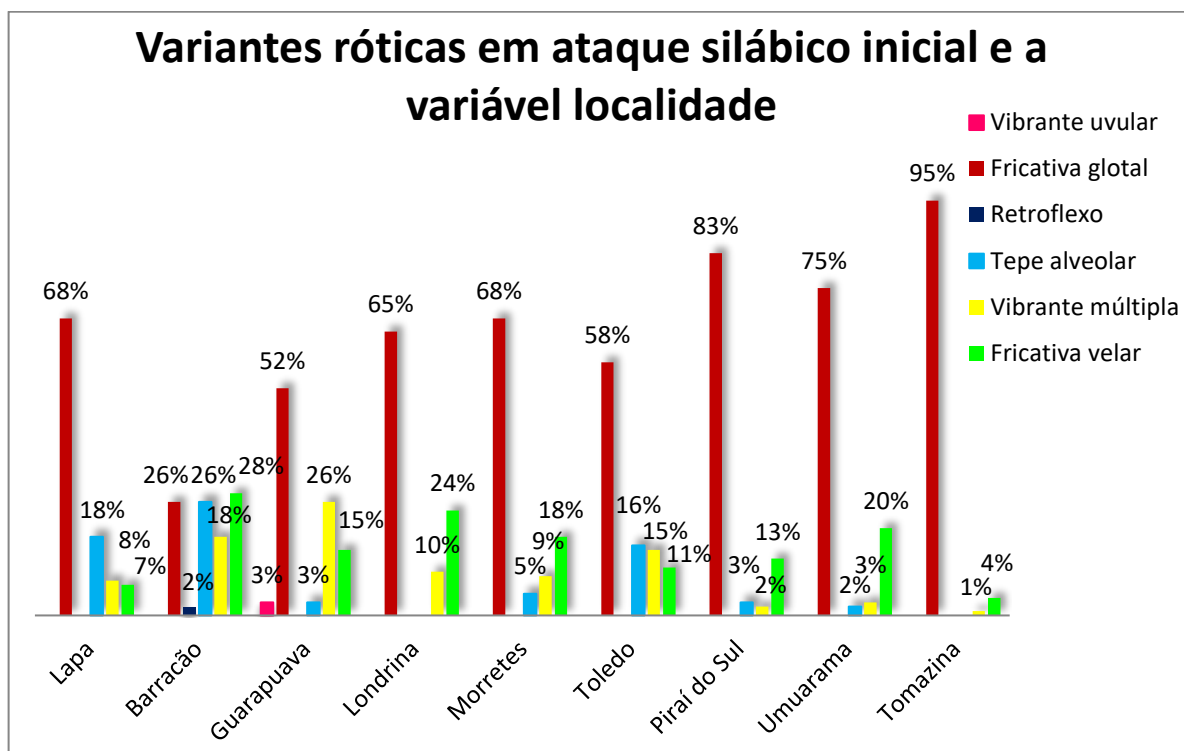
Agricultor	2	11,11%	Operária (margarida)	1	5,55%
Vendedor	2	11,11%	Vendedora de roupas	1	5,55%
Taxista	1	5,55%	Desempregada	2	11,11%
Soldador	1	5,55%			
Operador de máquinas	1	5,55%			
Motorista da prefeitura	1	5,55%			
Fabricante de panelas	1	5,55%			
Aposentado	2	11,11%			
Total	18	100%		18	100%

Fonte: Elaborado pela autora com dados do ALiB.

Na Tabela 4, verificamos que as mulheres entrevistadas pelo ALiB tendem a desenvolver mais atividades ligadas à vida no lar, enquanto os homens apresentam distintas ocupações no mercado de trabalho. Nossa hipótese aponta que esse dado socioeconômico pode ser um dos fatores responsáveis pela alta produção das variantes róticas posteriores no falar das mulheres, uma vez que elas buscam por uma ascensão social, e para isso produzem as variantes consideradas de prestígio.

Esse resultado também indica que não podemos nos esquecer da interferência dos meios midiáticos, bem como das telenovelas, do rádio, do jornal, entre outros programas de entretenimento acompanhados diariamente pelos informantes, principalmente pelas mulheres, visto que tais veículos televisivos podem facilitar a disseminação de variantes consideradas de prestígio por comunidades de fala localizadas nos grandes centros urbanos.

Seguimos agora para o Gráfico 7, que exhibe o predomínio de uma ou de outra variante rótica registrada no falar paranaense de acordo com os nove pontos de inquéritos selecionados na presente dissertação:

Gráfico 7 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com a localidade

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

No cômputo geral referente às nove localidades, verificamos que, na Lapa, a variante fricativa glotal apresentou ocorrência de 68%, a variante fricativa velar 7%, a vibrante múltipla 8%, e o tepe alveolar 18%. Em Barracão, que é uma região de fronteira, a variante fricativa glotal teve a mesma realização da variante tepe (26%), seguida de 28% da variante fricativa velar, da vibrante múltipla 18%, e da variante retroflexa 2%. Em Guarapuava, a variante glotal ocorreu com 52%, seguida da vibrante múltipla 26%, da fricativa velar 15%, e do tepe alveolar e da vibrante uvular 3%. Em Londrina, a variante glotal apresentou 65%, a fricativa velar 24%, e a vibrante múltipla 10%. Em Morretes, a variante fricativa glotal teve ocorrência de 68%, seguida da fricativa velar 18%, da vibrante múltipla 9%, e do tepe alveolar 5%. Em Toledo, a variante glotal apresentou 58%, o tepe 16%, a vibrante múltipla 15%, e a fricativa velar 11%. Em Piraí do Sul, houve 83% de realização para a variante glotal, 13% para a fricativa velar, 3% para o tepe alveolar, e apenas 2% para a vibrante múltipla. Em Umuarama, a variante fricativa glotal ocorreu com 75%, a fricativa velar apresentou 20%, a vibrante múltipla 3%, e o tepe alveolar 2%. Em Tomazina, verificamos 95% de ocorrências para a variante fricativa glotal, 4% para a fricativa velar, e apenas 1% para a vibrante múltipla.

Ainda de acordo com os percentuais exibidos no Gráfico 7, podemos comprovar estatisticamente que, em algumas localidades da Região Norte do Paraná (Londrina, Umuarama, Tomazina, e Piraí do Sul), ocorreu a predominância das variantes róticas fricativas (glotal e velar), com maior recorrência para a variante [h] (glotal). Na localidade de Londrina, os resultados mostram-se consoantes com os dados de Brescancini e Monaretto (2008), que mencionaram ser a variante rótica fricativa a mais produtiva no falar londrinense. Segundo as autoras:

Variantes articuladas na zona posterior não são as mais encontradas nas cidades da amostra do VARSUL, mas aparecem como fricativas velares, com frequência mais alta em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p. 64).

Nos dados do ALIB, coletados na presente dissertação, e em algumas pesquisas como a de Aguilera e Biolada (2015) referente às variantes róticas no ataque silábico, a variante fricativa glotal [h] foi apontada como o rótico mais produtivo na fala ao invés da variante fricativa velar [x], possivelmente devido ao processo de posteriorização entre as fricativas.

Para Aguilera e Biolada (2015, p. 152), na Região Sudeste do Brasil, “a concorrência [...] instaura-se entre as duas posteriores: velar e glotal, com favorecimento desta última”. Segundo as autoras, nas capitais do Sudeste, a variante fricativa glotal apresentou 70,45% contra a ocorrência de 29,55% para a variante fricativa velar do total de 440 casos, resultando em: “mudança em progresso ou já consumada” (AGUILERA; BIOLADA, 2015, p. 125).

O processo de posteriorização é identificado com mais vitalidade no Norte paranaense, devido à elevada produtividade da variante fricativa glotal e da velar, com porcentagem superior à 65%. Para Malmberg (1954), Callou (1987), Brescancini e Monaretto (2008), entre outros pesquisadores, esse processo está condicionado a alternância do /R/ ápico-alveolar (vibrante múltipla) pelas fricativas, como ocorre também na fala de alguns informantes da Região Sul do Estado, como por exemplo, no falar dos informantes³⁰ de Guarapuava, Morretes e Lapa.

Constatamos que os municípios de Toledo, Guarapuava, Morretes, Lapa e Barracão apresentaram a maior porcentagem para as variantes róticas anteriores

³⁰O informante da primeira faixa etária de Morretes residiu durante um ano em São Paulo, e o informante de Guarapuava da segunda faixa etária viajou durante 36 anos, fixando-se por 12 anos na cidade. A informante da segunda faixa etária da Lapa residiu por um tempo em Londrina e em outras cidades, e optou por retornar para a cidade após dez anos.

(vibrante múltipla e tepe alveolar), cuja elevada produção da vibrante [r] foi registrada em Guarapuava e do tepe [r] em Barracão.

Nossas hipóteses para esses resultados são de que os fatores linguísticos e extralinguísticos podem explicar a posteriorização entre as fricativas (como a classe de palavra) e a produtividade das variantes anteriores na parte Sul do estado (por meio do contexto social). Nesse caso, as hipóteses podem ser justificadas pela tendência para o processo de posteriorização do rótico, pela lei do menor esforço envolvendo a articulação e, possivelmente, pela influência do /R/ produzido nas telenovelas de grandes centros urbanos, já no caso das variantes anteriores, pelo contato linguístico com outras línguas através do desenvolvimento sócio-histórico do Estado do Paraná.

Sabemos que as disputas por terras levaram à criação do tratado de Tordesilhas, com demarcações de terras pertencentes à Espanha e Portugal, sendo a faixa litorânea da Região Sul oficialmente da Coroa Portuguesa (MAACK, 1981). Assim, o Paraná foi marcado historicamente pela presença dos espanhóis, em seguida, dos imigrantes alemães, ingleses, ucranianos, poloneses, franceses, italianos, japoneses, nessa respectiva ordem, e migrantes de origem do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Matogrosso e São Paulo.

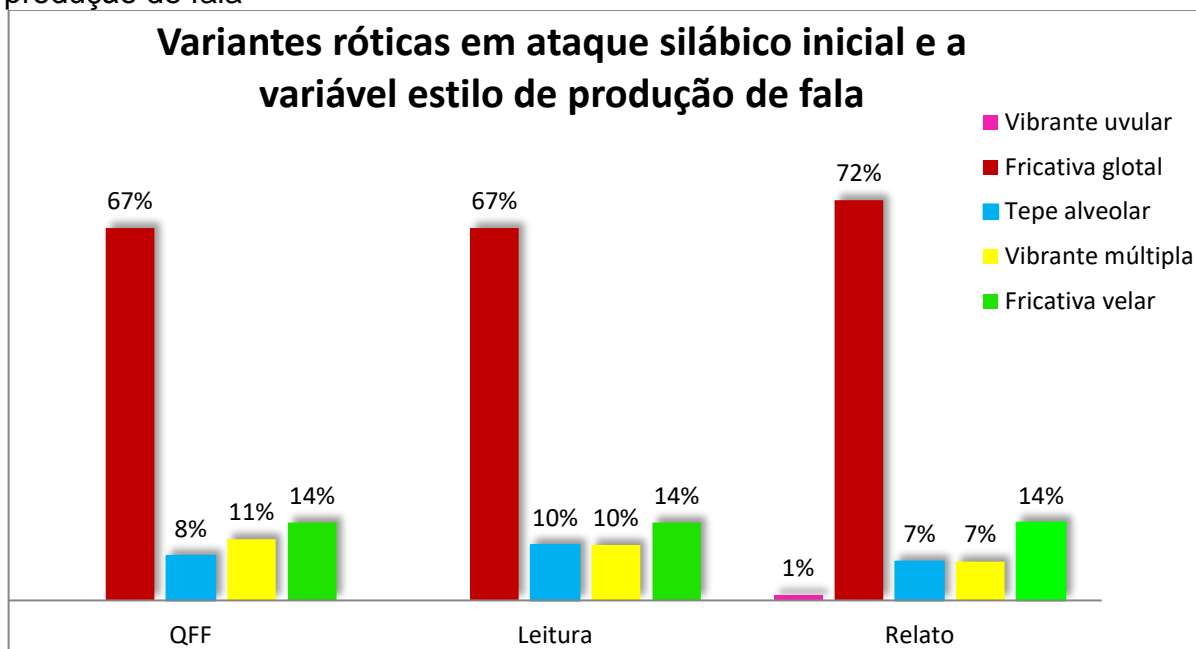
Essas etnias fizeram parte do contexto sócio-histórico da cidade de Barracão, a qual faz tríplice fronteira com as localidades de Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Argentina), o que pode ter favorecido a realização da variante tepe (26%) e da vibrante múltipla (18%).

Fraga (2006) investigou a vibrante [r] em ataque silábico na fala de informantes descendentes de holandeses no município de Carambeí (Centro-Oriental do Paraná), e, nessa região, a produção do rótico anterior (vibrante múltipla) não foi condicionada pelo bilinguismo, pois “o português da região (falado antes da colonização holandesa) [...] é que parece ter predominado” (FRAGA, 2006, p. 1121). No entanto, nossa hipótese referente à produção das variantes róticas anteriores (vibrante múltipla e o tepe alveolar) atrelado ao contato linguístico encontra respaldo em Margotti (2004), que confirma a interferência da língua italiana no falar da Região Sul do Brasil.

A seguir, o Gráfico 8 exhibe os resultados da produtividade do /R/ em ataque para o estilo de produção de fala, por meio das lexias recortadas do Questionário Fonético Fonológico (médio monitoramento), do Relato (pouca ou nenhuma

monitoração na fala), e da Leitura (elevada atenção da própria fala) (AGUILERA; KAILER, 2015).

Gráfico 8 – Variantes róticas em ataque silábico inicial de acordo com o estilo de produção de fala



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

O Gráfico 8 mostra que, no início da entrevista (durante a aplicação do QFF), a variante fricativa glotal apresentou 76% de 148 ocorrências, a fricativa velar, 14% de 30 casos, a vibrante múltipla, 11% de 25 realizações, e o tepe alveolar, 8% de 18 produções. Na Leitura, os informantes realizaram 67% da variante glotal de 70 ocorrências, a velar com a mesma produtividade no QFF, isto é, 14% de 15 realizações, e a vibrante múltipla e o tepe com 10% de 10 casos. No Relato, verificamos 72% de produção para a variante fricativa glotal de 222 casos, 14% para a fricativa velar de 42 ocorrências, 7% para as variantes anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar) de 21 casos, e 1% para a variante vibrante uvular de dois eventos linguísticos.

A partir dos resultados apresentados no Gráfico 8, verificamos que a variável estilo de produção de fala não aponta para diferenças muito significativas entre as partes do questionário (QFF, Discursos Semidirigidos e a Leitura). Contudo, podemos comprovar que, no relato pessoal, correu um aumento na porcentagem da variante fricativa glotal e diminuição de ocorrências das variantes róticas anteriores (vibrante [r] e tepe [r]).

De acordo com o resultado exibido no relato, nossos dados indicam as variantes fricativas posteriores (glotal e velar) como os róticos mais utilizados pela maioria dos informantes paranaenses entrevistados pela equipe do ALiB, como verificado por Callou (1987) para o falar carioca, Vegini (2007) para o falar de Joinville (Santa Catarina), Brescancini e Monaretto (2008) para as generalizações sobre o falar nas capitais da Região Sul do Brasil, Aguilera e Biolada (2015) para o falar da Região Sudeste, e Carlos (2015) para o falar em Terra Roxa (fronteira do Paraná).

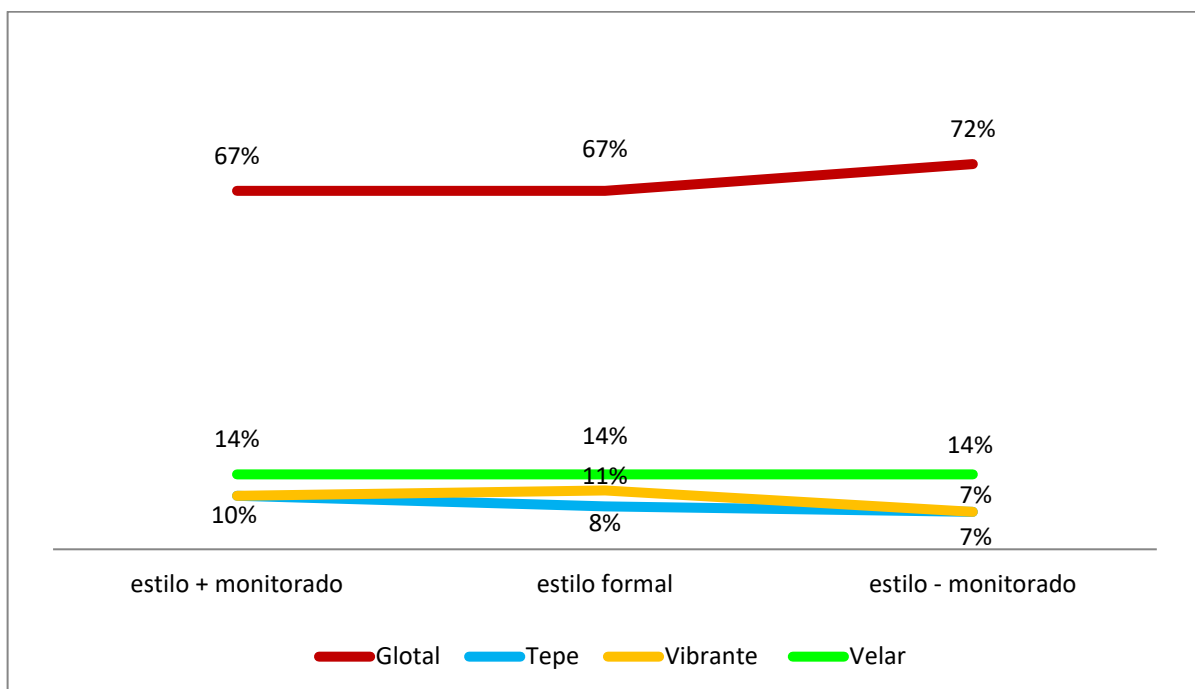
A segunda hipótese plausível para a produção das variantes fricativas é referente à adequação na fala feita pelo informante no decorrer da entrevista, como uma forma de identificação com o idioleto³¹ do inquiridor que usava a variante rótica fricativizada, pois, das 36 entrevistas, apenas um único informante mostrou-se tímido para responder às perguntas.

Os resultados mais acentuados da vibrante múltipla (11%) e do tepe alveolar (8%) foram registrados no Questionário Fonético Fonológico (contexto formal). Esses dados mostram-se distantes dos resultados apresentados por Spessatto (2011), provavelmente porque a pesquisadora investigou a fala de crianças em situação de contato linguístico com a língua italiana na Região Sul, encontrando maior produção da variante tepe em contexto de baixa monitoração da fala.

De acordo com Corrêa (2017, p. 325), algumas pesquisas, como de Rossi (2000), Spessatto (2003), entre outras que investigam a realização do tepe “vibrante simples em lugar de vibrante múltipla”, confirmam que a variante [r] está mais condicionada pelo fator sexo, pelo contato linguístico e pela segunda faixa etária. Isto é, nos resultados encontrados pelos pesquisadores, o tepe alveolar não está relacionado com monitoração da fala.

Em nossos dados, verificamos que a variante tepe se faz mais produtiva no falar da segunda faixa etária e do sexo masculino, como identificou Corrêa (2017). Embora, comprovamos ser possível também verificar o nível da variante tepe no *continnum*, como demonstrado a seguir:

³¹Ver Labov (2008 [1972], p. 255).

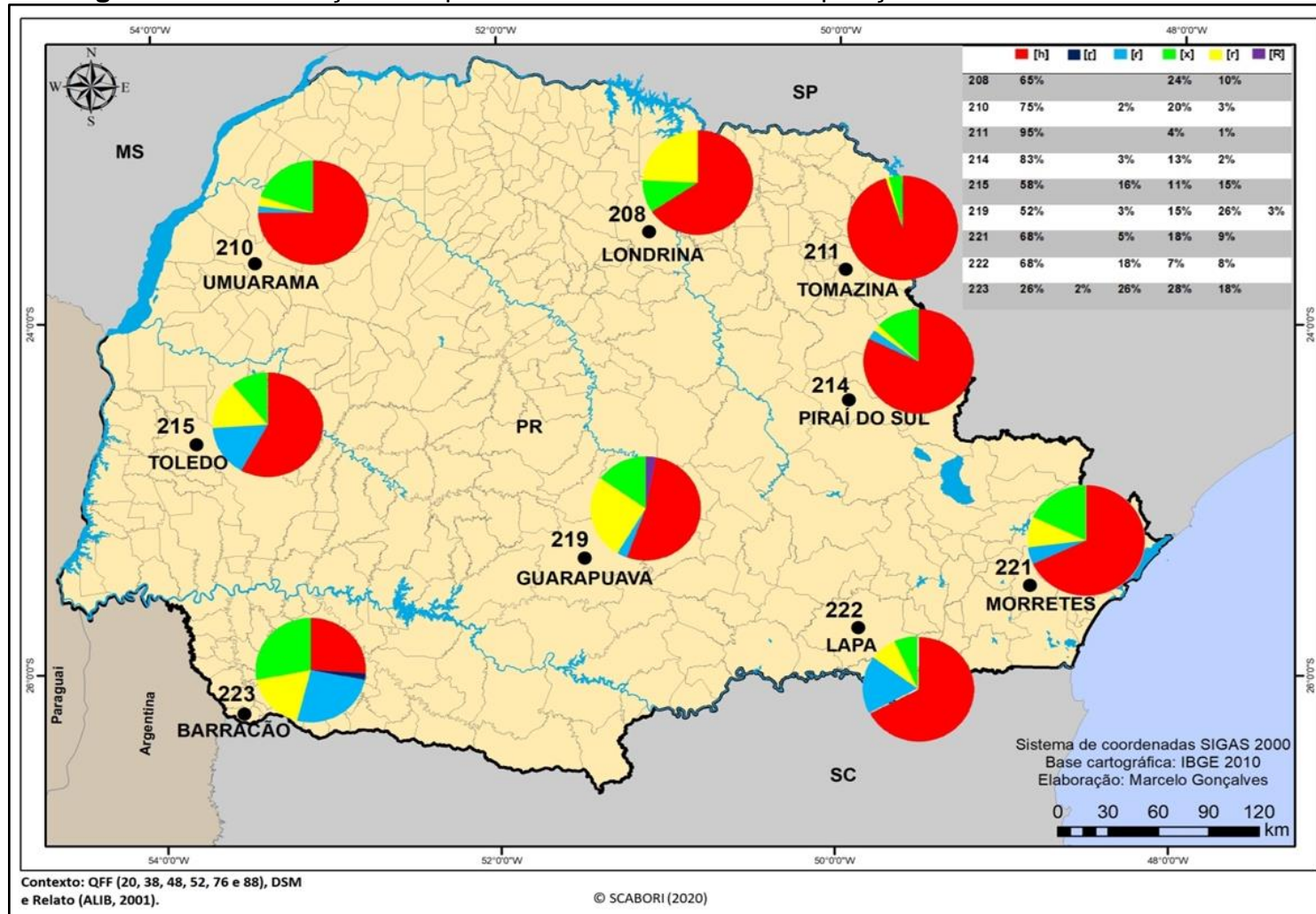
Gráfico 9 – Estilo de fala e a produtividade do /R/ no início de palavra

Fonte: Elaborado pela autora com dados do ALiB.

No Gráfico 9, no estilo mais monitorado e formal, verificamos que ocorre a produção das variantes róticas anteriores com mais vitalidade se comparado com o estilo menos monitorado, com redução de 4% para a variante vibrante múltipla. Esse dado comprova que o informante deixa de prestar atenção na própria fala quando relata um assunto marcante de sua vida, como comprovou Labov (2008 [1972]).

Para finalizar a análise referente à produtividade das variantes róticas de acordo com a posição em início de palavra, apresentamos uma carta diatópica experimental (Figura 20), elaborada a partir dos dados disponibilizados pelo Atlas Linguístico do Brasil para a presente dissertação. Enfatizamos que o contexto medial será analisado separadamente, como mencionado no decorrer da abertura do capítulo 6.

Figura 20 – Distribuição diatópica das variantes róticas em posição inicial no Estado do Paraná



Fonte: Organizado pela autora com dados do ALiB.

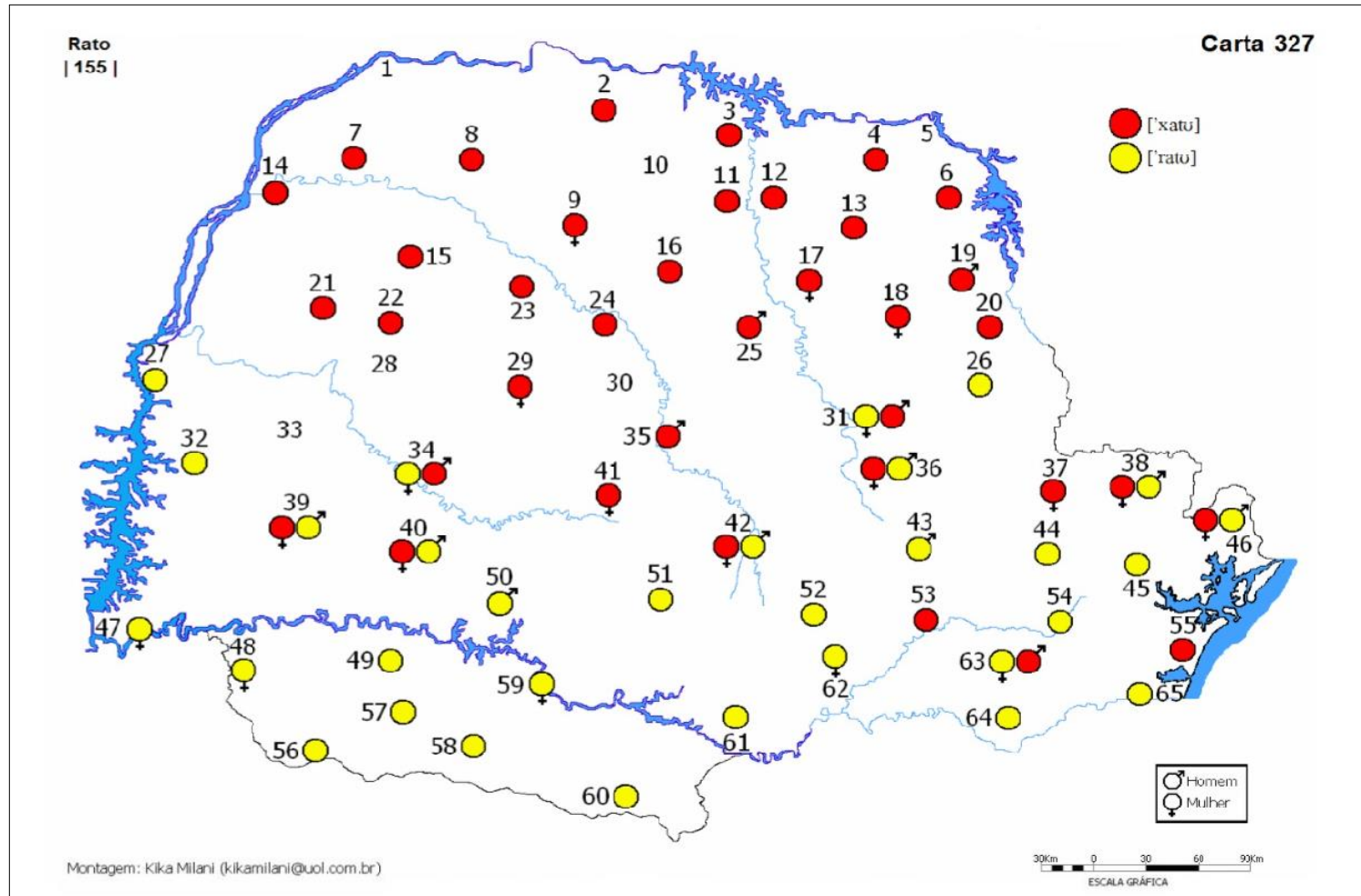
No mapa (Figura 20), é possível verificar onde existe maior predomínio das variantes posteriores, com índices mais elevados da variante fricativa glotal [h] nos seguintes pontos: Piraí do Sul, Tomazina, Umuarama, Londrina, Lapa e Morretes, e com o valor mais baixo em Barracão (26%).

Em Barracão, verificamos a ocorrência de um valor acentuado da vibrante múltipla (anterior), resultando em uma realização tímida da variante fricativa glotal (posterior). Diante dessa constatação quantitativa, podemos hipotetizar que o processo de colonização do Paraná e o contato com as línguas européias favoreceram a produção de algumas variantes róticas, visto que as missões jesuíticas avançaram pelos afluentes do rio Paraná e pelo Vale do Tibagi, os quais eram os pontos de parada para as “23 estações missionárias” (MAACK, 1857/1969, p. 36). Confrontando essa informação histórica com os dados apresentados no mapa (Figura 20) verificamos que onde ocorrem maiores realizações da variante fricativa glotal ocorreu pouca produção da vibrante múltipla.

Segundo Tarallo (1997, p. 05), coexistência da variante vibrante [r] e da fricativa glotal [h] “se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (chamadas variantes lingüísticas) se enfrentam em duelo de contemporização por sua subsistência e coexistência”. Assim, as variantes consideradas inovadoras costumam se confrontar no espaço social com a variante conservadora, resultando na ascensão de uma variante em detrimento de outra por meio de “disputa” (TARALLO, 1997, p.11).

Em suma, nossos dados indicam que as variantes inovadoras são as fricativas (glotal [h] e velar [x]) e, segundo Busse (2010) a variante tepe [r] é estigmatizada em ataque silábico inicial por remeter a fala do colono. Seguimos confrontando os resultados do ALiB quanto a produtividade do /R/ em posição de ataque silábico inicial com a carta fonética de nº 327 elaborada para o ALPR II (ALTINO, 2007), apresentada na Figura 21:

Figura 21 – Carta fonética para a lexia /RatO/ contemplada no ALPR II (ALTINO, 2007)



Fonte: Altino (2007, p. 612).

6.3. CONFRONTANDO OS DADOS EM ATAQUE INICIAL

A segunda versão do ALPR (ALTINO, 2007) contempla a produtividade das variantes róticas (fricativa velar e vibrante múltipla) para a lexia (/RatO/), que também consta no questionário do ALiB, analisado nesta dissertação.

Verificamos que a variante inovadora (fricativa velar [x]) aparece por toda faixa do Norte paranaense e em alguns pontos da Região Sul, como no ponto 63 (Lapa). Dessa forma, notamos ainda que a variante anterior (vibrante alveolar) se mostra categórica nos pontos 51 (Guarapuava) e 56 (Barracão).

Esse resultado em uma primeira análise parece semelhante aos resultados encontrados por nós a partir das amostras do ALiB, contudo, constatamos que nos dados do Projeto já existia maior predomínio da variante fricativa glotal [h], seguida da variante fricativa velar [x] e depois dos róticos anteriores. Assim, nas localidades de Guarapuava, Barracão, entre outras da Região Sul, o /R/ anterior, que antes (na década de 80)³² apresentava recorrência da variante [r], passa a apresentar maior produtividade das variantes posteriores.

Referente ao fator sexo, Altino (2007) apresenta as porcentagens para o total de 105 ocorrências das variantes róticas nos 65 pontos. A Tabela 5 exhibe a porcentagem encontrada pela pesquisadora, para a produção das variantes róticas no falar dos homens e das mulheres a partir dos dados inéditos de Aguilera (1994), como especificado a seguir:

Tabela 5 – Resultado da carta fonética nº 327 do ALPR II

/Rato/	Homem	Mulher
[ˈxatu]	25 (23,81%)	31 (29,52%)
[ˈratu]	25 (23,81%)	24 (22,86%)

Fonte: Adaptado de Altino (2007, p. 613).

De acordo com a Tabela 5, apesar de o resultado ser muito próximo (25 e 31 ocorrências, respectivamente, para homens e mulheres) as mulheres mostram-se inovadoras quanto à realização das variantes róticas, pois produzem 5,71% a mais da variante velar [x] se comparado aos homens. Esse resultado encontra eco tanto em Labov (2008 [1972]) quanto nos dados da presente dissertação, que apontam a opção do sexo feminino pela forma inovadora (/R/ posterior), o qual não deveria ser

³²Fase da coleta dos dados realizada por Aguilera para a confecção das cartas do ALPR (1994).

estigmatizado em outras regiões centrais do país no final do século XX e início do século XXI.

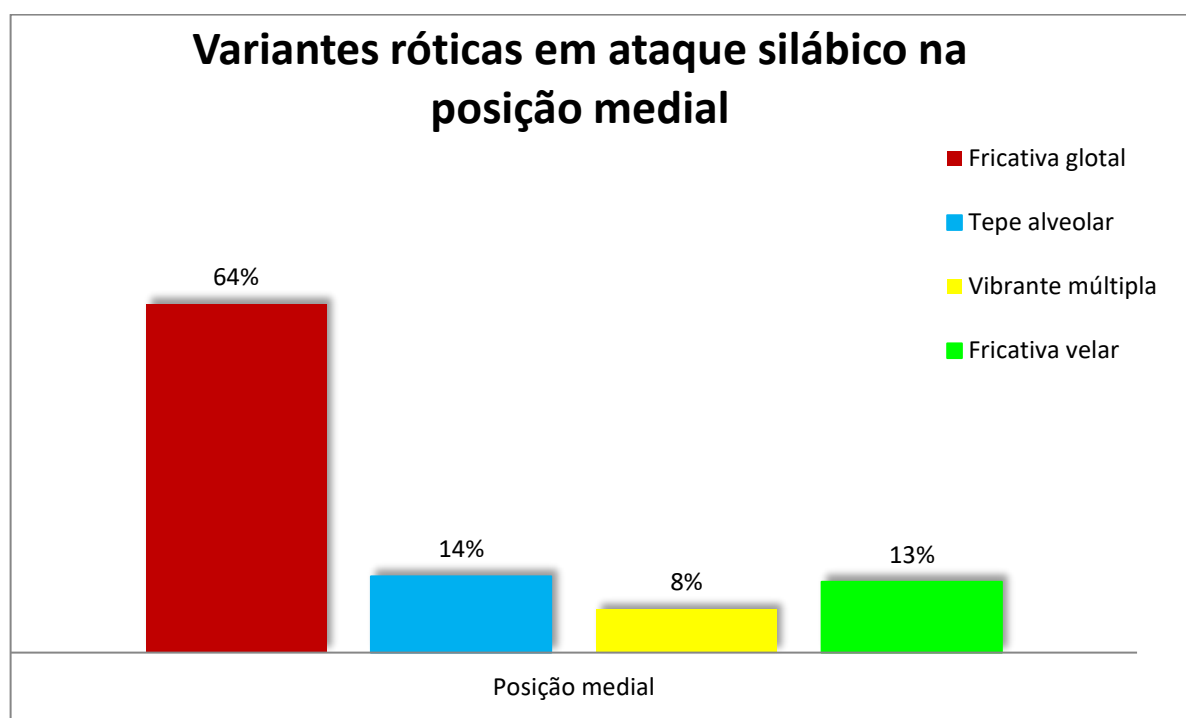
Seguimos, agora, para análise dos resultados obtidos para as variantes róticas na posição interna da palavra, considerando também os fatores linguísticos e extralinguísticos.

6.4. ANÁLISES DOS DADOS – ATAQUE SILÁBICO EM POSIÇÃO MEDIAL

Para a investigação do /R/ em ataque no meio de palavra, por exemplo, nas lexias [te'xenu], [makaho'nade], [kohe'rie], entre outras, primeiramente, analisamos as variáveis independentes (fator linguístico). Em seguida, passamos para análise quanto à produtividade das variantes róticas de acordo com a variável faixa etária, sexo, localidade e estilo de produção de fala.

No Gráfico 10, verificamos os resultados para as variantes róticas anteriores e posteriores como segue:

Gráfico 10 – Variantes róticas em ataque silábico no meio de palavra



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com o cômputo contemplado no Gráfico 10, identificamos resultado semelhante quanto à produtividade das variantes róticas. A fricativa glotal [h] se manteve como a mais elevada, com 64% de 400 ocorrências, seguida da variante

tepe que foi a segunda variante mais produtiva, apresentando 14% de 87 casos. A variante fricativa velar apresentou 13% de 52 realizações, a variante vibrante múltipla, 8% de 52 produções, a variante vibrante uvular não obteve realização significativa (com apenas um caso) e a variante retroflexa não ocorreu no ataque medial.

Esse resultado indica para produção do /R/ tanto no início quanto em posição medial que não ocorreu diferença significativamente na produtividade das variantes posteriores (fricativa glotal e velar), pois estas se mantiveram com porcentagens semelhantes aos dos resultados obtidos para a posição inicial.

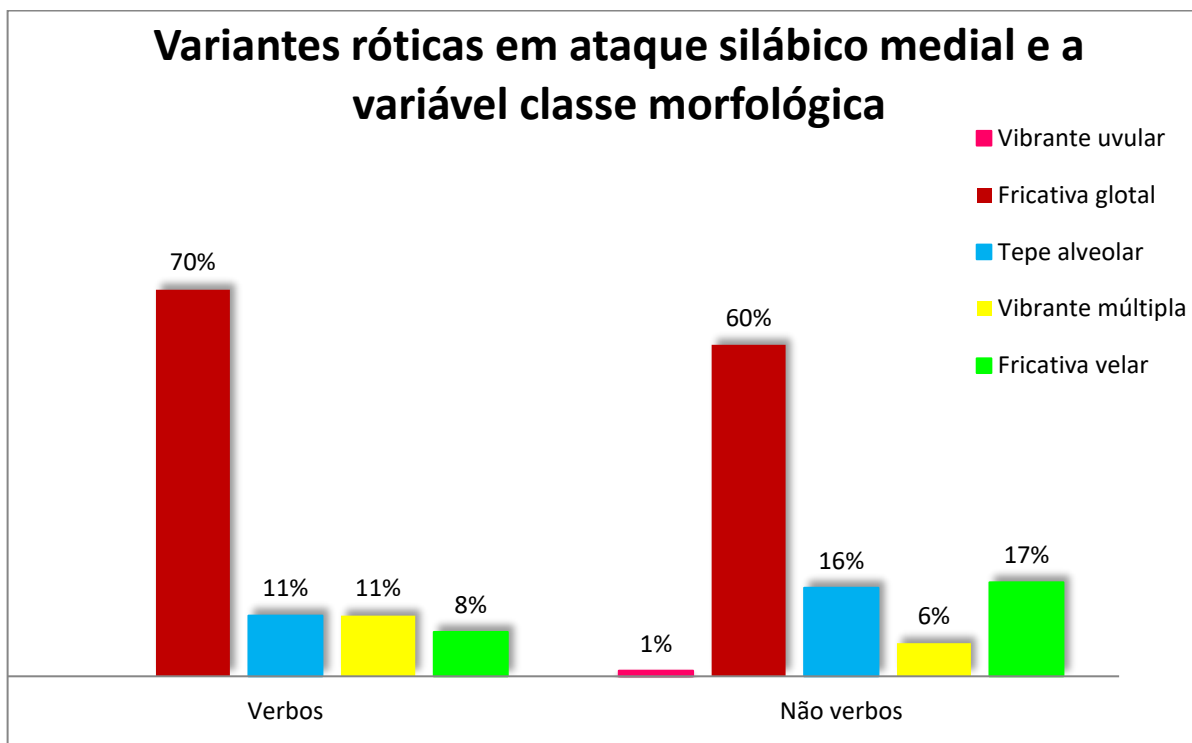
Ainda segundo o Gráfico 10, identificamos também que a variante vibrante múltipla [r] mostrou-se com uma tímida produtividade e com realização inferior ao da variante tepe e da fricativa velar na posição medial. Esse resultado encontra eco na afirmação de Margotti (2004, p. 58-59), porque segundo o autor: “na fala do Sul do Brasil, em ataque de sílaba, manifesta-se o uso decrescente da vibrante alveolar e crescimento da fricativa velar”.

Como dito anteriormente sobre a variante tepe alveolar, Busse (2010) também argumenta que a respectiva variante rótica é estigmatizada na posição de ataque por remeter ao falar do colono sulista. Porém, o que verificamos com a distribuição em frequência relativa para a posição medial é a alta realização do tepe (0.14) e baixa produção da vibrante múltipla (0.08).

Nossa hipótese para esse resultado é que o /R/ pronunciado com uma rápida batida da língua no ponto alveolar (som da variante tepe alveolar) parece não ser tão estigmatizado em posição interna da palavra, como seria caso fosse realizado com a mesma sonoridade na posição inicial de palavra. Por esse motivo a ocorrência da variante tepe pode ter superado a produtividade da vibrante múltipla, além da possibilidade do enfraquecimento da rótico anterior (/R/ forte), bem como já foi identificado e discutido por Câmara Jr. (1977).

Caminhamos, agora, para análise do Gráfico 11, que exhibe os resultados das variantes róticas de acordo com a classe morfológica (verbos e não verbos):

Gráfico 11 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a classe morfológica



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

No Gráfico de número 11, verificamos que a classe de verbos favoreceu a produtividade da variante glotal na posição interna da palavra, apresentando ocorrência de 70% de 184 casos para verbos e 60% de 216 realizações para não verbos. A variante fricativa velar teve ocorrência de apenas 8% de 29 casos na classe de verbos e uma alta produtividade nas lexias que não são verbos (17% de 23 produções). Em seguida, a variante tepe apresentou 11% de 29 ocorrências para verbos e 16% de 58 casos para não verbos. A variante vibrante múltipla teve ocorrência de 11% de 29 realizações na primeira coluna e apenas 6% de 23 ocorrências na segunda coluna (nomes). As demais variantes como: a vibrante uvular apresentou resultado de 1% na classe de não verbos e a variante retroflexa não teve realização em nenhuma das classes morfológicas na posição interna de palavra.

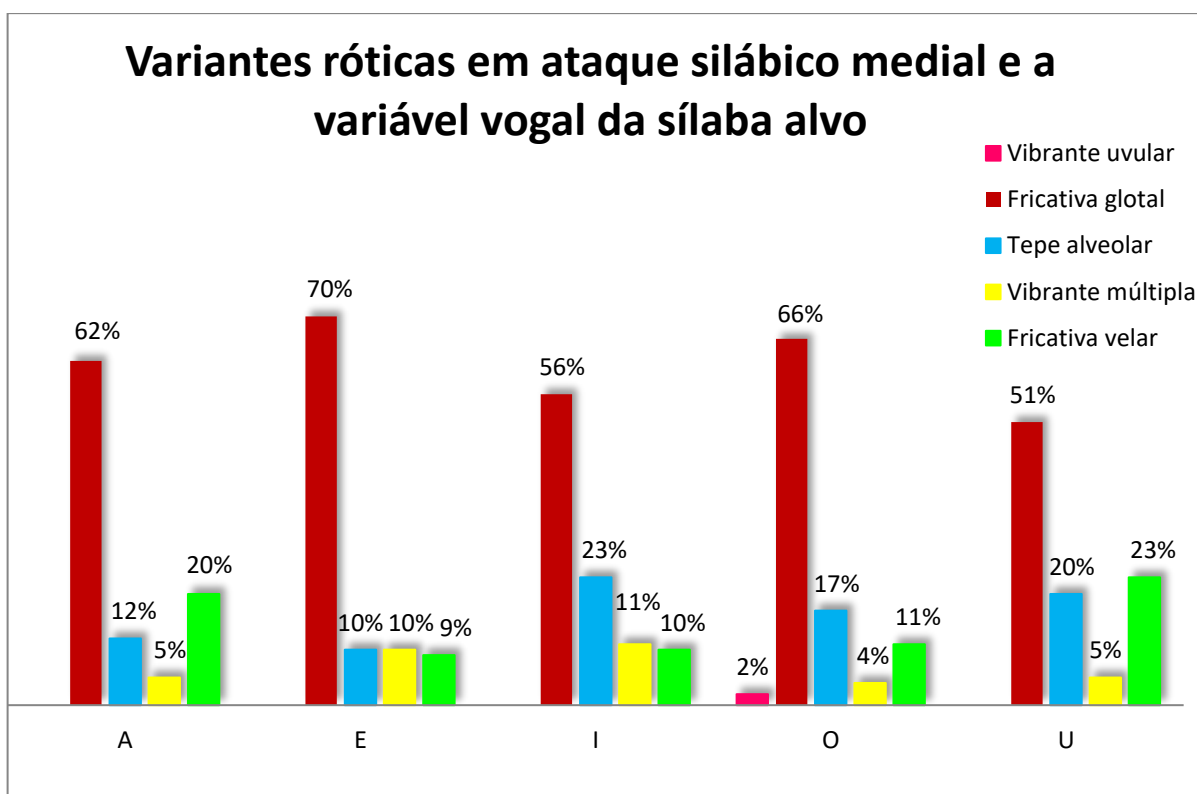
Os resultados, exibidos no Gráfico 11, indicam para os nossos dados que as variantes róticas anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar) se mantiveram semelhantes na classe de verbos e variaram nas lexias de não verbos. Assim, no segundo segmento, existe o aumento da variante tepe que se aproxima da fricativa

velar (17%), o que confirma a variação significativa na classe de não verbos para a posição medial.

Nossa hipótese para a elevada produtividade da variante tepe na classe morfológica de nomes (não verbos) e para a queda de 10% na porcentagem da variante fricativa glotal está na cojugação verbal. Isto é, os verbos necessitam ser flexionados de acordo com a exigência do sujeito da oração, o que pode resultar em uma atenção maior por parte do falante, que seleciona, 'inconscientemente' em posição medial, a variante rótica menos articulada, mesmo diante da relação quanto ao som da vibrante múltipla marcada pela representação dos dois erres //r//.

Com intuito de verificar os demais fatores linguísticos atuantes na variação do /R/, passamos, agora, para a investigação acerca da vogal da sílaba alvo no predomínio de uma ou de outra variante rótica:

Gráfico 12 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a vogal da sílaba alvo



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

Segundo os resultados expostos no Gráfico 12, constatamos que a vogal baixa central não arredondada [a] apresentou 62% de 61 ocorrências para a variante fricativa glotal, 20% de cinco casos para a variante fricativa velar, seguida de 12% de

12 realizações para a variante tepe alveolar, 5% de cinco casos para a vibrante múltipla, e apenas 1% de uma única ocorrência para a variante vibrante uvular.

A vogal média alta anterior não arredondada [e] apresentou 70% de 222 ocorrências para a variante fricativa glotal, 10% de 33 realizações para as variantes anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar), e 9% de 27 casos para a variante fricativa velar.

Na produção da vogal alta anterior não arredondada [i], verificamos a ocorrência de 56% de 34 produções para a variante fricativa glotal, seguida de 23% de 14 casos para a variante tepe alveolar, em seguida, 11% de 7 realizações para a variante vibrante múltipla, e 10% de 6 produções para a variante fricativa velar.

A vogal média alta posterior arredondada [o] apresentou ocorrência de 66% de 35 casos para a variante fricativa glotal na posição medial, 17% de 9 realizações para a variante tepe alveolar, seguida de 11% de 6 produções para a variante fricativa velar, 4% de 2 casos para a vibrante múltipla, e 2% de uma ocorrência para a variante vibrante uvular.

A vogal alta posterior arredondada [u] apresentou 51% de 48 casos para a variante fricativa glotal, 23% de 22 produções para a variante fricativa velar, 20% de 19 ocorrências para a variante tepe alveolar, e apenas 5% de 5 realizações para a vibrante múltipla.

Ainda de acordo com os resultados do Gráfico 12, constatamos que a vogal alta [i] favoreceu a produção das variantes anteriores, isto é, tanto para o tepe alveolar quanto para a vibrante múltipla, demonstrando aumento considerável na porcentagem das respectivas variantes. Esse resultado indica que a altura da língua interfere no predomínio das variantes róticas, uma vez que a vogal alta [u] também manteve alta ocorrência para a variante tepe alveolar.

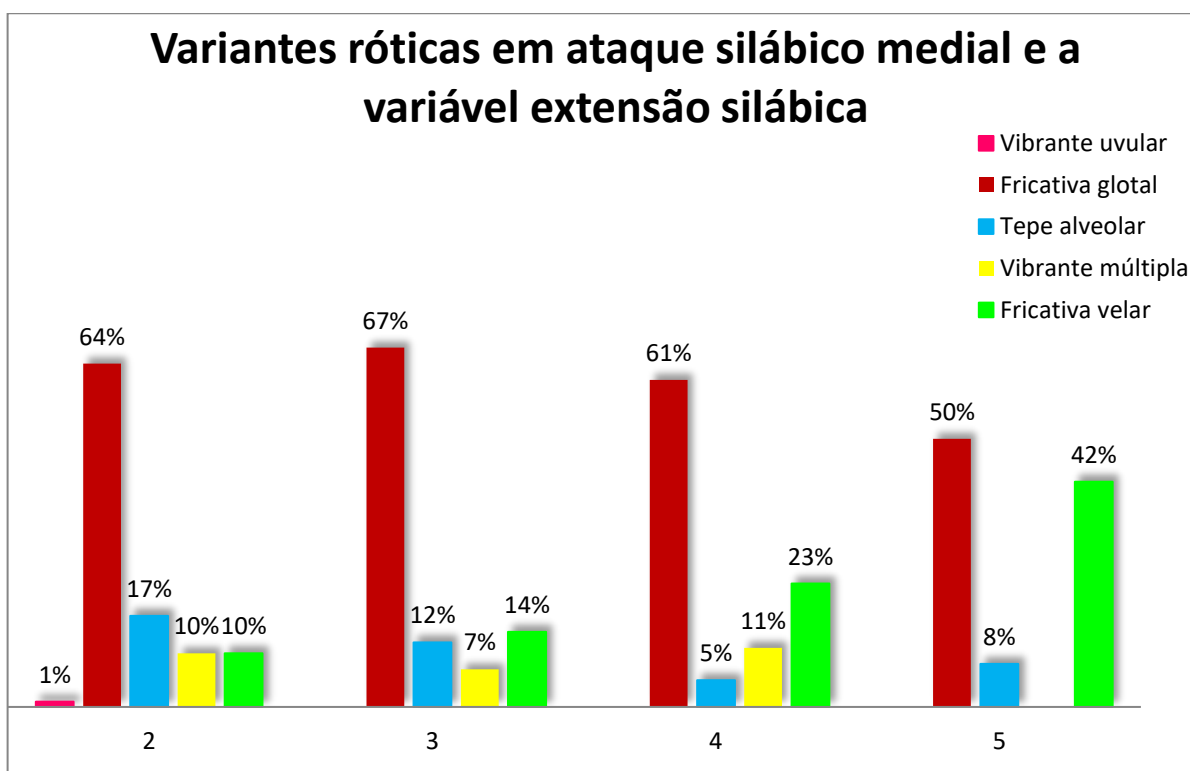
Verificamos que as vogais médias altas [e] e [o] agiram no favorecimento da variante fricativa glotal, exibindo resultado superior aos 65%. As vogais [a] e [u] apresentaram as maiores porcentagens para a variante fricativa glotal [h], com média acima dos 18%, e sendo o /e/ a vogal que manteve resultados semelhantes para o tepe e para a vibrante múltipla.

Confrontando mais uma vez o resultado referente à produtividade das variantes róticas relacionada à variável vogal da sílaba alvo com a afirmação de Miranda (1996), comprovamos que mesmo para a posição interna da palavra a vogal não arredondada é a responsável por favorecer as variantes anteriores.

Nossa hipótese é justificada pela altura da língua, que pode interferir e/ou atuar na harmonia vocálica, resultando na articulação da batidada do ápice da língua na região dos alvéolos, quando este se encontra próximo do respectivo ponto e com a língua na posição mais elevada.

A seguir, o Gráfico 13 apresenta a produtividade das variantes róticas de acordo com a variável linguística extensão silábica, isto é, para as lexias dissílabas ([ˈxasɡu]), trissílabas ([xoˈtʃinɐ]), polissílabas com quatro ou mais de cinco sílabas ([respõˈdêdʊ] e [xespõsabiliˈdadʒɪ]):

Gráfico 13 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a extensão silábica



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

No Gráfico 13, constatamos que as palavras com duas sílabas apresentaram ocorrência 64% de 207 casos para a variante fricativa glotal, 17% de 54 realizações da variante tepe alveolar, 10% de 31 ocorrências da variante múltipla e fricativa velar, e apenas 1% de dois casos da variante vibrante uvular.

Nas lexias com três sílabas, verificamos 67% de 160 casos da variante fricativa glotal, 14% de 34 realizações da variante fricativa velar, seguida de 12% de 30 produções da variante tepe alveolar, e apenas 7% de 16 ocorrências da variante vibrante múltipla.

Para as palavras polissílabas com quatro sílabas, identificamos 61% de 27 casos da variante fricativa glotal, 23% de 10 ocorrências da variante fricativa velar, seguida de 11% de 5 realizações da vibrante múltipla, e 5% de apenas dois casos da variante tepe.

Referente às palavras polissílabas com cinco sílabas ou mais, comprovamos a ocorrência de 50% de 6 produções da variante fricativa glotal, seguida de 42% de 5 casos da variante fricativa velar, e 8% apenas de uma única realização para a variante tepe alevolar.

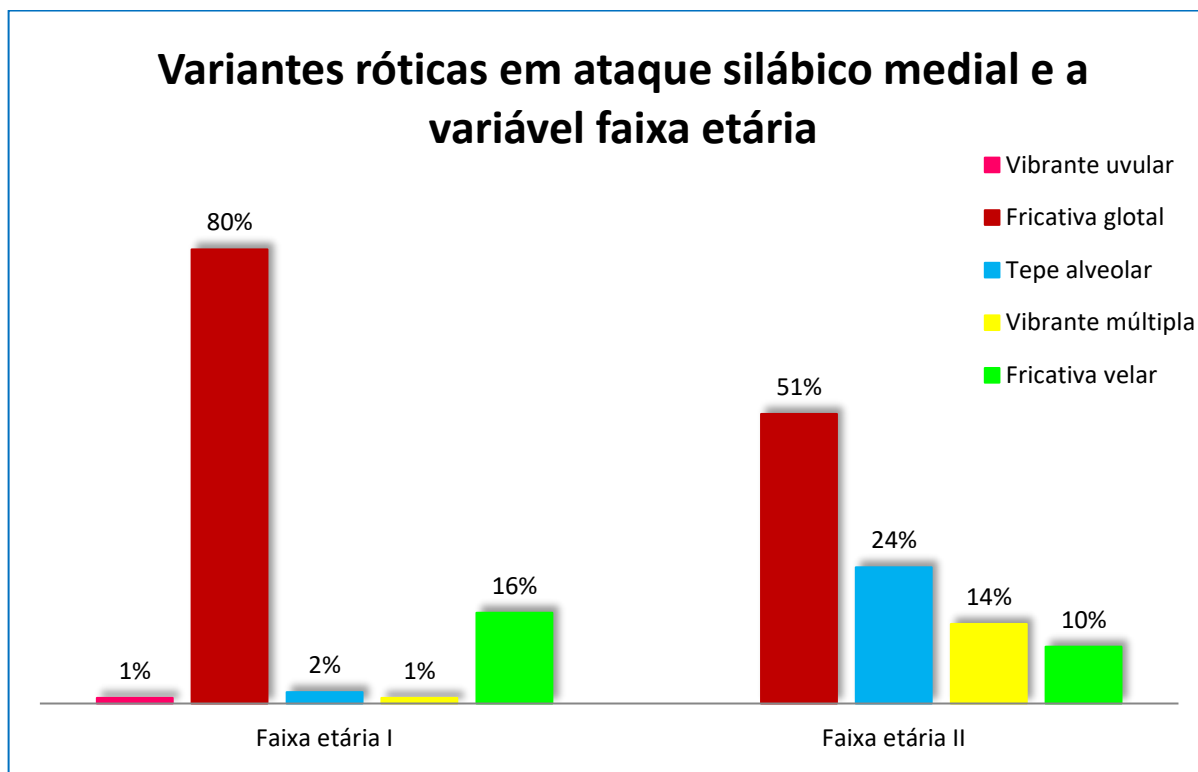
Nas palavras polissílabas não foram registradas ocorrências da variante vibrante múltipla, portanto, nossa hipótese é que a sílaba mais extensa possa desfavorecer a articulação da [r], devido à lei do menor esforço. Nesse caso, o falante consegue transmitir sua mensagem e utilizar a língua materna falada sem que seja necessário a articulação elaborada do arquifonema /R/, como muitas vezes requer a articulação da vibrante múltipla.

Esse resultado apresentado no Gráfico 13 também indica que a variável extensão silábica pode interferir e/ou atuar no predomínio das variantes róticas posteriores, uma vez que as lexias polissílabas favoreceram a produção da variante fricativa velar e mantiveram alta porcentagem para a fricativa glotal, com resultado superior a 49%. Ressaltamos que a variável extensão silábica não foi estratificada nas investigações de Costa (2003), Ribas (2003), Vegini (2007), Carlos (2015), entre outros pesquisadores, apresentando-se como uns dos fatores menos relevantes para motivar a variação do /R/ no ataque.

Nos gráficos seguintes, analisamos a interferência dos fatores extralinguísticos (variáveis independentes) para comprovar e/ou refutar se a faixa etária, o sexo, a localidade e o estilo de produção de fala atuam nas variantes róticas típicas do falar paranaense.

O Gráfico 14 expõe o cômputo para o /R/ na posição interna da palavra a partir da estratificação pela variável faixa etária, que compreende a primeira categoria etária para os informantes de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos:

Gráfico 14 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com o Gráfico 14, o primeiro conjunto de gráficos (faixa I) apresentou os seguintes resultados: 80% de 227 ocorrências da variante fricativa glotal, depois 16% de 45 casos da variante fricativa velar, apenas 2% de 6 produções da variante tepe alveolar, e 1% de realização para os róticos vibrantes (múltipla alveolar e uvular).

No segundo conjunto (faixa II), verificamos ocorrência de 51% de 173 casos para a variante fricativa glotal, em seguida 24% de 81 produções para a variante tepe alveolar, 14% de 48 ocorrências para a variante vibrante múltipla, 10% de 35 casos para a fricativa velar, e menos de 1% para a variante retroflexa de 1 ocorrência.

Os resultados descritos acima apontam que a segunda faixa etária é a responsável pela alta produtividade dos róticos produzidos no ponto de articulação anterior, como a vibrante múltipla e o tepe alveolar. Esse dado já foi confirmado durante a análise do /R/ na posição inicial e mostrou-se ainda mais evidente e relevante na posição medial, possivelmente porque essa variante pode ser uma marca de identidade linguística, bem como destaca Busse (2010, p. 50): “[...] a idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em

dieferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem”. Esse resultado vai ao encontro da afirmação de Coseriu (1953), que destaca a importância de estratificar o fator idade, devido à possibilidade de constatar uma mudança ao longo do tempo, isto é, diacrônica. Porque, para o autor, a faixa etária auxilia na investigação de fenômenos linguísticos que podem ser explicados pelo fator temporal.

Pautado nos princípios da Sociolinguística, Labov (1966) identifica que, para a mudança em progresso, a variação linguística comumente é observada na fala dos mais jovens e por meio da comparação entre o falar das faixas etárias. Nossos dados indicam os mesmos apontamentos feito por Labov (1996), uma vez que a primeira faixa etária apresenta porcentagens mínimas para as variantes anteriores [r] e [r], com diferença de 22% da variante tepe e 13% da vibrante múltipla, quando comparado com a segunda faixa etária.

Justina (2018, p.138) encontrou na fala de 42 informantes distribuídos por três faixas etárias (18 a 39 anos, 50 a 60 anos e acima de 60 anos) as seguintes variantes róticas: vibrante alveolar [r], fricativa velar [x], tepe alveolar [r] (denominada de vibrante simples) e vibrante espirantizadas (articulação da vibrante múltipla passando para um som fricativizado da variante velar). A referida pesquisadora comprovou, por meio de seus dados, que os falantes da primeira faixa etária (18 a 39 anos), categoricamente pronunciam o arquifonema /R/ como fricativa velar, já os falantes de origem da Região Sul do país com idade de 50 a 60 anos ou mais tendem a utilizar a vibrante múltipla, ou a variante tepe alveolar. Desse modo, nas palavras da autora,

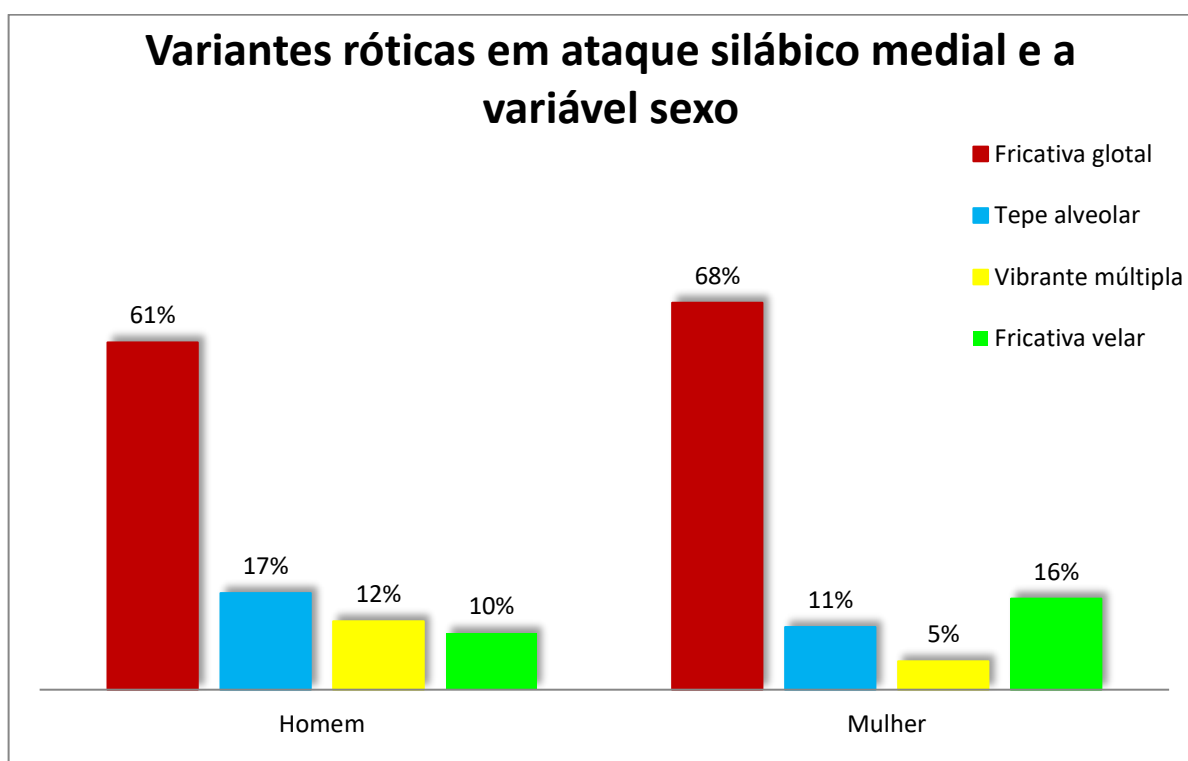
Percebe-se que a presença de [x] se dá de modo exclusivo na fala dos com idade menor confirmando aquilo que outras pesquisas apontam: as outras variantes estão sendo substituídas por esta e é nas gerações mais novas que se apresenta mais marcadamente (JUSTINA, 2018, p. 145).

Ainda de acordo com Justina (2018, p 145), outras variantes róticas tendem a ser substituídas pela variante fricativa velar, isto é, “[...] de maneira gradativa, as gerações estão caminhando para exclusão de outras variantes”, principalmente se tratando da vibrante múltipla e do tepe alveolar. Ao confrontarmos os resultados obtidos pela autora com nossos dados exibidos no Gráfico 14, constatamos que as variantes anteriores ([r] e [r]) foram superadas no falar da primeira faixa etária pela variante fricativa glotal, e não propriamente pela fricativa velar.

Nossa hipótese para esse resultado é que estamos diante de uma possível mudança em progresso, pois as variantes inovadoras (fricativas) tornaram-se variantes prestigiadas, sendo estas mantidas no falar das novas gerações, que passaram a deixar uma articulação rótica mais complexa, como a vibrante múltipla (/r/ forte) para uma pronúncia menos articulada ([x] e [h]).

Passamos, agora, para análise do predomínio das variantes róticas de acordo com o fator biológico (homem e mulher), com intuito de constatarmos o favorecimento desse contexto extralinguístico na realização do /R/. O Gráfico 15 apresenta a distribuição das variantes anteriores e posteriores em duas categorias:

Gráfico 15 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com o sexo



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

No primeiro conjunto de colunas que representa a fala do sexo masculino, verificamos ocorrência de 61% de 198 casos da variante fricativa glotal, seguida de 17% de 54 realizações da variante tepe alveolar, 12% de 38 produções da vibrante múltipla, e por último apenas 10% de 34 casos da variante fricativa velar.

No falar das mulheres, identificamos aumento de 7% da variante [h], isto é, 68% de 202 realizações da variante fricativa glotal, seguida, 16% de 46 casos da variante fricativa velar, e queda de 6% da variante [r], resultando em 11% de 33

pronúncias da variante tepe alveolar, e 5% de 14 produções da variante vibrante múltipla, esta última com queda de 13%.

Com base nestes resultados, constatamos que tanto o tepe [r] quanto a vibrante múltipla [r] foram favorecidos no falar dos homens estratificados na faixa etária II, pois verificamos ser a segunda faixa etária a responsável pela elevada produção das variantes articuladas no ponto anterior.

No que se refere ao percentual exibido para as mulheres, foi identificado que a produtividade das variantes posteriores se manteve superiores aos resultados exibidos para o tepe alveolar e para a vibrante múltipla, apontando para resultado semelhante ao de /R/ em ataque inicial.

Esse resultado encontra respaldo em Labov (2008 [1972]), como mencionamos anteriormente para os dados referentes ao /R/ em posição de sílaba inicial, devido ao fato de as mulheres parecerem mais preocupadas do que os homens em relação ao prestígio da língua falada.

Busse (2010, p.112) também dialoga com a afirmação de Labov (2008 [1972]), propondo que “[...] as mulheres são mais conscientes do status social das formas lingüísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais”. Essa afirmação da autora confirma que a significância atribuída pelo sexo feminino às variáveis linguísticas encontra-se condicionada ao interior das relações sociais.

A hipótese para os resultados exibidos nesse gráfico baseia-se no fato da mulher, principalmente da primeira faixa etária, ocupar um papel inferior na sociedade, uma vez que de acordo com os dados do IBGE (2010), a média de desocupados do sexo feminino superava a taxa dos homens no ano de 2001. Esse cenário possivelmente retratou a desigualdade de gênero da época, motivando as mulheres assumirem formas mais prestigiadas na fala.

Agora, ao confrontarmos os resultados encontrados por Justina (2018) com os dados obtidos e apresentados no Gráfico 15, verificamos resultados semelhantes aos nossos para a realização das variantes róticas produzidas tanto no falar dos homens quanto das mulheres. Na fala delas, a pesquisadora registrou produção superior da fricativa verlar, isto é, variante posterior com 293 casos, seguida da variante tepe (164 casos), e por último, da vibrante múltipla (80 casos). No falar dos informantes do sexo masculino, a autora registrou mais casos para as variantes

anteriores ([r] com 213 ocorrências e [r] 291 produções) do que foi encontrado para a variante fricativa velar [x] “71 casos” (JUSTINA, 2018, p. 145).

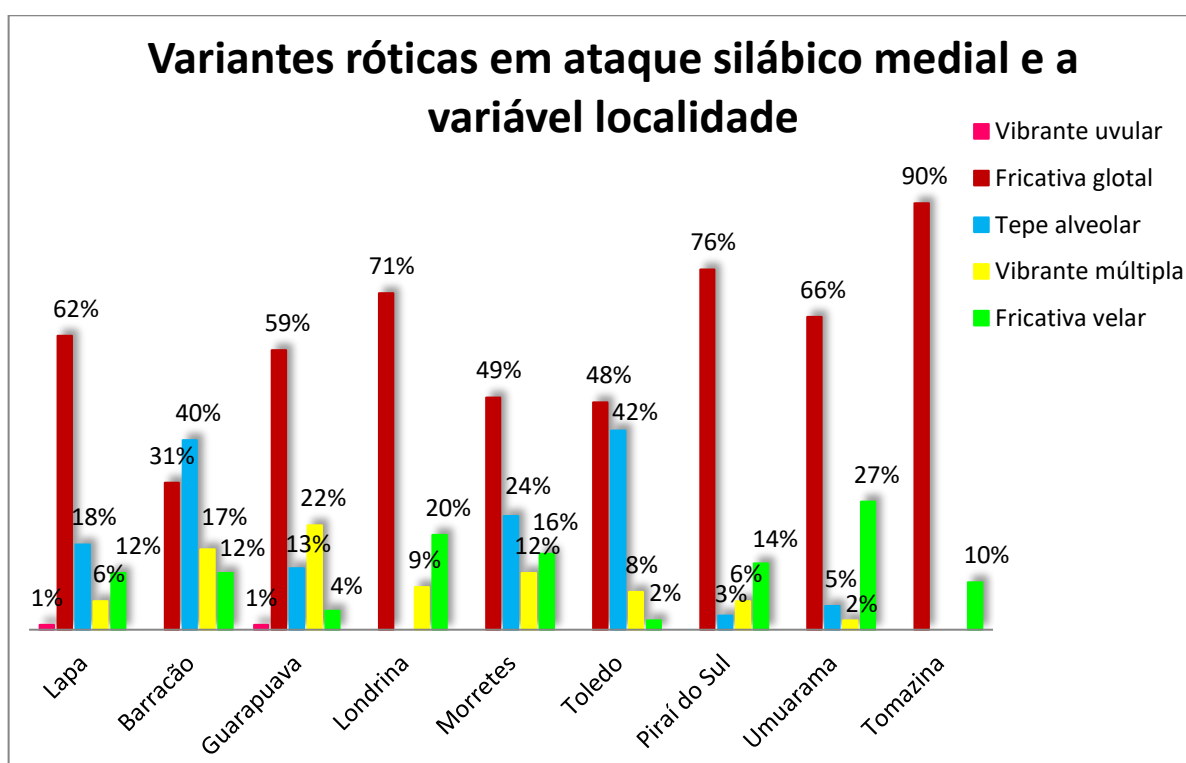
Segundo a pesquisadora, o resultado exibido em seus dados para a variante tepe alveolar indicou que o respectivo rótico é uma variante não padrão, assim, nas palavras da autora:

o uso menos recorrente do tepe em lugar do *r* forte, adotado pelas mulheres sujeitos deste estudo, atesta aquilo que outras pesquisas realizadas no Brasil já expuseram, e aponta-se como a provável causa para isso ser uma variante que não condiz com o falar padrão (JUSTINA, 2018, p. 145).

Referente à produtividade da variante vibrante múltipla no falar do sexo feminino, Justina (2018) verifica que mesmo de modo mais esporádico na fala de algumas mulheres, a variante [r] é favorecida pela faixa etária, descendência e motivada pelo contato linguístico, isto é, “idade (80 anos) e descendência (anglo-sueca) [...] algum resquício também de contatos a que foram/estão submetidas” (JUSTINA, 2018, p. 145).

A seguir, caminhamos para análise referente ao arquifonema /R/ em ataque na posição medial de palavra, especificamente em cada uma das nove localidades selecionadas na presente dissertação:

Gráfico 16 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com a localidade



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com os resultados apresentados, no Gráfico 16, constatamos resultados semelhantes aos verificados na posição inicial, com exceção de Barracão, onde há o predomínio da variante tepe, diferindo das demais localidades que apresentam a fricativa glotal como a variante preponderante.

Seguindo a sequência contemplada no Gráfico 16, no município de Lapa, verificamos realização de 62% da variante fricativa glotal, seguida de 18% da variante tepe alveolar, 12% da variante fricativa velar, 6% da variante vibrante múltipla, e apenas 1% da variante vibrante uvular. Em Barracão, a variante tepe alveolar apresentou 40% de produtividade, seguida da variante fricativa glotal 31%, depois da variante vibrante múltipla 17%, e a variante fricativa velar 12%. Em Guarapuava, a variante fricativa glotal ocorreu com 59%, a variante vibrante múltipla 22%, a variante tepe alveolar 13%, a variante fricativa velar 4%, e a variante vibrante uvular com apenas 1%. Em Londrina, a variante fricativa glotal teve ocorrência de 71%, seguida da variante fricativa velar 20%, e porcentagem de 9% para a variante vibrante múltipla. Em Morretes, a variante fricativa glotal apresentou produção de 49%, a variante tepe alveolar 24%, a variante fricativa velar 16%, e variante vibrante múltipla 12%. Em Toledo, a variante fricativa glotal ocorreu com 48%, a variante tepe alveolar 42%, a variante vibrante múltipla 8%, e a variante fricativa velar com apenas 2%. Em Piraí do Sul, a variante fricativa glotal apresentou produtividade de 76%, a variante fricativa velar 14%, a variante vibrante múltipla 6%, e a variante tepe alveolar apenas 3%. Em Umuarama, para a variante fricativa glotal foi registrado porcentagem de 66%, seguido da variante fricativa velar com 27%, depois a variante tepe alveolar 5%, e a variante vibrante múltipla, com apenas 2% de realização. Por último, a localidade de Tomazina apresentou ocorrência de 90% para a variante fricativa glotal e 10% para a variante fricativa velar, sem produção para as demais variantes róticas.

Com base nos resultados descritos no parágrafo anterior, identificamos: aumento de 5% da variante fricativa velar na região da Lapa; ocorrência de 14% a mais para a variante tepe e queda de 16% para a variante fricativa velar em Barracão; produção de 10% da variante [r] a mais que no início de palavra para a localidade de Guarapuava; aumento de 4% da variante [x] e 6% da variante [h] em Londrina; queda na produtividade da variante fricativa glotal [h] e aumento de 19% para a variante [r] em Morretes; ocorrência da maior produtividade para a variante [r] na localidade de Toledo, sendo o aumento da variante tepe alveolar de 26% nessa região; queda de 4% para a variante vibrante múltipla em Piraí do Sul; queda de 9% da variante fricativa

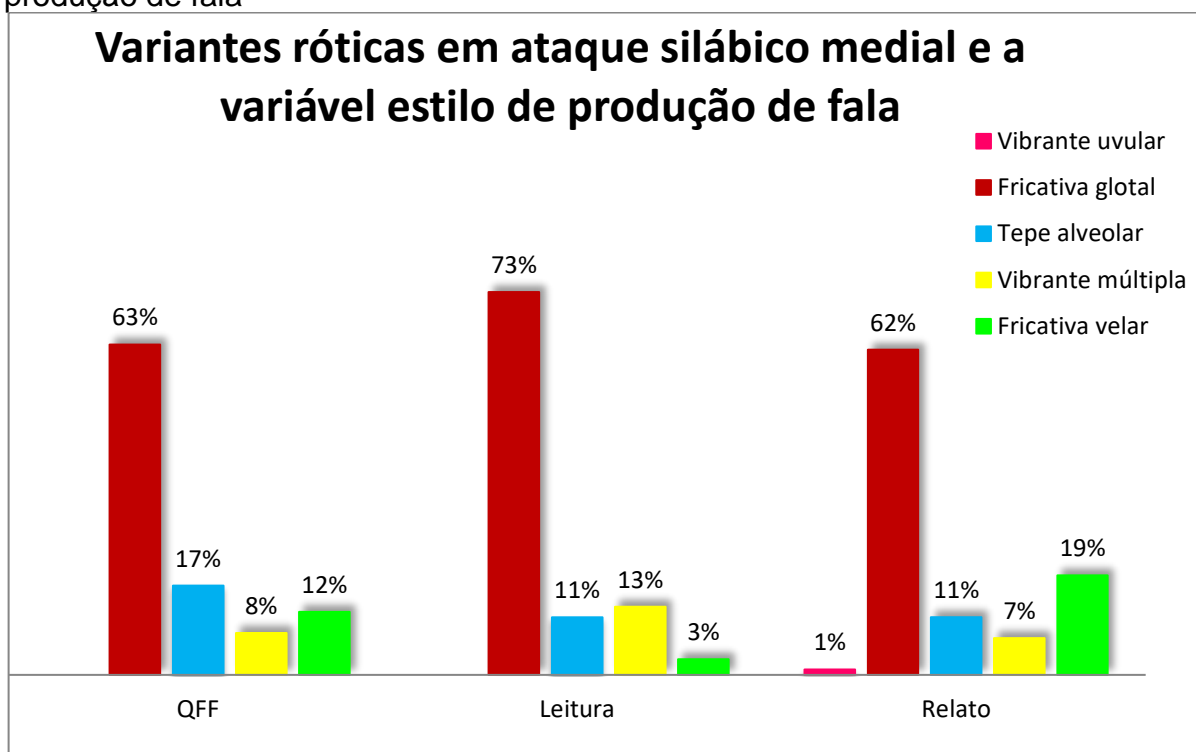
[h], 4% da variante tepe [r] e aumento de 7% da variante fricativa [x] em Umuarama (Região Noroeste do PR); e resultado semelhante ao da posição inicial em Tomazina (Norte Pioneiro paranaense), sendo demonstrado nessa região apenas ocorrência das variantes róticas fricativas [h] e [x].

Apesar de Tomazina ser a única localidade a exibir resultados semelhantes aos registrados para a posição inicial, comprovamos com base em nossos dados e na afirmação de Justina (2018) que a posição do arquifonema /R/ na sílaba apresenta porcentagens diferentes entre o contexto medial e inicial. Assim, acreditamos que a distinção entre os contextos analisados aponta a posição do /R/ na palavra como um dos fatores relevantes na investigação sobre o que leva o /R/ em ataque variar, principalmente quando cruzado com o contexto extralinguístico (localidades).

As hipóteses para os resultados apresentados referentes às respectivas localidades são, em princípio, a elevada ocorrência da variante tepe na região de Lapa, Barracão, Guarapuava, Morretes e Toledo, possivelmente justificada pela região onde se encontram esses municípios, isto é, na área denominada por Paraná Antigo em que a colonização sulista teve grandes influências de descendentes alemães, ucranianos, italianos, entre outros. A segunda hipótese refere-se ao fato da variante tepe alveolar não parecer estigmatizada quando produzida no interior da palavra, o que justificaria a ocorrência superior a da variante glotal [h] em Barracão. Por último, a terceira hipótese refere-se à fácil articulação da variante tepe [r] se comparada com a vibrante múltipla [r], confirmando o enfraquecimento do /r/ forte para o /r/ brando, como afirmado por Câmara Junior (1977), Callou e Leite (1995), entre outros pesquisadores.

Seguimos, agora, para o Gráfico 17 que expõe o cômputo da realização das variantes róticas para cada contexto do questionário ALiB:

Gráfico 17 – Variantes róticas em ataque silábico medial de acordo com o estilo de produção de fala



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos por meio da Plataforma R.

De acordo com o Gráfico 17, verificamos que a variante fricativa glotal se mantém com produtividade elevada nos três estilos de produção de fala, superando a porcentagem para as demais variantes róticas (vibrante múltipla, tepe alveolar e fricativa velar).

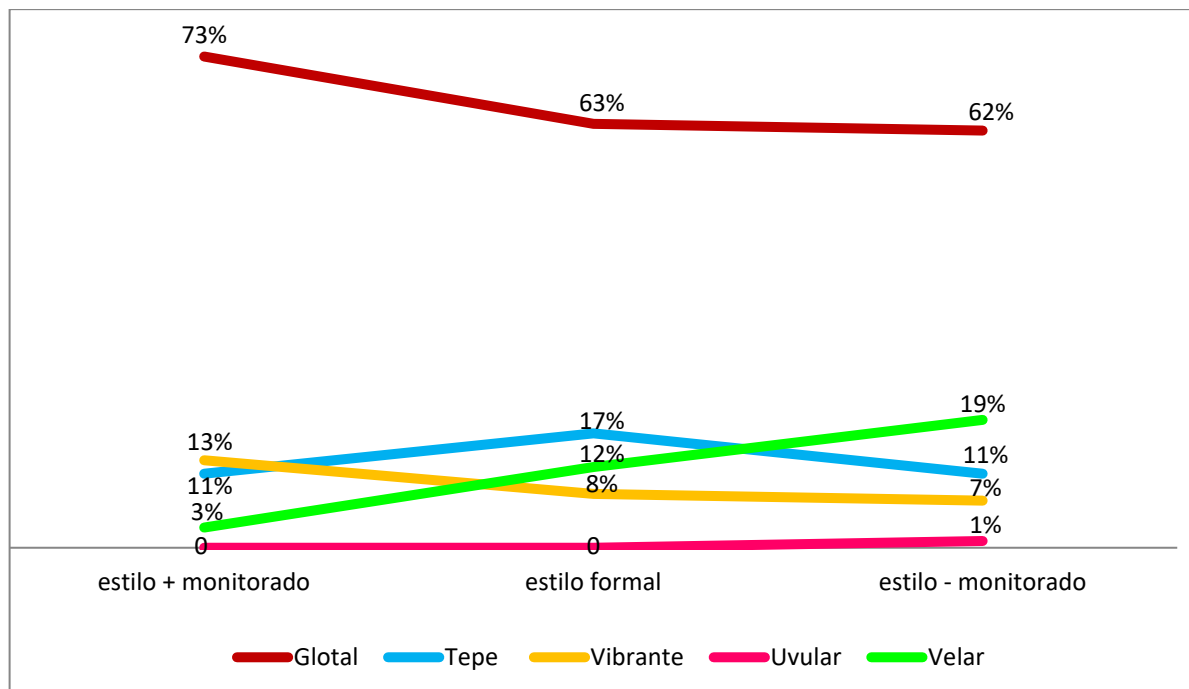
Na primeira categoria (Questionário Fonético-Fonológico), identificamos ocorrência de 63% da variante fricativa glotal de 183 realizações, 17% da variante tepe de 51 casos, 12% da variante fricativa velar de 36 produções, e 8% da variante vibrante múltipla de 22 ocorrências.

Na segunda categoria do Gráfico 17 (Leitura), constatamos produtividade de 73% da variante fricativa velar de 79 casos, seguida da variante vibrante múltipla com 13% de 14 realizações, 11% da variante tepe alveolar de 12 ocorrências, e apenas 3% de produção para a variante fricativa velar de três casos.

Na terceira categoria (Relato e/ou fala espontânea), comprovamos ocorrência de 62% da variante fricativa glotal de 138 produções, 19% da variante fricativa velar de 41 realizações, 11% da variante tepe de 24 casos, 7% da variante vibrante múltipla de 16 ocorrências, e apenas 1% da variante vibrante uvular de dois eventos de fala.

Apresentamos, na sequência, o Gráfico 18 para melhor visualização dos resultados expressos em porcentagem no gráfico anterior (número 17):

Gráfico 18 – Estilo de fala e a produtividade do /R/ no início de palavra



Fonte: Elaborado pela autora com dados do ALiB.

No *continuum* exibido no Gráfico 18, identificamos que do estilo mais monitorado ao menos monitorado existe alta produção da variante fricativa glotal e diferenças não muito significativas entre os resultados expostos para as demais variantes róticas, quando comparado com a posição inicial.

Na posição medial, identificamos que a maior produtividade da variante fricativa glotal ocorre no contexto mais monitorado, isto é, a fase em que o informante tem contato com o texto escrito. Para o estilo formal (média monitoração da fala) e de baixo monitoramento, a variante [h] mantém produção estável.

A variante tepe alveolar, a qual é indicada no gráfico pelo traço vermelho, apresenta declínio de 4% ao realizar-se no contexto de fala mais monitorado e com maior ocorrência no estilo formal.

Constatamos por meio dessa análise que a afirmação de Busse (2010) referente ao estigma da variante tepe produzida em contexto medial de palavra encontra eco em nossos dados demonstrados no Gráfico 18, partindo da análise do estilo mais monitorado durante o evento de fala.

Ao confrontarmos esses resultados aos da posição inicial, verificamos que a variante vibrante múltipla apresentou os mesmos resultados nas diferentes posições na palavra para o estilo de menor monitoramento da fala. Com exceção apenas do estilo mais monitorado, resultando no acréscimo de 3% se comparado a realização do /R/ em ataque inicial, cuja produtividade foi de 10%.

O comparativo entre a variante tepe alveolar e a vibrante múltipla demonstra ser [r] (articulada no ponto anterior da boca) o rótico, possivelmente menos marcado, isso quando comparado ao resultado da variante tepe [r] no contexto mais elevado da fala.

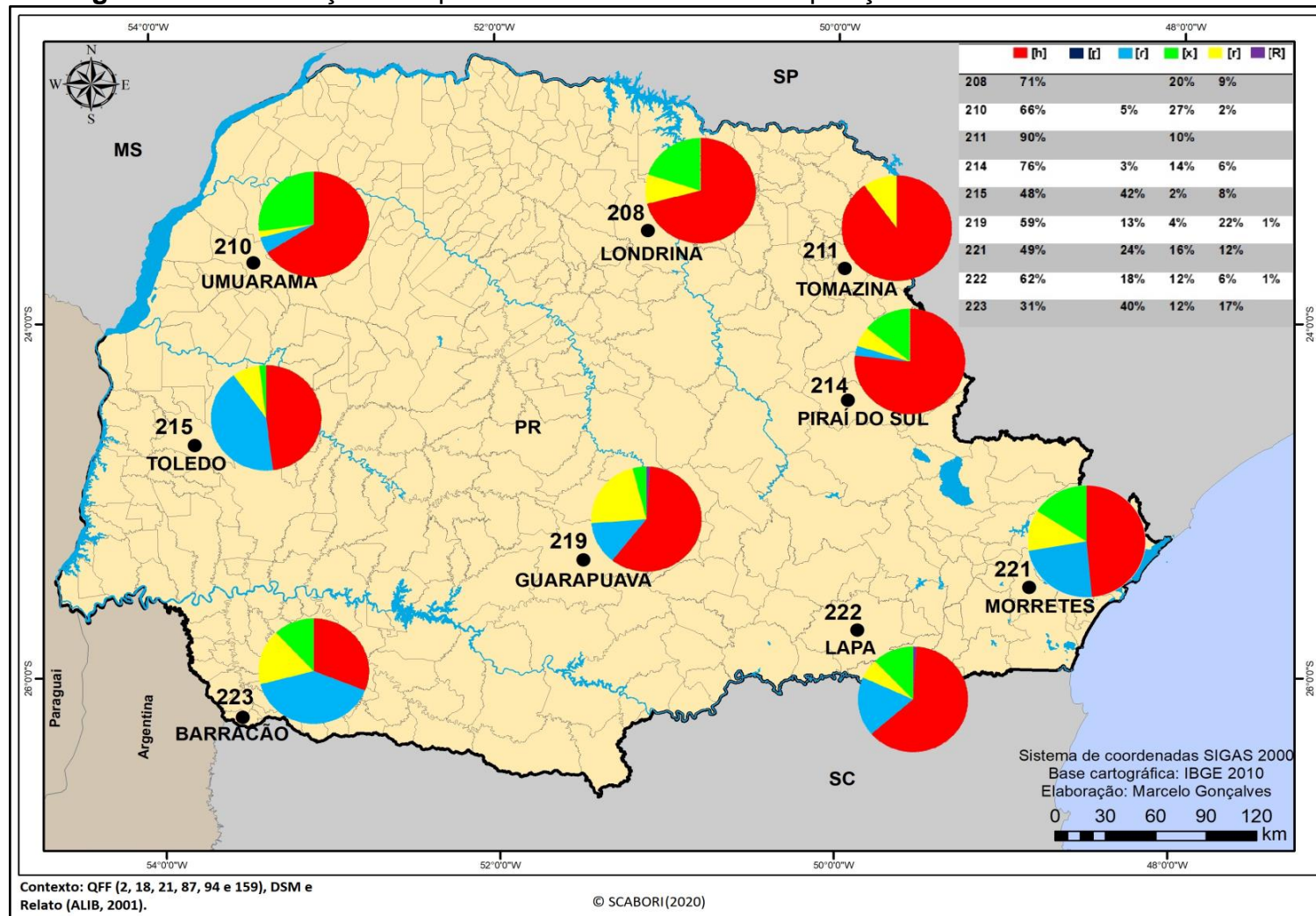
A variante fricativa velar apresentou realização significativa no estilo de baixa monitoração da fala com 19% e a vibrante uvular mostrou produtividade de apenas 1%. A hipótese é que a vibrante uvular tenha sido produzida no momento em que o informante tenha dado ênfase à lexia /Roupa/, possivelmente por recorrer a uma memória afetiva das roupas utilizadas pela companhia de dança alemã da qual ele participava.

Referente à variante fricativa velar, a hipótese sugerida é que a redução na produtividade em contexto de maior monitoramento da fala tenha sido condicionada pela alta produção da fricativa glotal, cuja variante avança da Região Norte para o Sul do Estado do Paraná. Isso corrobora com os apontamentos de Brescancini e Monaretto (2008), sobre a existência do indicativo à tendência da posteriorização das variantes róticas, passando da articulação anterior para o ponto articulatorio posterior.

Nossos dados apontam, possivelmente para um processo de posteriorização que também ocorre entre as variantes fricativas, uma vez que identificamos, por meio da análise feita através da carta do ALPR, uma produtividade mais acentuada da variante fricativa velar do que da variante fricativa glotal.

Na sequência, por meio da carta diatópica experimental para as variantes róticas em ataque, explanamos sobre as questões ligadas à produção dos respectivos sons do (erre) a partir da territorialização:

Figura 22 – Distribuição diatópica das variantes róticas em posição medial no Estado do Paraná



Fonte: Organizado pela autora com dados do ALiB.

O mapa da Figura 22 ilustra a distribuição diatópica para as variantes róticas articuladas na posição interna da palavra, que, mesmo com o baixo índice de ocorrências das variantes anteriores, ainda é possível dizer que essas variantes são traços articulatorios característicos da Região Sul do Estado, conforme constata-se por meio da porcentagem exibida para a variante tepe alveolar e vibrante múltipla.

A partir da distribuição dos gráficos nos pontos 215 (Toledo) e 223 (Barracão), verificamos que a região mais próxima do Paraguai tem produtividade de 50% de variantes produzidas no ponto anterior, o que aponta para a necessidade de analisar a interferência do espaço geográfico na variação da língua falada. Dessa forma, ao retomarmos algumas afirmações de Coseriu (1978 [1921]), constatamos que um território pode motivar o avanço e a permanência de uma variante linguística na fala, ou ainda, impedir seu progresso.

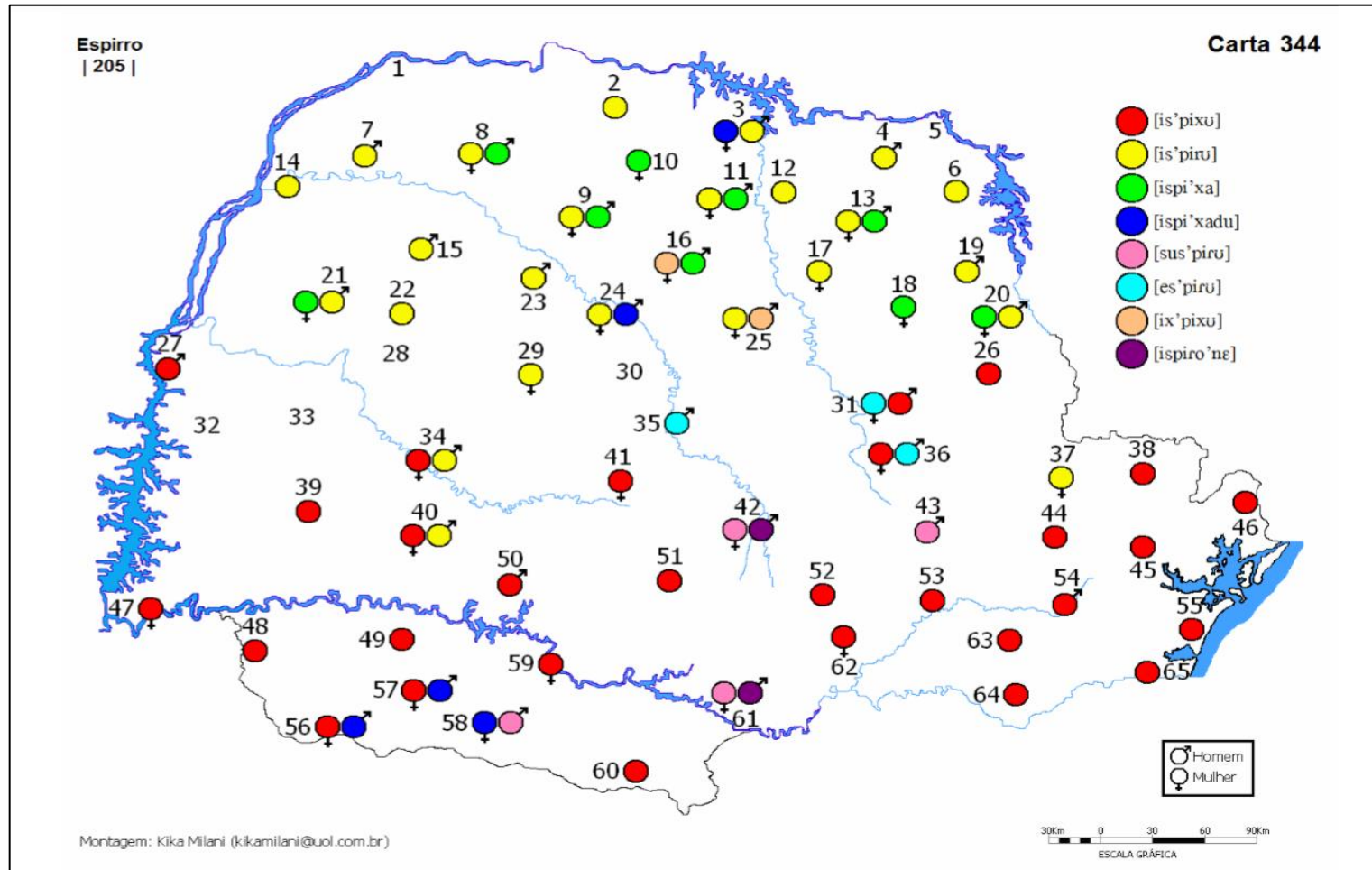
A variante tepe pode estar condicionada pelo enfraquecimento do /r/ forte, como afirmou Câmara Junior (1977), mas também, possivelmente pelo contato de oitiva (som aricular) dos róticos em outra língua, como no caso o espanhol.

Carlos (2015, p. 143), ao apresentar a carta fonética /RiO/ e /Rosa/, identifica a variante tepe presente na fala do homem e da mulher da segunda faixa etária, sendo ambos da localidade de Santa Rosa del Monday. Os dados da autora apontam ocorrência da variante tepe alveolar presente apenas nos municípios do Paraguai.

Confrontando esse resultado com os dados exibidos na carta diatópica (Figura 22), nossa hipótese alude ao fato da variante [r] ser mais recorrente na fala dos informantes próximos da região de fronteira por esta se fazer presente no espanhol, preservando e/ou impulsionando a variante tepe no falar dos informantes de Toledo e Barracão no Estado do Paraná, conseqüentemente avançando para Guarapuava, Lapa e Morretes.

Agora, passamos para análise da carta diatópica de número 344, contemplada no segundo volume do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR II):

Figura 23 – Carta fonética para a lexia /ESpiRO/ contemplada no ALPR II



Fonte: Altino (2007, p. 646).

6.5. CONFRONTANDO OS DADOS EM ATAQUE MEDIAL

A Figura 23 exibe a distribuição diatópica para as variantes róticas de acordo com a resposta dada pelos informantes para a seguinte questão: “Quando estamos resfriados, fazemos muitas vezes assim: atchim. Como se chama isso?” (ALTINO, 2007, p. 226). Para essa resposta esperou-se ouvir dos informantes a lexia /ESpiRO/, com o arqúifonema /R/ na posição interna da palavra (ataque simples).

O resultado da carta 344 (Figura 23) do ALPR apresenta a fricativa velar como a variante rótica mais produtiva no falar paranaense, totalizando 61,61%, seguido da vibrante múltipla com 29,29% e da variante tepe alveolar 9,09%. Esses respectivos percentuais podem ser verificados a partir da pronúncia [is'pixu], cuja realização aparece acima de 20%, [is'piru] com produtividade acima de 10% e [ispi'xe] próximo de 5% (ALTINO, 2007).

Com base na carta fonética do ALPR II, identificamos, nos pontos 51 (Guarapuava), 56 (Barracão) e 63 (Lapa), apenas registros da variante fricativa velar. Diferentemente do que indicam os dados do ALiB para essas localidades da Região Sul do Estado, uma vez que nos dados recortados do corpus do ALiB existe realização das variantes anteriores, principalmente do tepe alveolar em Barracão.

No ponto 11 (Londrina) da carta (Figura 23), verificamos que a pronúncia da lexia /ESpiRO/ com a variante vibrante múltipla apareceu na fala da mulher e a variante fricativa velar na fala do homem. Sendo este um resultado semelhante ao encontrado por nós em uma parte da amostra dos dados do ALiB.

No ponto 21 (Umuarama), a variante vibrante múltipla foi registrada na fala do homem e a fricativa velar no falar da mulher, indicando que a variante anterior (vibrante) se fazia presente nessa localidade mesmo na fala de informantes estratificados de acordo com a região rural.

Esse resultado identificado e cartografado no ponto 21 vai ao encontro das porcentagens exibidas anteriormente para os nossos dados, os quais apontam que os homens lideram a produção dos róticos anteriores e as mulheres das variantes posteriores. Dado este que pode indicar também ser as mulheres as mais atentas às variantes prestigiadas, como já afirmado por Labov (2008 [1972]), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), entre outros pesquisadores da área.

Ainda de acordo com a carta 344 do ALPR (Figura 23), é possível constatar as isoglosas para as variantes róticas produzidas na Região Norte e

Sul. Pois, os pontos destacados em amarelo referem-se à pronúncia da vibrante múltipla que aparecem na Região Norte, enquanto os pontos na cor vermelha, verde, azul e rosa claro contemplam a realização para a variante fricativa velar ([is'pixʊ], [is'pixɐ], [is'pixadu] e [ix'pixʊ]) encontrada na parte sul.

A distribuição desses pontos no mapa mostra a vibrante múltipla registrada apenas no falar da Região Norte do Estado, sendo esse resultado distoante dos nossos dados e da análise realizada por Busse (2010). Afinal, a autora especifica a variante tepe alveolar (rótico produzido no movimento articulatório anterior) como pronúncia típica do dialeto sulista, isto é, àquele que remete ao falar do colono.

Constatamos que a segunda publicação do ALPR II pode fornecer pistas quanto às questões pertinentes à variação linguística no território do PR no tempo diacrônico, e principalmente para a variação dos róticos presentes nessa região, como o avanço das variantes posteriores (fricativas glotal e velar).

Em resumo quanto à análise apresentada neste capítulo, acreditamos que o /R/ forte esteja perdendo expressividade a ponto de passar para o /r/ brando ou fraco na localidade de Barracão, isto é, com um rápido *flap* nos alvéolos ([r]), uma vez que a vibrante múltipla parece estar sendo substituída pelo tepe alveolar. Assim, é provável que o som múltiplo da variante vibrante [r] passe para o tepe e, conseqüentemente, da variante velar [x] para a variante fricativa glotal [h], devido ao desenvolvimento sócio-histórico do estado, e também, em razão dos dialetos de estados e países vizinhos que atravessam o Paraná.

A variante fricativa glotal aparece como a mais saliente em Tomazina (nº 211), Piraí do Sul (nº 214) e Umuarama (nº 210), sendo a primeira faixa etária (18 a 35 anos) a mais sensível à produção da [h]. No que se referente à variável sexo, os dados indicaram que as mulheres lideram a produção das variantes posteriores, dentre elas a fricativa glotal [h] seguida da fricativa velar [x].

A variação estilística ou contexto de produção de fala (nível de monitoração da fala) não se mostrou significativa para indicar a alternância das variantes róticas posteriores na posição inicial. Contudo, para a posição medial foi possível identificar a queda na produção da vibrante múltipla em contexto menos monitorado e produção acentuada da variante tepe no estilo formal.

Na variável linguística (classe morfológica), constatou-se que a categoria de não verbos favoreceu a aplicação da regra quanto à produção da variante fricativa

glotal, e a classe de verbos apresentou um pequeno aumento na porcentagem da variante vibrante múltipla na posição medial de palavra.

As vogais médias altas [e] e [o] foram favorecedoras para a realização da variante fricativa glotal, enquanto a vogal alta anterior não arredondada [i] desfavoreceu a produtividade da variante fricativa glotal [h] no falar dos informantes, e na posição medial, a vogal [i] favoreceu a produção da vibrante múltipla [r].

A variável número de sílabas para as lexias com três sílabas apresentou baixo percentual da variante fricativa glotal se comparado com as palavras polissílabas com quatro ou mais sílabas, embora esta variável tenha apresentado esse nível de significância, este fator não foi o mais relevante para a variação do /R/ em ataque.

Na posição inicial, a localidade de Barracão (nº 223) foi a região que mais favoreceu a produção da variante fricativa velar, com resultado superior a fricativa glotal, enquanto o ponto nº 211 (Tomazina) desfavoreceu a fricativa velar. Na posição medial, a variante tepe alveolar foi a variante mais produtiva no município de Barracão e Toledo.

Quanto à análise do rótico velar, constatou-se que os mais jovens e as mulheres apresentaram maior realização da variante velar [x], e, as vogais altas anteriores [i] e [u] favoreceram a produtividade da fricativa velar. Já os demais contextos linguísticos e extralinguísticos não tiveram grande relevância para a produção da respectiva variante.

O tepe [r] apresentou maior produção na localidade de Barracão, e no cômputo geral das nove localidades, a segunda faixa etária e os informantes do sexo masculino foram os que mais favoreceram a realização da variante tepe alveolar, com elevada produtividade também na classe de verbos, na vogal da sílaba alvo [i] (oral anterior alta não arredondada), nas palavras dissílabas e trissílabas, além da produtividade no contexto de médio monitoramento da fala.

A vibrante alveolar [r] também foi favorecida durante o contexto estilístico com médio e alto monitoramento da fala, e desfavorecida na produção do relato pessoal (baixa ou nenhuma monitoração da fala), sendo a variante mais produtiva no falar do sexo masculino pertencente à segunda faixa etária e com maior índice de ocorrência na vogal da sílaba alvo [i], bem como a variante tepe produzida na região anterior da boca.

De acordo com Oushiro (2014), a análise de um fenômeno linguístico deve considerar a fala de mais informantes de uma mesma área investigada, por isso

ressaltamos a necessidade de se investigar o falar dos informantes das demais localidades do Estado do Paraná antes de qualquer generalização sobre o processo posteriorização no falar paranaense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE NOSSOS RESULTADOS

“Assim, pois o falar é sempre falar uma língua, razão pela qual em todas as ocasiões o falante se revela como pertencente a uma comunidade determinada historicamente ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela comunidade” (COSERIU, 1978 [1921], p. 19).

Neste capítulo, apresentamos as considerações finais dos resultados quanto à produtividade das variantes róticas no falar de alguns informantes paranaenses, além de resgatarmos os resultados da distribuição geográfica (diatópica) da realização do /R/ em nove pontos de inquérito do Projeto ALiB. A seguir, sintetizamos as observações para o arquifonema /R/ em ataque inicial ([ʁɔzɐ]) e para a posição medial de palavra ([so ʁizʊ]).

Verificamos que as variantes mais produtivas no início das lexias foram as róticas posteriores (fricativas) tanto na Região Norte (Londrina no Norte Central, Umuarama no Noroeste, Tomazina no Norte Pioneiro e Piraí do Sul no Centro-Oriental), quanto na Região Sul do Estado (Toledo no Oeste, Guarapuava no Centro-Sul, Morretes no Litoral, Lapa na Região Metropolitana de Curitiba e Barracão no Sudoeste), com uma única exceção dos pontos nº 223 (Barracão) e nº 215 (Toledo) para a posição medial.

A partir dos resultados descritos em nossa análise, acreditamos ter alcançado nossos objetivos específicos e ter respondido nossas hipóteses, como pontuado a seguir:

- ✓ Apesar da alta ocorrência das variantes róticas posteriores (fricativa glotal e velar), verificamos que a maioria dos informantes alterna as variantes róticas (posterior e anterior) na fala mesmo na posição de ataque;
- ✓ Assim como foi verificado por Margotti (2004), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), e Justina (2018), confirmamos que as variantes vibrantes (anteriores) estão distribuídas de modo diatópico pelas meso-regiões que apresentam um diversificado desenvolvimento migratório e imigratório marcado pelo contato/diversidade linguística;
- ✓ Identificamos que as variantes anteriores (vibrante múltipla e tepe alveolar) são produzidas na fala dos informantes estratificados na segunda faixa etária (50 a 65 anos). Esse resultado indica ser a faixa mais jovem sensível a produzir as

variantes róticas inovadoras no falar paranaense (/R/ posteriores). Assim como já afirmava Coseriu em 1921 sobre a variação diageracional, Brescacini e Monaretto (2008) referente os dados do VARSUL (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), e Justina (2018) vinculada ao Projeto DIVALIMT (Mato Grosso), com dados de informantes da Região Norte de MT.

- ✓ Ao contrário das nossas hipóteses, constatamos que a produção das variantes róticas nas três fases do questionário (QFF, DSM e Leitura) não apontou significativamente para o prestígio ou estigma das variantes róticas que pudessem indicar a causa do processo de posteriorização, pois nos três níveis do estilo de fala, os informantes não alteraram de modo acentuado as variantes anteriores pelas posteriores.
- ✓ Os resultados sobre os róticos em ataque nas localidades analisadas confirmam as afirmações de Fraga (2006), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), Carlos (2015), Costa e Cotovicz (2015) sobre o /R/ em ataque no Paraná, e Justina (2018) referente ao contato linguístico entre descendentes no MT. Dessa forma, verificamos que o processo de posteriorização no falar paranaense, principalmente nas localidades próximas a outros países, está passando por uma provável mudança das variantes róticas vibrantes para as fricativas, sendo estas variantes motivadas por fatores extralinguísticos, como a dimensão diatópica, dialingual, diageracional e diassexual.
- ✓ Apesar do tempo decorrido da obra de Câmara Jr. (1977) e Callou (1987), verificamos que tais investigações se apresentam ainda bastante atuais e confirmam o cenário de enfraquecimento do /r/ forte mesmo para a posição inicial. Visto que em algumas localidades, a vibrante forte (múltipla) mostrou-se mais saliente, diferentemente da ocorrência do /R/ em Barracão, pois a variante tepe ([r]) foi mais produtiva dentre as variantes anteriores (vibrante múltipla ou /r/ forte).
- ✓ Diferentemente de nossa hipótese inicial, passado três décadas desde a coleta de dados realizada por Aguilera ainda na década de 80, constatamos que a carta de nº 327 do ALPR (ALTINO, 2007) aponta para resultados semelhantes aos encontrados por nós nos dados do ALiB, isto é, com o predomínio da variante rótica posterior na lexia /RatO/.

Acreditamos que as perguntas levantadas para esta dissertação foram respondidas e os objetivos atingidos. Embora, outras duas hipóteses tenham surgido no decorrer das análises: (i) a elevada produtividade da variante fricativa glotal em oito pontos de inquérito pode encontrar resposta nos meios midiáticos, como o fato de o informante assistir às telenovelas, aos programas de entretenimento, aos noticiários, entre outros, que resulta na atitude linguística de valorização das variantes róticas posteriores, por estarem ligadas aos grandes centros urbanos; e (ii) a produtividade do tepe alveolar ao invés da vibrante alveolar em Barracão (município de fronteira) na posição medial pode ser resultado de um avanço do /r/ forte para o /r/ fraco, possivelmente preservado na língua falada como forma de identificação com os falantes da língua espanhola do país vizinho e pelas transações comerciais e econômicas dessa região.

Em suma, nossos dados parecem indicar que as variantes posteriores têm avançado da direção Norte para o Sul do estado paranaense e, conseqüentemente, favorecendo a mudança quanto ao ponto e ao modo de articulação para os róticos em ataque nas nove localidades do Paraná. Consideramos a necessidade de investigações profícuas envolvendo o /R/ em início de sílaba, para uma generalização acerca do processo de posteriorização no ataque silábico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, C.; FREITAS, J. M. **Consciência fonológica e desenvolvimento fonológico: o caso do constituinte ataque em Português Europeu**. Avaliação da consciência linguística: aspectos fonológicos e sintáticos do Português de Lisboa. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p. 45-68.
- AFONSO, C.; FREITAS, J. M. **Figura 24 – Estrutura para o fonema /R/ em ataque silábico**. 2010. Imagem JPG, p.46.
- AGUILERA, V. de A. **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. de A. **A Geolingüística no Brasil: estágio atual**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 2015-238, dez, 2006.
- AGUILERA, V. de A. **Os Atlas Lingüísticos no Paraná: percursos e estágio atual**. Revista GELNE, Ano 1, nº 2, 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/joann/Desktop/1-%20L%C3%8DNGUA%20PORTUGUESA/3%C2%B A%20ANO/6%20aula/9251-Texto%20do%20artigo-36611-1-10-20170621.pdf>. Acesso em: 26 ago 2019.
- AGUILERA, V. de A; ROMANO, V. P. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. [livro eletrônico] / Vanderci de Andrade Aguilera (organizadora). – Londrina: Eduel, 2013.
- AGUILERA, V. de A; BIOLADA, G. L. ALiB: um estudo dos róticos em posição de ataque nas capitais da região Sudeste. In: MOTA, J. A. PAIM, M. T.; RIBEIRO, S. C. **Documentos 5: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2015.
- AGUILERA, V. de A; KAILER, D. A. Os róticos em coda silábica em quatro localidades mineiras. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Org). **Documentos 3: vozes do X WORKALIB**. Amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2013. p. 163-184.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci; ROMANO, Valter (Eds.). **A geolingüística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Ed. UEL, 2016, p. 371-392.
- ALTENHOFEN, C. V. (2017). **Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística**. Disponível em: [file:///C:/Users/joann/Downloads/74423-308981-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joann/Downloads/74423-308981-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 20 de set. de 2019.
- ALMEIDA, E. de F. de. **Os róticos em coda silábica na região Centro-Oeste do Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ALTINO, F. C. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 2.v.

ALTINO, F. C. **Figura 25 – Carta fonética para a lexia /ESpiRRO/ contemplada no ALPR II (ALTINO, 2007, p. 646)**. 2007. Imagem JPG, p. 646.

ALTINO, F. C. **Tabela 6 – Resultado da carta fonética nº 327 do ALPR volume II**. 2007. Tabela, p. 613.

ALTINO, F. C. **Figura 26 – Carta fonética para a lexia /Rato/ contemplada no ALPR II (ALTINO, 2007, p. 612)**. 2007. Imagem JPG, p. 612.

ALTINO, F. C. **Estudos dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história**. Revista Signum, Londrina, v. 12, n. 1, 2009.

ALTINO, F. C. **Atlas Lingüístico do Paraná – v. II: comentários sobre a Dialectometria**. Estudos Linguísticos, São Paulo, n. 41 (2) p. 818-832, maio-ago, 2012.

ALVAR, J.; ALVAR, J. **Guaraqueçaba, mar e mato**. Curitiba: UFPR, 1979.

ALVES, L. R.; CRUZ, L. B.; LIMA, J. F. de; PIFFER, M. O capital social na Microrregião de Toledo-PR. **Revista Desenvolvimento em Questão**. Ijuí, v. 11, n. 22, abr. 2013.

ÁLVAREZ NAZARIO, M. **El elemento afronegroide en el español de Puerto Rico: contribución al estudio del negro en América**. San Juan de Puerto Rico: 1 ed. Ver. y algum. Instituto de Cultura Puertorriqueña, 1961.

ARAGÃO, Maria do Socorro. **Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. RRL, LIII, 1–2, p. 125–140, București, 2008.

AURÉLIO, R. P. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2012.

AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K.; POMARI, L. R.; PRIORI, A. A emancipação política do Paraná. In: PRIORI, A., et. al. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 24 mar. 2019.

AMARAL, A. **O dialeto caipira [1920]** 3.ed. São Paulo: HUCITEC; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1982.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramaticalização**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

- BALHANA, A. P. Política imigratória do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.87, p. 39-50, jan/abr., 1996,
- BISOL, L. (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPICURS, 2010.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Introductory tutorial to Praat**. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/manual/Intro.html>. Acesso em: 02 out. 2018.
- BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. **Signum**. Londrina, v. 12, n.1, p. 85-102, jul. 2009.
- BUSSE, S. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum**, Londrina, v.12, n.1, p.123-144, jul. 2010.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 2004.
- BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum**, Londrina, n.11/2, p.51-66, dez. 2008.
- CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.
- CALLOU, D. et al. **Apagamentos do R final no dialeto carioca**: um estudo em tempo aparente e em tempo real. DELTA, v. 14, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 24 jul. 2006.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. MORAES, J. **Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e Real**. São Paulo: Delta [online], 2002. v.14.
- CAMPINAS, R. da C. A emancipação política e as alternativas de poder. In: ACORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J.; TRICHES, R. I. (Org.). **Paraná, espaço e memória: diversos olhares históricos e geográficos**. Curitiba: Bagozzi, 2005, p. 130-157.
- CÂMARA JR., J. M. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CÂMARA JR., J. M. Lingüística Brasileira. In: NARO, Anthony J. **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: F. de Alvez, 1976.
- CAMPOY, J. M. H. La Geolingüística: consideraciones sobre La dimensión espacial del lenguaje. **E.L.U.A - Estudios de Linguística**, n.13, 65-88, 1999. p.65-88.
- CAMPOS, E. C. S. S. L. de; L. M., BROD; SEARA, I. C. Estudo de casos: os róticos em Maringá (pr) e Florianópolis (sc). **Revista acadêmica de Letras-Português**, Florianópolis, n.1, p. 82-95, 2013.

CARDOSO, S.; FERREIRA, C. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, J. A. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Indústria Gráf. Projeto, 1981.

CARDOSO, J. A. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/joann/Downloads/9088-Texto%20do%20artigo-25162-1-10-20160504%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/joann/Downloads/9088-Texto%20do%20artigo-25162-1-10-20160504%20(2).pdf). Acesso em: 20 ago. 2019.

CARDOSO, S. A. M. da S. Um pouco da história do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: MOTA, J. A. **Documentos 6: projeto atlas linguístico do Brasil, histórias e memórias** / MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). Salvador: Quarteto, 2016.

Cardoso, S. et al. (Orgs.). **Documentos 6. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: histórias e memórias**. Salvador: Quarteto, 2016.

CARDOSO, S. A. M. **Figura 27 – Rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB**. 2005. Imagem JPG.

CARDOSO, S. A. M. da S. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. **Revista GELNE**, ano 5, v. 1 e 2, 2003.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. (Orgs.). **Documentos 2 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. **Percursos da Geolinguística no Brasil**. Linguística vol.29 no.1 Montevideo jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100006. Acesso em: 5 maio 2020.

CARDOSO, S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014, v.2.

CARDOSO, J. A. **Figura 28 – A ocupação de imigrantes no Paraná entre 1900/1920**. 1981. Imagem JPG, p. 71.

CARMO, M. C. do. **As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

CARLOS, V. G. **O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CASTILHO, A. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

CASTRO, V. S. A. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em Atlas Lingüístico regionais brasileiros**. 2006. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. – (Coleção para conhecer linguística).

COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. N.O. **Banco de Dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados**. Alfa revista de linguística, 2012. p. 835. v. 56.

COLODEL, J. A. Cinco séculos de história. In: **Mesorregião Oeste do Paraná: diagnóstico e perspectivas**. Relatório Final de Pesquisa, resultado do Convênio no 5577/98 entre a Itaipu Binacional e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Colegiado do Curso de Ciências Econômicas – campi Cascavel e Toledo. Cascavel, 2002. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/PMOP>. Acesso em: 20 jan. 2020.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil: questionário**. Londrina: Eduel, 2001.

CORRÊA, R. da C. A realização variável da vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado-RS. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre. v. 10. n. 1. 2017.

COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Montevideu: Instituto de Filología, Facultad de Humanidades y Ciencias, Universidad de la República, 1956.

COSTA, F. R. da.; ROCHA, M. M. A mobilidade da população paranaense a partir da reestruturação produtiva (1970 a 2010). **Revista Geografia**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 125-139, jan./abr.2012.

COSTA, L. T.; COTOVICZ, M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rotina vibrante múltipla alveolar em Rebouças, PR. **Web-revista Sociodialetto**, v. 6, p. 211-227, 2015.

COSTA, L. T. da. Ataque complexo no português brasileiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n. 7, ago. 2006.

CRISTÓFARO SILVA, T.; YEHIA, H. C. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DANTAS, S. D.; LEIFERT, G.; SEGUIURA, M.; UENO, L. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, v. 18, n.34, p. 45-60, jan./jun. 2010.

DEUS, A. F. de. **A transferência do português na leitura das róticas em posição de ataque no inglês por estudantes brasileiros de inglês**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ECKERT, P. Communities of Practice. In: Brown, K., Ed., **Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2.ed. Edition, Elsevier, Amsterdam, 683-685, 2006. Disponível em:

[https://www.scirp.org/\(S\(i43dyn45teexjx455qlt3d2q\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1814091](https://www.scirp.org/(S(i43dyn45teexjx455qlt3d2q))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1814091). Acesso em: 25 maio 2019.

EMER, I. O. **Desenvolvimento histórico do Oeste do Paraná e a construção da escola**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Avançados em Educação Departamento de Administração de Sistemas Educacionais, Rio de Janeiro, 1991.

ESPIG, M. J. **Personagens do Contestado: os turmeiros da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul (1908-1915)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FARACO, C. E; MOURA, F. M.; MARUXO Jr, J. H. **Gramática**. 20.ed. Ática: São Paulo, 2012.

FELIPE, D. A. Patrimônio cultural negro no Paraná: a comunidade quilombola Paiol de Telha. **VII Congresso Internacional de História**. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1236.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2019.

FERRARI, M. Zona de fronteira e identidade nacional: uma análise a partir das cidades gêmeas brasileiro-argentinas Dionísio Cerqueira/Barracão/Bernardo de Irigoyen e Santo Antonio do Sudoeste/San Antonio. **Anais do XVI ENANPUR**. Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, C. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. (Org) JUNIOR, R. A. C.; CARNEIRO, C. M. S. B.; CARVALHO, J. L. de; SBRAVATI, M. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FURLANETTO, M. M. Os caminhos de onde no Português do Brasil: instrumentos linguísticos e derivas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 249-279, jan./jun. 2004.

FRAGA, L. **Os róticos no português de Carambeí/PR**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:YyQvB1C7JtQJ:www.gel.h>

ospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/903.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 20 dez. 2019.

FRAGA, N. C.; CAVATORTA, M. G.; JAYME, N. S.; GALLINARI, T. S.; SILVEIRA, H. M. **Campos da riqueza e da pobreza: a Região Centro-Sul paranaense, um território de conflitos e contradições**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

FRANÇA, J. P. A ocupação do nordeste do Paraná e a cidade de Umuarama: uma retrospectiva do processo de ocupação. **Akrópolis**, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 165-174, jul./set. 2011.

FREITAG, L. da C. **Extremo Oeste paranaense: história, região, identidade e (re)ocupação**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2007.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

HENRIQUES, I. **A Fricativa Coronal /S/ em /#sSC/ em Português Europeu**. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; TRUDGILL, P. J. Functional compensation and Southern Peninsular Spanish /s/ loss. **Folia Linguistica Histórica**, v. 23, p. 31-57, 2002.

HOLM, J. Creole influence on Vernacula Brazilian Portuguese. In: Gilbert Glenn (ed.). **Pidgin and Creole Languages**. Honolulu: University of Hawai Press, 1987. p. 406-429.

HORNUNG, A. P.; GRAF, M. E. C. **Os escravos de origem africana na região da Lapa entre os anos de 1871 e 1888**. 2015. Monografia - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015.

GOMES, M. de F. V. B. **Cartografia da paisagem: trajetória socioambiental de Guarapuava**. Guarapuava: Unicentro, 2012.

GUY, G. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History**. 1981 Tese (Doutorado) - University of Pennsylvania, 1981.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

GRATÃO, L. H. B.; ARCHELA, R. S.; BARROS, M. V. F.; BARROS, O. N. F. Londrina – Imagens, Paisagens e Personagens um Olhas Geográfico pelo Atlas Digital. **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**, Londrina: UEL, 2005.

GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. **Revista Intercâmbio**, Montes Claros, v.26, p.80-94, 2012.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Edunioeste, Cascavel, 2002.

GRZESZCZESZYN, G.; MACHADO, H. V. Políticas públicas para o desenvolvimento local: o caso de fomento às indústrias de móveis de Guarapuava, Paraná. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 11, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2010.

GROSSI, M. E. D.; GUIMARÃES, M. de F.; LLANILLO, R. F.; MUNHOS, P. D.; SANTOS, F. O. dos. Regionalização da agricultura do Estado do Paraná, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.36, n.1, p.120-127, jan-fev, 2006.

IBGE-PNAD. **Tabela 7 – Taxa de ocupação de homens e mulheres de 1992 até o ano 2001**. 2003. Tabela, p. *on-line*.

IBGE-IPARDES. **Tabela 8 – Taxa populacional paranaense de 1940 até o ano 2000**. 2003. Tabela, p. 12.

IBGE. **Biblioteca do IBGE Tomazina Paraná**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/tomazina.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

IPARDES. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social: caderno estatístico**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=83750>. Acesso em: 21 set. 2018.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão Sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, v. 56(3), p. 891-916, 2012.

IPA. **International Phonetic Alphabet**. Disponível em: [https://www.internationalphoneticassociation.org/sites/default/files/IPA_Number_chart_\(C\)2005.pdf](https://www.internationalphoneticassociation.org/sites/default/files/IPA_Number_chart_(C)2005.pdf). Acesso em: 27 maio 2018.

JUSTINA, T. D. Os róticos em contexto Norte Mato-gronense: variação em posição de ataque silábico. In: PHILIPPSEN, N. I.; LIMA, J. L. **Diversidade e variação lingüística em Mato Grosso**. Cáceres: Editora Unemat, 2018.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMAN, M. S (Orgs). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011, 512 p.

KONDO, H. R. **Representações e atitudes linguísticas na (re)construção da identidade indígena Guarani do Pinhalzinho (Tomazina/PR): um estudo na escola “YYY PORÃ”**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Screrre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Massachusetts/Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, M. M. de O. **As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LÓPEZ, L. Á. A alternância /d/, // e /r/ em variedades linguísticas afrolatinas. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**. 2010.

LUCCHESI, D. (1994). Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, v.12, p. 17-28, 1994.

MAACK, R. 1857-1969. **Geografia física do Estado do Paraná**. 2.ed. Rio de Janeiro : Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná** / Reinhard Maack. 3.ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

MACCARI, N. S. K. **Migração e memórias: a colonização do Oeste paranaense**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

MAGALHÃES FILHO, F. de B. B. de. O novo perfil econômico do Paraná. **Revista Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 1993, p.95-102.

MATEUS, M. H. M. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?** Monografia - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Rio de Janeiro, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial. In: Sônia Costa; Américo Machado Filho. (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2004, p. 115-137.

MARGOTTI, F. W. **Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARQUES, M. **Identidade e diferença: memórias sobre (e da) população do distrito de Bragantina, Assis Chateaubriand**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2013.

MENDES, E. **Pluricentrismo linguístico, ensino e produção de materiais de português LE no PPPLE**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MIRA MATEUS, M. H. A investigação em fonologia do português. **DELTA** [online], v.17, p.57-79, 2001

MIRA MATEUS, M. H. **Quadro 7 – Variantes róticas no PB e no PE**. 2001, quadro, p. 14.

MIRANDA, A. R. M. **A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MOCHIUTTI, N. F. **O patrimônio geológico no desenvolvimento territorial em Tibagi, Paraná**. 2013. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MONARETTO, V. N. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, J. Dois momentos da geolinguística no Brasil: APFB e ALiB. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 509-518.

MOTA, L. T. **História do Paraná: ocupação e relações interculturais**. Maringá: EDUEM, 2005.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1958. v.1

NARO, A.; SCHERRE, M. M. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção lingüística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K. **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. Editora Edgard Blücher, 2014.

OLIVEIRA, M. de. **Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná**. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos: Debates, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/5287>. Acesso em: 2 fev. 2019.

OLIVEIRA, P. P. (Org). **ALMS, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

OLIVEIRA, C; TEIXEIRA, A. **Praat**. Escola Superior da Saúde da Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/soft/praat.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2019.

ORO, S. R. **Análise estatística de dados usando o RStudio**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/sheilaro/pagina-inicial/analiseestatisticaR.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

PAIVA, M. C. A. de; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. [S.l.: s.n.], 2006. p. 131-151.

PARANÁ, Secretaria do Estado da Cultura. **Origem do nome e criação da Província**. Disponível em: <http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=72>. Acesso em: 23 mar. 2019.

PARANÁ, Secretária do Esporte e do Turismo do Paraná. **Turismo**. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/turista-pt/>. Acesso em: 22 mar. de 2019.

PENADI (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). **Síntese de indicadores**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>. Acesso: 15 ago. 2018.

PEREIRA, R.; HAGEMEIJER, T.; FREITAS, M. J. Consoantes róticas e variação no português de São Tomé. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**. n.4. set. 2018.

PICANÇO, J.; MESQUITA, M. J. A mineração aurífera na ocupação do planalto curitibano e litoral paranaense (séculos XVI – XVIII). **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 117 -137, jul./dez. 2012.

POLLO, C. **Tropeirismo no Paraná: documentos para a memória e o ensino de história**. Governo do Estado do Paraná, Londrina, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pde/2009_uel_historia_md_cacilda_pollo.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. **Sociolinguistics: The Essential Readings**. USA: Blackwell, 2003.

PHONIC CORPORATION. **Sound Forge**. Disponível em: <https://www.magix.com/br/musica/sound-forge/sound-forge-pro/>. Acesso em: abr. 2018.

PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. **História do Paraná séculos (XIX e XX)**. Maringá: Eduem, 2012.

RAMPINELLI, C. **Uma Visão Geral para os primeiros passos – Parte 1 de 2**. R Pubs by RStudio. Disponível em: <https://rpubs.com/cassiorampinelli/488999>. Acesso em: 27 fev. 2020.

RAZKY, A. **O Atlas geo-sociolingüístico do Pará: abordagem metodológica**. In: AGUILERA, V. de A. (Org). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 155-164.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

REINECKE, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2006.

REINERI, M. H. **O lugar de vivência em busca do conhecimento sobre o município de Barracão – PR**. Francisco Beltrão: Governo do Estado do Paraná; Unioeste, 2011.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português brasileiro: uma abordagem a base de exemplares. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 1º sem. 2016.

RIBAS, L. P. Onset complexo: características da aquisição. **Letras Hoje**. v. 38, n.2, p. 23-31, 2003

RIGATTI, A P. Realização **do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi, regiões de imigração alemã**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

RODRIGUES, L. L. **Aquisição dos róticos em crianças com queixa fonoaudiológica**. 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolingüística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**. Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 22 abr. 2019.

ROMANO, V. P.; SILVA, H. C. da. Estudos geolinguísticos e sociodialeológicos no Paraná: gênese e continuidade. In: AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (Eds.). **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Ed. UEL, 2016, p. 371-392.

ROMANO, V. P.; SILVA, H. C. **Quadro 8 – Revisão crítica dos trabalhos concluídos e em andamento no Paraná**. 2016, quadro.

ROSSI, N. A dialetologia. **Revista ALFA: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 11, 1967.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. 20013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SALOMÃO, A. N. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Revista Fórum Linguístico**, v. 8, n.2, 2011.

SANTOS, S. M. N. dos; CARVALHO, A. I. C. **A Identidade Cultural do Município de Piraí do Sul e o Tropeirismo**. Curitiba: Secretaria da Educação – Governo do Estado do Paraná, 2013.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na Sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, n. 9, 1º sem. 2008.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística**. Teoria y Análisis. Madrid: Ed. Alhambra, 1989.

SILVA, E. **Pau-brasil em São Paulo: um exemplo de cidadania e amor à vida**. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Câmpus de Jaboticabal, 2016. Disponível em: http://www.fcav.unesp.br/Home/extensao/paubrasil/modulo-1-botanica-pau-brasil-13_12_16.pdf. Acesso em: 23 mar. 2019.

SILVA, G. A. **Atlas Linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO)**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963[1950].

SILVA, G. A. da; MENEZES, B. L. D. A variação do rótico em cidades Tocantinenses: em busca de uma norma fonética. **Revista Desafios**, Palmas, v. 3, n. Especial, 2016.

SCHERER, A. P. R. O papel das variáveis linguísticas na realização do rótico em falantes de regiões de imigração alemã. **EnterVer**. Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 170-182, jul/dez. 2013.

SCHWINDT, L. C. **Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. (Coleção Linguística).

SPESSATTO, M. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

SPESSATTO, M. **Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém-mar e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In Roberts, Ian & Kato, Mary (orgs.), **Português Brasileiro - uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 35-68.

TOLEDO, A. do R. A realização dos róticos em coda silábica na cidade de Paranaguá, Litoral do Paraná. **Signum**, Londrina, v.12, n.1, p. 403-422, jul, 2009.

TOHA, M. **Retensi dan inovasi fonologis protobahasa melayik pada bahasa melayu tamiang**. Ranah Volume 5 Nomor 1 Juni, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/joann/Downloads/40-1734-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

THUN, H. Dialectologia pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 63-92.

THUN, A. **Figura 1 - A formação da perspectiva Pluridimensional**. 2005. Imagem JPG, p. 67.

THUN, A. **Quadro 9 – Dimensões para a variação linguística contempladas nos Atlas Linguísticos Pluridimensionais**. 2005. Imagem JPG, p. 71.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: ENGLEBERT, A.; PIERRARD. M.; ROSIER, L.; RAEMDONCK, D. V. et all. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 2000, 367-388.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

TRUDGILL, P.; HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M. **Diccionario de sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2007.

VALLE, M. S. do. **Italianos na Lapa**: cem anos de contribuição. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

VEGINI, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonostilístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 5, n. 9, ago. 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), 1977. In: AGUILERA, V. de A. **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005, p. 45-72.

APÊNDICE


APÊNDICE A – Segmentação dos dados estratificados no Programa *Excel*:

K23												
=SE(E23=3;"tri";SE(E23=2;"di";SE(E23=4;"quadri";"poli")))												
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1	rótico	classe	posição	v.sílaba	d.sílaba	faixa.etári	sexo	localidade	estilo.produção	lexias	d.silábica	etária
2	H	N	M	E	3	1 H	T	f	tehenu	tri	Faixa I	
3	H	V	M	E	2	1 H	T	f	vaher	di	Faixa I	
4	H	N	I	U	2	1 H	T	f	huin	di	Faixa I	
5	H	N	M	O	2	1 H	T	f	ahos	di	Faixa I	
6	H	N	I	E	2	1 H	T	f	heais	di	Faixa I	
7	H	N	M	A	3	1 H	T	f	bohacha	tri	Faixa I	
8	H	V	I	A	2	1 H	T	f	hasgar	di	Faixa I	
9	H	N	M	U	2	1 H	T	f	genhu	di	Faixa I	
10	H	V	M	E	2	1 H	T	f	moheu	di	Faixa I	
11	H	N	M	I	3	1 H	T	f	sohizu	tri	Faixa I	
12	H	N	I	A	2	1 H	T	f	hatu	di	Faixa I	

Fonte: Elaborado pela autora com dados do ALiB.

ANEXO

ANEXO A – Carta de aceite referente à autorização dos dados:



Projeto Atlas Linguístico do Brasil

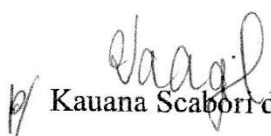
DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado ***Róticos em ataque silábico em algumas localidades paranaenses: dados do Atlas Linguístico do Brasil***, que desenvolvo sob a orientação da Dr.^a Dircel Aparecida Kailer, **declaro:**

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do **Projeto ALiB** a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Linguístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Linguístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

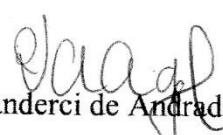
E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE da Orientadora.

Londrina, 29 de setembro de 2020.


 p/ Kauana Scaboni dos Santos

RG 13 390 075-6 SSP-PR

CIENTE:


 Profª Vanderci de Andrade Aguilera
 Diretora Científica